



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

A Guerra Civil Americana em “The Brothers” e outros contos de Louisa May Alcott: uma tradução comentada

Volume I

Lúcia Maria Freitas Paulino

Orientação: Prof. Doutora Ana Clara Birrento

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Área de especialização: *Ramo Profissionalizante*

Trabalho de Projeto

Évora, 2014



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURAS

A Guerra Civil Americana em “The Brothers” e outros contos de Louisa May Alcott: uma tradução comentada

Volume I

Lúcia Maria Freitas Paulino

Orientação: Prof. Doutora Ana Clara Birrento

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Área de especialização: *Ramo Profissionalizante*

Trabalho de Projeto

Évora, 2014

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido concluído sem a colaboração de todas as pessoas que me acompanharam ao longo desta caminhada. Gostaria de agradecer a todas elas pelas críticas e sugestões e, principalmente, pelo constante incentivo e apoio.

O meu agradecimento especial à Prof. Doutora Ana Clara Birrento, pela constante disponibilidade, encorajamento e preciosa partilha de conhecimentos.

Aos meus professores do Curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, pelo carinho com que me receberam na Universidade de Évora, pelos valiosos conhecimentos que me transmitiram e por despertarem em mim a paixão pela tradução.

À minha querida mãe, avó e irmão, pilares da minha vida, pelas palavras de apoio e afeto e por acreditarem sempre em mim.

Aos meus amigos Ana, Francisco e Joana, pelo incentivo, constante companheirismo e por me fazerem acreditar nas minhas capacidades para concretizar este projeto.

A todos, quero exprimir o meu profundo apreço e a minha sincera gratidão por terem tornado este projeto possível.

“There is no such thing as a perfect, ideal, or 'correct' translation. A translator is always trying to extend his knowledge and improve his means of expression; he is always pursuing facts and words.”

Peter Newmark, *A Textbook of Translation*

“The word 'translation' comes, etymologically, from the Latin for 'bearing across'. Having been borne across the world, we are translated men. It is normally supposed that something always gets lost in translation; I cling, obstinately, to the notion that something can also be gained.”

Salman Rushdie, *Imaginary Homelands: Essays and Criticism 1981-1991*

A Guerra Civil Americana em “The Brothers” e outros contos de Louisa May Alcott: uma tradução comentada.

Resumo

Este trabalho de projeto visa a apresentação de uma proposta de tradução dos contos “M.L.”, “The Brothers”, “A Hospital Christmas” e “Nelly’s Hospital”, da autoria de Louisa May Alcott, para a língua portuguesa.

Tomando como suporte teórico deste trabalho os procedimentos de tradução preconizados por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet e os contributos de Itamar Even-Zohar, Gideon Toury, André Lefevere e Lawrence Venuti no âmbito da tradução literária, pretendemos salientar a diversidade de fatores que entram em jogo na tradução literária enquanto processo intercultural, realçando que, neste campo, há sempre uma negociação entre perdas e ganhos nas apostas interpretativas que deverão ser feitas pelo tradutor.

Sendo certo que nenhum texto pode ser traduzido em *todos* os seus aspetos, e não tomando como adequada apenas uma abordagem, procurámos adotar uma posição de compromisso e responder ao que é exigido ao “tradutor negociador” (Eco, 2005). Desenvolvemos, assim, um exercício de equilíbrio que procurou não “apagar” o Outro, nem colocar em causa a fluência e legibilidade do texto traduzido.

Palavras-chave: tradução; tradução literária; procedimentos de tradução; cultura, o Outro

The American Civil War in “The Brothers” and other short stories by Louisa May Alcott: a commented translation

Abstract

This project work aims to present a translation of the short stories “M.L.”, “The Brothers”, “A Hospital Christmas” and “Nelly’s Hospital”, by Louisa May Alcott, into Portuguese.

Taking as theoretical basis the translation procedures advocated by Jean-Paul Vinay and Jean Darbelnet, and the contributions of Itamar Even-Zohar, Gideon Toury, André Lefevere and Lawrence Venuti in the context of literary translation, we intend to point out the diversity of factors that come into play in literary translation as an intercultural process and emphasise the fact that, in this field, there is always a negotiation between losses and gains in the interpretive choices made by the translator.

Certain that no text can be translated in *all* its aspects, we did not consider only one approach as adequate, and attempted to adopt a compromise position and respond to what is required to a " translator as a negotiator" (Eco, 2005). We tried to establish a balance that would not “erase” the Other, nor jeopardise the fluency and readability of the translated text.

Keywords: translation; literary translation; translation procedures; culture; the Other

Índice Geral

Introdução	1
Capítulo I- Fundamentos Teóricos e Metodológicos	7
1.1. – Estudos de Tradução: o estabelecimento de uma disciplina independente.....	7
1.2. – A metodologia da estilística comparada: proposta de Vinay e Darbelnet	10
1.3. – Tradução Literária: contributos de Even-Zohar, Toury e Lefevere.....	14
1.4. – Lawrence Venuti e a (in)visibilidade do tradutor	22
Capítulo II- Contextualização Literária	25
2.1. – Produção literária norte-americana no século XIX: a ascensão do Transcendentalismo	25
2.2. – A literatura feminina e a Guerra Civil	27
2.3. – Sobre Louisa May Alcott	29
2.4. – <i>Corpus</i> da tradução	32
Capítulo III - Traduções	36
M.L.	36
Os Irmãos	60
Um Natal no Hospital	77
O Hospital de Nelly	94
Capítulo IV- Opções tomadas no processo tradutório: reflexões e comentários.....	106
4.1. – Questões lexicais e sintáticas	106
4.2. – Questão dialetal: African American English	112
4.3. – Referências culturais e de época	113
4.4. – Nomes próprios e formas de tratamento	117
4.5. – Questão pronominal	120
4.6. – Expressões idiomáticas e metafóricas.....	120
4.7. – Interjeições	122
4.8. – Marcas gráficas do discurso direto	123
Considerações Finais	125
Referências Bibliográficas.....	129

Introdução

Desde tempos imemoriais que a tradução, ao dissolver as barreiras da distância e do tempo, funciona como veículo de transmissão de saber e de aproximação entre nações. A tradução literária, mais do que qualquer outra, dá a conhecer as formas de expressão e as ideias de um povo ou de uma cultura. Por isso, traduzir literatura é uma forma de introduzir numa língua e numa cultura ecos de outra língua e outra cultura.

Vivendo cada cultura dentro da sua própria língua que, formada em paisagens diferentes e com base em experiências diversas, reflete percepções distintas da realidade, a transferência cultural no processo de tradução será possível apenas se houver um árduo trabalho por parte do tradutor, o qual deverá estar intimamente familiarizado não somente com as línguas em presença, mas também com os códigos culturais respetivos: caber-lhe-á interpretar, interrogar, descodificar, codificar, decidir. Por isso, o tradutor deverá adotar uma atitude de aceitação e compreensão do “Outro”, para que o seu trabalho de mediador seja realizado com sucesso. Traduzir é, pois, a maneira mais atenta de ler, de pensar sobre as palavras, de procurar interpretá-las, de buscar sentidos. Ao invés do que acontece no caso de obras de natureza científica ou técnica, em que a prioridade recai sobre a função referencial da linguagem, os textos literários possuem um carácter fundamentalmente simbólico, apoiando-se em polissemias, jogos de palavras, metáforas e todo um variado leque de recursos que podem resultar em interpretações várias. João Almeida Flor sintetiza estes aspetos que o tradutor literário enfrenta na sua tarefa da seguinte forma:

(...) quando se trata de textos literariamente elaborados, o tradutor encontra-se perante estruturas abertas que comportam um elevado índice de plurissignificação, sistemas que, por natureza, são susceptíveis de gerar uma multiplicidade de interpretações, entre si congruentes, sem que seja possível determinar aprioristicamente o limite da aceitabilidade e pertinência absoluta de qualquer delas.” (Flor, 1988, p.17)

A tradução é, pois, um trabalho que apenas podemos empreender aceitando, *a priori*, uma certa margem de impossibilidade em termos de uma recuperação total de significados. Como Walter Benjamin (1923/2000) advoga no seu ensaio amplamente reconhecido “The Task of the Translator”, quando se fala em tradução demonstra-se que “there could be no objectivity, not even a claim to it” (p.17). O referido autor acrescenta ainda que “no translation would be possible if in its ultimate essence it strove for likeness to its original” (p.17). De facto, de todas as formas que a tradução pode

assumir, apenas a tradução literária permite ao tradutor, de forma consistente, partilhar do “processo criativo” (Landers, 2001, p.5).

Reconhecendo a tradução literária como uma forma de desvelar a relação/conflito entre duas línguas, duas identidades culturais, dois tempos, dois espaços, duas visões do mundo, apresentamos no presente trabalho de projeto uma proposta de tradução de quatro contos de Louisa May Alcott: “M.L”, “The Brothers”, “A Hospital Christmas” e “Nelly’s Hospital”. Louisa M. Alcott, considerada uma das mais proeminentes figuras da literatura feminina americana do século XIX, em cuja obra se pode encontrar, entre outros, o grande sucesso *Little Women* (1868), teve uma vida literária notável e multifacetada. A sua produção não se cingiu a histórias destinadas a um público juvenil, tampouco se ateuve aos temas e estilos postulados por uma sociedade dominada por vozes literárias masculinas.

Nascida no seio de uma família pouco ortodoxa à luz dos princípios da época, defensora de uma revisão da teoria educacional, da causa abolicionista e dos direitos femininos, Louisa M. Alcott vivenciou as discussões filosóficas, políticas e pedagógicas dos seus pais, Amos Bronson Alcott e Abigail (Abba) May Alcott, os quais contribuíram com um legado de respeito, encorajamento e esperança em todas estas causas e instilaram em Louisa um espírito de luta e inconformismo que se reflete na sua criação literária.

Quando a Guerra Civil eclodiu, Louisa alistou-se como enfermeira e foram as cartas que enviava para casa que serviram de base ao livro *Hospital Sketches* (1863), um marco na sua carreira como escritora. Esta experiência de vida deu-lhe a matéria-prima de que necessitava para escrever uma série de contos que denunciavam, de maneira realista, uma sociedade ferida:

Throughout her literary career (...) Alcott returned to the war to reimagine the relation between women and nationhood – or, more specifically, between the disorderly body of the woman author and the diseased body politic of the country at war. (Young, 1999, p.71)

Interpretado no contexto da Guerra Civil, pano de fundo dos contos que nos propomos traduzir, o trabalho de Louisa M. Alcott oferece-nos uma visão das construções de feminilidade, masculinidade, guerra e identidade nacional, e revela uma autora determinada em usar a sua ficção como forma de dar voz a ideais que quebravam as convenções da sociedade em que vivia. Nas palavras de Sarah Elbert (1997), Louisa

“deployed mulattos, mulattas, white women, white men, as well as African-born heroes and heroines that often radically transgressed conventional genre boundaries” (p. xxii).

Na escolha dos contos a traduzir neste trabalho pesou não somente a sua relevância para o conhecimento de uma faceta menos explorada desta autora tão prolífica no contexto português, mas também os desafios que o conto pudesse apresentar à tradução. Por ser uma pesquisa situada dentro dos Estudos de Tradução, maior ênfase foi dada aos conceitos teóricos utilizados na realização da tradução. Os aspetos literários, bem como aspetos históricos e culturais, também intrínsecos à conceção de tradução das teorias estudadas, não deixaram de ser considerados.

Especificamente no capítulo I são apresentadas, de forma sucinta, as principais visões e teorias que são hoje consideradas um contributo fundamental para a construção do que se convencionou chamar Estudos de Tradução. Na tentativa de reunir produtivamente o trabalho prático com a reflexão teórica, são expostos os pressupostos teóricos sobre os quais assenta a proposta de tradução apresentada no presente projeto. Neste ponto, é dado destaque aos procedimentos técnicos de tradução descritos por Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, estudiosos que desenvolveram um modelo fundamentado numa linha linguística e vinculado à estilística comparada. É ainda dada especial atenção à teoria dos polissistemas proposta por Itamar Even-Zohar, a qual inaugurou um novo olhar sobre o fenómeno tradutório. Desta teoria emergiu a conceção da literatura traduzida como um sistema entre os demais sistemas constituintes do polissistema literário, em constante, mutável e tensa relação entre si. O modelo proposto por Even-Zohar traçou um complexo mapa de relações entre sistemas e forças de natureza e intensidade diversas, onde a atividade tradutória é determinada pelas relações do polissistema alvo. Partindo da visão sistémica de Even-Zohar, Gideon Toury impulsionou o modelo teórico conhecido como *Descriptive Translation Studies* (DTS), desenvolvendo uma metodologia para o estudo das traduções baseado no conceito de *norma*. O estudioso cunhou os termos *aceitabilidade* e *adequação*, conceitos que assumem um papel de relevo na proposta de tradução aqui apresentada, onde se tentou encontrar a justa medida entre a cultura de partida e a cultura de chegada. Os trabalhos desenvolvidos por estes estudiosos contribuíram para que os estudos de tradução passassem a operar não somente ao nível da palavra e do texto, como até então se fizera, mas sim ao nível da cultura e da história, e não com ênfase exclusivo no texto de partida, mas trazendo o foco para o texto de chegada e para o público-alvo da tradução.

As contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti, com destaque para os conceitos de reescrita e patronagem do primeiro e para a reflexão pioneira sobre a (in)visibilidade do tradutor do segundo, são também referidas neste capítulo. Pese embora estes dois estudiosos trilhem caminhos teóricos distintos, ambos procuram desvelar o véu de relações entre a tradução e as ideologias dominantes que determinam a sua prática.

O pensamento que prevalece nos dias de hoje, e para o qual os estudiosos supracitados contribuíram grandemente, é o de que a tradução leva a marca subjetiva do seu tradutor, que o seu trabalho é interpretativo, não sendo possível, pois, fazer com que uma obra troque simplesmente de idioma. Hoje, recriamos, transcriamos, reescrevemos a obra na tradução. A tradução não pode ser entendida como a transferência ou a reprodução do significado original:

[T]ranslation might better be viewed as one instance in which language can be seen as always in the process of modifying the original texts, of deferring and displacing for ever any possibility of grasping that which the original text desired to name. (Gentzler, 2001, p.161).

Deste modo, a contemplação neste trabalho de pilares teóricos distintos entre si, mas não excludentes, é intencional e visa confirmar a atividade tradutória como um processo abrangente e multidisciplinar, que integra perspetivas tão distintas como a linguística, sociocultural e histórica.

O capítulo II apresenta um panorama histórico e literário da sociedade norte-americana no século XIX e contextualiza a autora Louisa M. Alcott e a respetiva obra na sua época. O estudo de alguns aspetos relacionados com a corrente estética da época e com o contexto em que a autora produziu a sua obra literária permitiram uma maior compreensão de questões de forma associadas à escrita de Louisa M. Alcott, bem como a intenção da autora e, conseqüentemente, uma maior compreensão da estratégia a adotar numa tradução que tentou respeitar essas mesmas especificidades. Como afirma Susan Bassnett:

O facto de muitos tradutores não perceberem que um texto literário se compõe de um complexo conjunto de sistemas que existe em relação dialéctica com outros conjuntos que extravasam as suas fronteiras levou-os frequentemente a concentrar-se em aspectos particulares de um texto em detrimento de outros. (Bassnett, 2003, p.131)

O capítulo III apresenta a proposta de tradução dos quatro contos seleccionados. Referimos que a escolha dos contos aqui traduzidos não foi algo premeditado ou pré-estabelecido. Antes resultou de um “reencontro” com a obra de Louisa M. Alcott

no âmbito do curso de Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução, durante o qual tivemos oportunidade de, com o mesmo entusiasmo da primeira vez, reler a ficção desta autora reconhecida mundialmente e descobrir a riqueza e variedade da sua obra.

No capítulo IV é feita uma análise das opções tomadas durante o demorado e minucioso processo que foi esta tradução literária. Sendo a tradução um processo complexo, em que o tradutor é instado a tomar decisões e a desenvolver determinadas estratégias que lhe permitam não só “apropriar-se” do texto de partida, mas também garantir a sua transmissão, este capítulo é dedicado à explicitação das opções tomadas durante o processo tradutório *per se*, tendo por base as teorias expostas no capítulo I. O capítulo não aborda pormenorizadamente todas as dificuldades com que nos deparámos no processo tradutório, mas foram seleccionados casos que colocam em evidência as relações entre língua/cultura de partida e língua/cultura de chegada. Não obstante tratarmos aqui de uma tradução comentada, como o título do presente projeto indica, optámos por expressar as nossas considerações sobre os procedimentos tradutórios num capítulo especificamente destinado a este efeito. Tal opção deve-se ao facto de considerarmos que os comentários à tradução, surgindo em notas de rodapé a acompanhar o texto, quebrariam a fluidez na leitura do texto traduzido e poderiam ter um efeito desviante da atenção do leitor em relação ao mesmo, tantas foram as oportunidades de reflexão em torno de palavras, expressões e frases que suscitaram uma análise mais cuidada. Decidimos, então, apresentar os nossos comentários de acordo com categorias problemáticas (questões lexicais, sintáticas, idiomáticas, culturais, entre outras), considerando que, desta forma, podem ser explicitadas as opções tomadas durante o processo tradutório, justificadas com base nas diretrizes que serviram de orientação à presente tradução, sem comprometer o texto literário que constitui o *corpus* deste trabalho.

É importante sublinhar que este projeto de tradução, excluindo a adoção de uma posição extremista, procurou pautar-se pelo equilíbrio entre a cultura de partida e a cultura de chegada, optando por uma utilização híbrida das estratégias de *aceitabilidade/adequação* (segundo a designação de Toury) ou *domesticação/estrangeirização* (segundo a designação de Venuti). Esta posição justifica a inclusão, no texto traduzido, de algumas notas de rodapé que não se encontram no texto original e que se prendem com aspetos culturais que poderiam oferecer maior dificuldade ao leitor português. Atendendo a que cada conto pode ser lido individualmente, optámos por inserir em momentos distintos uma nota do tradutor que visa esclarecer o conceito de “contrabando” conforme

utilizado no texto de Louisa M. Alcott. Assumindo que este é um conceito desconhecido para o leitor do contexto de chegada, e com o intuito de desambiguar possíveis leituras que o termo poderia suscitar, considerámos necessária esta opção.

O Volume II deste projeto consiste na reprodução dos textos originais que serviram de *corpus* para a proposta de tradução aqui apresentada. Para maior facilidade de consulta, tendo em vista a leitura simultânea e comparada dos textos, optámos pela constituição de um volume à parte.

Este trabalho não pretende, de modo algum, ser exaustivo e definitivo. No entanto, por se tratar de uma tradução inédita, esperamos poder contribuir para o descortinar de uma faceta menos divulgada da obra de Louisa M. Alcott no contexto português da literatura traduzida.

A referenciação das obras consultadas e citadas no presente trabalho de projeto obedece às Normas da American Psychological Association (APA).

Capítulo I- Fundamentos Teóricos e Metodológicos

1.1. – Estudos de Tradução: o estabelecimento de uma disciplina independente

Interest in translation is practically as old as human civilization, and there is a vast body of literature on the subject which dates back at least to CICERO, in the first century BC (...). However, as an academic discipline, translation studies is relatively young, no more than a few decades old. Although translation has been used and studied in the academy for much longer, mainly under the rubric of comparative literature or contrastive linguistics, it was not until the second half of the twentieth century that scholars began to discuss the need to conduct systematic research on translation and to develop coherent translation theories. (Baker, 1998, p.277)

Apesar do interesse que sempre rodeou o fenómeno da tradução e da vastíssima produção bibliográfica que foi produzida sobre os seus aspetos teóricos, práticos, técnicos e historiográficos, até à segunda metade do século XX as publicações sobre a tradução eram, na sua generalidade, aleatórias e surgiam espalhadas em revistas de áreas disciplinares já estabelecidas (por exemplo, a Linguística Aplicada ou a Literatura Comparada). Pese embora a atividade tradutória tenha uma história milenar, podemos afirmar que o surgimento de uma reflexão sistemática sobre a tradução e a afirmação dos Estudos de Tradução enquanto disciplina independente ocorreram apenas na década de 1970. James Holmes foi um estudioso pioneiro na tentativa de mapear os limites e as especificidades da tradução enquanto objeto de estudo de uma disciplina idealmente autónoma. Como declara no seu ensaio “The Name and Nature of Translation Studies” (1972/2000), que, de acordo com Edwin Gentzler (2001), é hoje aceite como texto “fundacional” deste campo de conhecimento:

After centuries of incidental and desultory attention from a scattering of authors, philologists, and literary scholars, plus here and there a theologian or an idiosyncratic linguist, the subject of translation has enjoyed a marked and constant increase in interest on the part of scholars in recent years, with the Second World War as a kind of turning point. (Holmes, 2000, p.173)

Ao invés das propostas apresentadas por vários teóricos da tradução (cf. Georges Mounin, 1963; J. C. Catford, 1965; Eugene Nida, 1964, 1969), que tentavam construir um arcabouço teórico da tradução em articulação com a linguística, James Holmes propõe a emancipação desta disciplina, procurando criar um espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma reflexão sobre a teoria e a prática da tradução, e justifica a criação de uma “nova” disciplina a partir do que considera o fracasso de toda uma

tradição teórica. Como declara no seu ensaio seminal, todas as teorias de tradução até então propostas pelas disciplinas institucionalizadas

are in reality little more than prolegomena to such a general translation theory. A good share of them, in fact, are not actually theories at all, in any scholarly sense of the term, but an array of axioms, postulates, and hypotheses that are so formulated as to be both too inclusive (covering also non-translative acts and non-translations) and too exclusive (shutting out some translatory acts and some works generally recognized as translations). (Holmes, 2000, p.178)

Neste ensaio, Holmes não somente sugeriu um nome para a disciplina em ascensão, como delineou a estrutura da nova disciplina, de carácter fundamentalmente empírico, que foi subsequentemente apresentada por Gideon Toury no esquema que se segue.

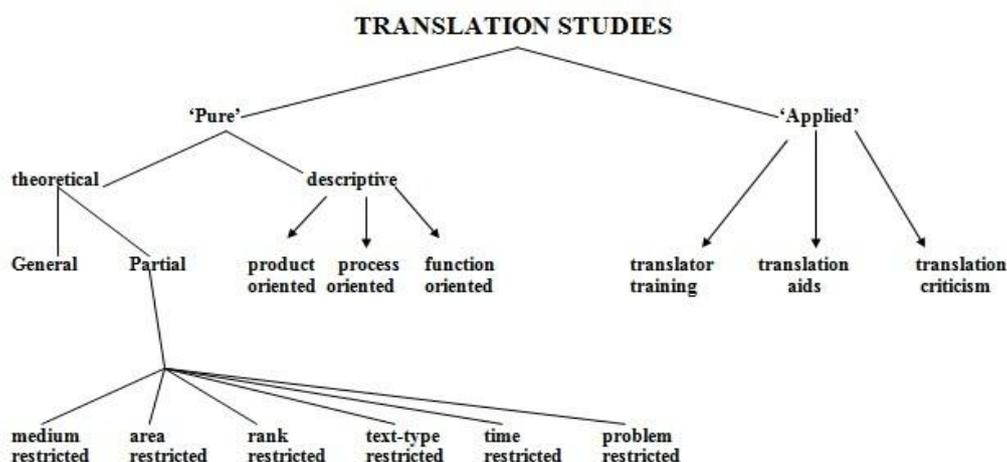


Figura 1. Mapa de Holmes dos Estudos de Tradução (de Toury, 1995, p.10)

Holmes divide os Estudos de Tradução em duas grandes áreas: a pura e a aplicada. A primeira subdivide-se em estudos descritivos de tradução, que descrevem o fenómeno da tradução e a forma como se manifesta, e teoria da tradução, que estabelece os princípios gerais por meio dos quais esses fenómenos podem ser explicados e previstos. A segunda implica a “utilização” da informação obtida através e pela prática da tradução e subdivide-se em três áreas principais: formação de tradutores, a necessidade de ferramentas para a tradução e a crítica da tradução.

Importa aqui destacar os estudos descritivos de tradução, o ramo da disciplina que mantém um contacto mais próximo com os fenómenos empíricos estudados, e que Holmes (2000) dividiu em pesquisa focada no produto (*product-oriented*), na função

(*function-oriented*) e no processo (*process-oriented*) (pp.176-177). A primeira (*product-oriented*), que, tradicionalmente, assume um papel relevante nos estudos descritivos de tradução, descreve as traduções existentes. Pressupõe a descrição de traduções isoladas ou descrição com foco no texto e, numa segunda fase, uma descrição comparativa de um *corpus* mais amplo de traduções de um determinado período, língua e/ou de um tipo textual ou discursivo. O ramo orientado para a função (*function-oriented*) mais do que um estudo de textos, é um estudo de contextos uma vez que procura descrever a função da tradução na situação sociocultural recetora. Por fim, a pesquisa orientada para o processo (*process-oriented*) volta-se para o processo ou para o ato tradutório em si e debruça-se sobre o que acontece exatamente na “pequena caixa-preta” da “mente” do tradutor enquanto cria um texto novo e mais ou menos coincidente numa outra língua.

De referir que a formulação de Holmes não pressupõe compartimentos estanques como o esquema acima apresentado poderia sugerir; pelo contrário, cada uma destas ramificações fornece materiais para as outras e os resultados da pesquisa realizada numa vertente irão, necessariamente, influenciar as outras numa relação dialética (Holmes, 2000, p.183)

De acordo com Gentzler (2001), Holmes advoga que o foco dos estudos de tradução deve ser o processo de tradução, com uma análise das escolhas feitas pelo tradutor de entre uma miríade de possibilidades (p.96). De facto, no seu ensaio “On Matching and Making Maps: from a Translator’s Notebook” (1973-74/2005), o estudioso questiona a possibilidade de “equivalência” nos termos em que é tradicionalmente teorizada ao referir-se à tradução de um poema:

Put five translators onto rendering even a syntactically straight-forward, metrically unbound, imagically simple poem like Carl Sandberg’s “Fog” into, say, Dutch. The chances that any two of the five translations will be identical are very slight indeed. Then set twenty-five other translators into turning the five Dutch versions back into English, five translators to a version. Again, the result will almost certainly be as many renderings as there are translators. To call this equivalence is perverse. (Holmes, 2005, p.53)

Chamando assim a atenção para o desenrolar do processo tradutório, Holmes introduz o elemento da “subjetividade” que, como lembra Gentzler (2001, p.96), as teorias da tradução sempre evitaram. Esta noção seria uma forma embrionária da noção atual e tão discutida de “visibilidade” do tradutor. De certo modo, é esperado que o texto traduzido se assemelhe ao seu original, uma vez que este é o ponto de partida. No entanto, durante o processo ocorrem transformações, pois “interpretar não é traduzir”

(Eco, 2005, p.232), mas traduzir implica interpretar, sendo que a interpretação precede sempre a tradução. Assim, qualquer tradução traz sempre consigo as marcas do tempo, da história, do contexto, das circunstâncias, dos objetivos e das perspectivas do seu realizador, sendo que a tradução de cada palavra implica uma atuação sobre a obra original.

1.2. – A metodologia da estilística comparada: proposta de Vinay e Darbelnet

Várias são as taxonomias que têm vindo a ser desenvolvidas para designar os procedimentos de tradução. No entanto, os pioneiros destas sistematizações foram Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet, que, em 1958, no âmbito da sua *stylistique comparée*, compilaram uma primeira série de procedimentos técnicos de tradução.

Os autores explicam que não pretendem de modo algum dar uma coleção de “receitas” cuja aplicação automática conduziria a uma automatização da tradução, tampouco partem da crença de que existem soluções únicas. No entanto, creem que o confronto entre dois sistemas estilísticos pode oferecer orientações gerais e, em alguns casos, bem precisas para o processo de tradução, capazes de levar o tradutor a identificar as dificuldades encontradas, a classificá-las em categorias operacionais e a encontrar soluções sistemáticas para os problemas de tradução (Vinay & Darbelnet, 1975, p.27).

Vinay e Darbelnet aplicaram aos problemas da tradução as bases teóricas da escola saussuriana. Os autores fundamentaram o desenvolvimento da sua metodologia em definições estabelecidas pela Linguística Estruturalista, retomando noções fundamentais como os conceitos de signo linguístico, significado e significante, língua e fala. Dedicam ainda o seu estudo às unidades sobre as quais o tradutor opera e estabelecem como unidade de tradução o menor segmento do enunciado, cuja coesão de signos é tal que, se fossem traduzidos isoladamente, não se entenderiam (Vinay & Darbelnet, 1975, p.37). Segundo os autores, unidade de pensamento, unidade lexicológica e unidade de tradução são termos equivalentes, pois tais unidades expressam a mesma realidade a partir de perspectivas diferentes. Referem que:

Le traducteur (...) part du sens et effectue toutes ses opérations de transfert à l'intérieur du domaine sémantique. Il lui faut donc une unité que ne sois pas exclusivement formelle, puisqu'il ne travaille sur la forme qu'aux deux extrémités de son raisonnement. Dans ces conditions, l'unité à dégager est l'unité de pensée,

conformément au principe que le traducteur doit traduire des idées et des sentiments et non des mots. (Vinay & Darbelnet, 1975, p.37)

Estabelecidos os princípios teóricos da Estilística Comparada, Vinay e Darbelnet procuram descrever de forma sistemática os diferentes métodos ou procedimentos utilizados pelos tradutores, condensando-os em sete procedimentos estabelecidos numa escala crescente de complexidade.

Estes procedimentos distribuem-se por dois métodos gerais de tradução: a chamada *tradução direta*, ou literal, e a *tradução oblíqua*. A tradução direta é a que se caracteriza por uma transposição da mensagem na língua de partida para a língua de chegada, elemento por elemento. Segundo os autores, esta tradução é tanto mais possível quanto maior for a semelhança entre as línguas e culturas em questão. Assim, estas traduções são baseadas em categorias de paralelismo, que podem ser estruturais ou conceptuais. No entanto, é comum encontrar lacunas na língua de chegada que precisam de ser preenchidas por elementos correspondentes para que a impressão geral do conteúdo comunicativo seja a mesma para as duas mensagens (Vinay & Darbelnet, 1975, p.46). Pode acontecer que, por diferenças estruturais ou metalinguísticas, certos efeitos linguísticos não possam ser transferidos para a língua de chegada sem que haja um deslocamento ao nível sintático e semântico, e os autores dizem que nesse caso é preciso utilizar um método mais complexo do que a transposição de elemento por elemento, os chamados métodos de tradução oblíqua.

Os procedimentos chamados de *empréstimo*, *decalque* e *tradução literal* foram inseridos no eixo da tradução direta, e as categorias da *transposição*, *modulação*, *equivalência* e *adaptação* foram identificadas no eixo da tradução oblíqua. As definições que se seguem são tomadas dos autores (Vinay & Darbelnet, 1975, pp.47-54).

O *empréstimo* é o método mais simples de todos os procedimentos de tradução. Ele ocorre quando palavras ou expressões estrangeiras são utilizadas pelo tradutor, geralmente por dois motivos: a) para preencher uma lacuna, normalmente metalinguística (por exemplo, uma técnica ou conceito desconhecido na língua de chegada), ou b) para garantir no texto de chegada a cor local da língua de partida.

O segundo procedimento, o *decalque*, pode ser dividido em dois tipos: lexical e estrutural. É um tipo especial de empréstimo, relativo a um grupo de palavras, no qual é inserida uma nova forma de expressão, sem com isso subverter a estrutura sintática da

língua de chegada, ou é incluída na língua de chegada uma nova construção. Em ambos os casos, traduz-se literalmente cada um dos elementos da língua de partida.

Na *tradução literal*, ou palavra por palavra, há uma transferência direta do texto de partida para o texto de chegada, porém a idiomaticidade e gramaticalidade da língua de chegada são asseguradas. Pode acontecer entre línguas distantes, mas que possuam traços metalinguísticos compartilhados, ainda que seja mais frequente entre línguas e culturas próximas.

Vinay e Darbelnet (1975) referem que, em alguns casos, se afigura necessária a utilização do método da tradução oblíqua, a saber: quando a mensagem traduzida elemento por elemento tiver um significado diferente da língua de partida; quando a tradução literal produzir uma mensagem sem sentido; quando a mensagem for estruturalmente impossível; quando não existe na experiência metalinguística da língua de chegada uma expressão correspondente; quando a expressão existente não corresponde ao mesmo registo da língua de partida (p.49).

O quarto procedimento, a *transposição*, subdivide-se em transposição obrigatória e transposição facultativa. Este procedimento consiste na mudança da categoria gramatical dos elementos que constituem o segmento a traduzir, sem que haja mudança no significado da mensagem. Há casos em que são possíveis tanto traduções literais como transposições. Contudo, a escolha dependerá do tradutor e dos efeitos ou nuances que pretende conseguir utilizando uma ou outra forma.

A *modulação* consiste em reproduzir a mensagem da língua de partida na língua de chegada, mas sob um ponto de vista diferente, o que reflete uma diferença no modo como as línguas interpretam a experiência do real. O uso deste procedimento justifica-se quando um segmento do texto é gramaticalmente correto, mas inapropriado ou estranho na língua de chegada. Tal como a transposição, este procedimento pode ser obrigatório ou opcional.

As *equivalências* são casos mais radicais de modulação, muito comuns, por exemplo, para expressões idiomáticas, provérbios, interjeições, etc. Neste caso, uma mesma situação é expressa em dois textos com métodos estilísticos e estruturais totalmente distintos. Um exemplo deste procedimento seria a tradução de *better lose the saddle than the horse* como *mais vale um pássaro na mão do que dois a voar*.

Conforme definido por Vinay e Darbelnet, o procedimento da *adaptação* é o limite extremo da tradução, aplicando-se em casos onde uma situação extralinguística referida no texto de partida não existe no contexto cultural da língua de chegada. Para

suprir esta dificuldade, o tradutor tem de criar uma nova situação comparável, ou que seja considerada como equivalente, na língua de chegada. São as chamadas “equivalências situacionais” mencionadas pelos autores.

Vinay e Darbelnet defendem que só o conhecimento detalhado dos diversos procedimentos técnicos aplicáveis a determinado par de línguas fornece ao tradutor um conjunto de soluções alternativas para o processo de transferência entre as línguas. A reflexão sobre um conjunto de estratégias que podem ser utilizadas com sucesso perante determinados problemas de tradução otimiza o processo tradutório. Os seus estudos têm até hoje repercussão entre os teóricos da tradução pelo seu reconhecido pioneirismo e importância. Muitos teóricos, dando continuidade à linha de estudos iniciada por Vinay e Darbelnet, ofereceram posteriormente propostas de aprimoramento da metodologia, com a inclusão de novos procedimentos (cf. Vázquez-Ayora, 1977; Peter Newmark, 1988; Andrew Chesterman, 1997)¹.

As orientações de Vinay e Darbelnet foram estabelecidas como base teórica para a identificação, denominação e classificação das escolhas feitas ao longo do processo tradutório do *corpus* de traduções apresentado no presente projeto, sendo que nos permitiram delimitar como as realizações linguísticas do texto original se rematerializaram no texto traduzido na busca da solução mais adequada a cada caso. No entanto, e tendo presente que o código escrito de um texto literário é um código conotativo e imagético, cuja fonte inspiradora está na cultura que o envolve, considerámos ainda neste processo as contribuições de estudiosos como Itamar Even-Zohar, Gideon Toury, André Lefevere e Lawrence Venuti que, ultrapassando as fronteiras linguísticas, atentam aos aspetos culturais e aos diversos agentes envolvidos na complexa dinâmica social que condicionam e determinam a prática da tradução.

¹ O modelo que Vázquez-Ayora produz é quase idêntico ao de Vinay e Darbelnet, identificando dois macro-eixos – a tradução literal e a oblíqua – ao longo dos quais se distribuem procedimentos técnicos de execução, ampliados a partir dos descritos pelos estudiosos canadianos. O modelo de Newmark, além de incluir procedimentos que não haviam sido encaixados nos modelos de Vinay e Darbelnet ou de Vázquez-Ayora, atenta aos conceitos de função de linguagem, tipo de texto e finalidade da tradução como elementos determinantes dos procedimentos a adotar. Newmark distingue dois eixos de tradução: a tradução semântica e a tradução comunicativa. Chesterman elenca um conjunto de estratégias de tradução que agrupa em três grupos distintos: estratégias sintáticas, que podem manipular a forma do texto executando alterações a nível sintático; estratégias semânticas, que podem manipular o sentido do texto; e estratégias pragmáticas, que podem manipular a mensagem, relacionando-se sobretudo com a informação que o tradutor inclui no texto de chegada que é orientada pelo seu conhecimento do possível leitor da tradução.

1.3. – Tradução Literária: contributos de Even-Zohar, Toury e Lefevere

As traduções literárias assumem um papel determinante no intercâmbio cultural e na imagem de outras culturas numa determinada sociedade. Há séculos que as literaturas mundiais absorvem verdadeiras “joias” escritas em contextos estrangeiros, transportadas para o contexto nacional através de traduções e consideradas obras consagradas na cultura recetora.

No contexto dos estudos dos textos literários e das suas traduções, Itamar Even-Zohar e Gideon Toury assumem uma posição de destaque pela sua contribuição inovadora. O objetivo inicial de Even-Zohar consistia em elaborar uma base teórica capaz de explicar as particularidades da história da literatura israelita e das traduções literárias realizadas nessa cultura. Tomando por base o conceito de sistema dos formalistas russos, Even-Zohar cunhou o termo *polissistema*, que enfatiza a natureza dinâmica e múltipla da sua conceção de sistema. A teoria dos polissistemas concebe uma cultura como um grande sistema internamente composto por subsistemas, e que se relaciona com outros sistemas paralelos. Nas palavras do teórico:

A multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent. (Even-Zohar, 1990, p.11)

Dentro do polissistema de uma cultura figura, entre outros, o sistema literário que, por sua vez, abriga o da literatura traduzida.

Um aspeto central na teoria de Even-Zohar é a noção de que os vários estratos e subsistemas estão sempre em constante competição entre si, na medida em que são hierarquicamente posicionados, sendo que há uma luta pela posição dominante entre os seus elementos. Estas relações de poder são concebidas através das imagens de *centro* e *periferia*, sendo o lugar central ocupado por aqueles que detêm maior poder dentro de um sistema, e a periferia ocupada por elementos menos dominantes. No caso do polissistema literário, há um estado de tensão permanente entre centro e periferia em que os diversos géneros literários disputam o lugar central. Assim sendo, o polissistema literário é constituído não somente por um repertório “canonizado”, que goza de um certo *status* dentro do sistema, mas também por formas “não-canonizadas”, menos valorizadas que tendem a ocupar a periferia. Não obstante, estas constituem um fator de evolução do polissistema, uma vez que, na visão de Even-Zohar (1990), a evolução

literária é resultado da “unavoidable competition generated by the state of heterogeneity” (p.91).

Os sistemas literários estão sempre em contacto com outros sistemas literários e exercem influências entre si, isto é, não se encontram circunscritos ao sistema cultural que integram. De acordo com o autor:

There is not one single literature which did not emerge through interference with a more established literature; and no literature could manage without interference at one time or another during its history. It has been substantiated that interference is the rule rather than the exception, whether it is a major or a minor occurrence for a given literature. (Even-Zohar, 1990, p.59)

Aparentemente, parece óbvio que a literatura traduzida ocupará sempre um lugar periférico, mas, de acordo com Even-Zohar, há três situações em que esta pode desempenhar uma posição preponderante no polissistema literário de chegada:

a) when a polysystem has not yet been crystallized, that is to say, when a literature is “young”, in the process of being established; (b) when a literature is either “peripheral” (within a large group of correlated literatures) or “weak”, or both; and (c) when there are turning points, crises, or literary vacuums in a literature. (Even-Zohar, 2000, pp.193-194)

No primeiro caso, em que a literatura jovem não consegue criar todas as formas e géneros literários, a literatura traduzida pode tornar-se central durante um determinado tempo; o mesmo princípio se aplica ao segundo caso, sendo que uma literatura fraca não produz todos os géneros de uma literatura maior e depende das traduções para a introdução de novidades e modelos conhecidos noutras culturas. Em situações como estas, os textos traduzidos servem não só como forma de importar ideias, mas como exemplos a serem seguidos pela literatura original; o terceiro caso ocorre quando os modelos literários consagrados não estimulam as novas gerações de escritores, que procuram novas ideias e formas. De referir, contudo, que em polissistemas fortes, como são, a título de exemplo, o francês ou o anglo-americano, que têm uma sólida tradição literária, a literatura traduzida poderá ficar relegada a uma posição periférica e a um papel secundário. Porém, a dinâmica dentro do polissistema pode criar pontos de viragem e, mesmo em literaturas fortes, modelos estrangeiros podem “infiltrar-se” e a literatura traduzida pode ocupar uma posição central.

Em síntese, podemos dizer que, quando a literatura traduzida ocupa uma posição periférica, ela tende a reforçar padrões existentes, seguindo de uma forma submissa os modelos estabelecidos pelo cânone literário. Em situações em que a tradução ocupa uma posição mais central no polissistema literário, a literatura traduzida pode exercer um

papel inovador, introduzindo novos elementos e importando repertórios e modelos de outras culturas. Neste caso, a tradução não tem como propósito a *aceitabilidade*, mas sim a transformação do sistema, através da ampliação do seu repertório, sendo que o texto tende à *adequação*, que implica uma reprodução das normas do texto de partida. Constatamos assim que a posição ocupada pela literatura traduzida no polissistema literário determina a prática da atividade tradutória numa cultura, isto é, as estruturas de poder estabelecem as diretrizes. Nas palavras do próprio Even-Zohar (1990), “translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system.” (p.51).

Estes pressupostos marcaram uma viragem radical na forma como a tradução literária e a literatura traduzida são entendidas: tradicionalmente remetida para a “margem” do que se definia como literatura nacional, ela é aqui encarada como fazendo não só parte integrante do sistema, como também estabelecendo relações dinâmicas que concorrem para a rutura e instauração de novos modelos ou, pelo contrário, asseguram a continuidade dos valores estabelecidos. É posta de parte qualquer abordagem isolacionista do texto traduzido, uma vez que o mesmo deixa de ser visto apenas como uma atividade linguística, mas como parte de um contexto cultural mais amplo.

Gideon Toury, ao basear-se na teoria de Even-Zohar, adotou uma visão sistémica da tradução, defendendo, à semelhança do seu mentor, que a literatura traduzida não seja dissociada do contexto histórico-social no qual se insere nem do sistema literário em questão.

Toury, adotando uma abordagem descritivista, propôs o estudo da tradução no contexto do paradigma conhecido como *target-oriented*, uma abordagem voltada para o polo recetor. Este foco principal de abordagem é o que a distingue da teoria normativa, com visão prescritiva, seguindo regras e normas sempre a partir do texto de chegada. A sua proposta caracteriza-se pela observação da tradução não no ponto de partida, mas no ponto de chegada, pois, geralmente, a necessidade de tradução é determinada pela cultura alvo, e deve preencher espaços ou lacunas que se fazem sentir nesse sistema. Nas palavras do autor:

cultures resort to translating precisely as a major way of filling in gaps, whenever and wherever such gaps manifest themselves (...) the more persuasive rationale is not the mere existence of something in another culture/ language, but rather the observation that something is ‘missing’ in the target culture which should have been there and which, luckily, already exists elsewhere. (Toury, 1995, p.27)

Na sua dimensão sociocultural, a tradução está sujeita a coerções várias, que vão além das diferenças entre o texto de partida e o texto de chegada e das diferenças sistémicas entre os pares de línguas envolvidos. Ao traduzirem, os tradutores adotam estratégias diferenciadas que se tornam visíveis nos diferentes produtos. Esta noção remete-nos para o conceito de *norma*, que o autor adaptou ao campo da tradução a partir da sociologia e antropologia.

Toury (1995) defende normas como valores gerais compartilhados por uma comunidade e apropriados pelos seus membros, que especificam o que é prescrito ou proibido, tolerado ou permitido numa determinada dimensão comportamental. Sendo assim, a interação entre os indivíduos não obedece ao acaso, os grupos humanos seguem normas definidas. É durante o processo de socialização que os indivíduos aderem ou não às normas, e essa escolha poderá acarretar sanções de vários tipos, podendo ser negativas ou positivas. As normas classificam o que pode ser considerado como certo ou errado, adequado ou inadequado, conveniente ou impróprio.

O autor entende ainda as normas como um fenómeno sociocultural entre dois extremos de uma escala de coerção sociocultural: de um lado estão as regras, vistas como gerais e absolutas, e do outro, as puras idiossincrasias, mais difusas e subjetivas. As normas podem variar não somente com o tempo, mas também entre as culturas. Elas absorvem diferentes graus de coerção e generalização de acordo com cada cultura, cada grupo, cada comunidade. Desta maneira, algumas normas podem tornar-se mais fortes enquanto outras podem ficar mais fracas. Toury oferece uma explicação sucinta:

each type of constraint may, and often does move into its neighbouring domain(s) through processes of rise and decline. Thus, mere whims may catch on and become more and more normative and norms can gain so much validity that, for all practical purpose, they become as binding as rules; or the other way round, of course. (Toury, 1995, p.54)

A partir dessas considerações sobre as normas e o seu funcionamento, Toury aplica esta noção ao contexto da tradução. Qualquer tradução interlinguística implica dois sistemas linguísticos e culturais, o que significa que terá o sistema de partida e de chegada como referências normativas distintas e, por conseguinte, será com o auxílio de ambos os sistemas normativos que o tradutor terá de resolver as dificuldades daí recorrentes.

Toury estabelece três categorias de normas especificamente ligadas à tradução: as normas iniciais, as normas preliminares e as normas operacionais.

As **normas iniciais** (*initial norms*) governam a decisão que o tradutor toma em relação aos dois sistemas, o da cultura de partida e o da cultura de chegada. Esta norma norteia o trabalho do tradutor, que pode optar por fazer uma tradução *adequada*, reproduzindo as relações textuais do texto de partida e mantendo, assim, uma certa estranheza em relação aos referentes culturais do contexto de chegada, ou *aceitável*, adotando os padrões da cultura e língua de chegada. Qualquer decisão será tomada em função não só da posição que a literatura traduzida tem no contexto recetor, mas também da posição que se pretende que a tradução ocupe no sistema da literatura traduzida.

De frisar que a escolha consciente por uma orientação em detrimento da outra não exige que ela seja mantida em todas as decisões tradutórias no decorrer do processo, pois *adequação* e *aceitabilidade* não são excludentes:

Even if no clear macro-level tendency can be shown, any micro-level decision can still be accounted for in terms of adequacy vs. acceptability. On the other hand, in cases where an overall choice has been made, it is not necessary that every single lower-level decision be made in full accord with it. (Toury, 1995, p.57)

As **normas preliminares** (*preliminary norms*) são aquelas que decidem a estratégia tradutória geral e a seleção dos textos a serem traduzidos. Nesta seleção, existem duas classes de considerações. A primeira diz respeito à escolha intencional dos tipos de texto a serem traduzidos – literários ou não literários –, decisões que muito frequentemente não são tomadas pelo tradutor, mas por outros agentes envolvidos nos processos de seleção, como as editoras e instituições educacionais. Neste âmbito, o contexto cultural que emoldura o processo tradutório assume extrema relevância na definição das “políticas” tradutórias da cultura de chegada. A título de exemplo, um autor que ganha um importante prémio literário, conquistando assim uma posição de relevância no sistema literário em que se insere, pode passar a ser um autor desejado pelo mercado livreiro, o que, por conseguinte, levará à importação das suas obras por outros sistemas literários, onde serão traduzidas.

A segunda consideração tem a ver com a tolerância à tradução indireta, ou seja, àquela que foi mediada por uma tradução prévia para outra língua e que, assim, é feita através de uma língua que não é a do texto que deu origem à tradução. No contexto português mais recente, a importação da obra de autores consagrados como o sueco Stieg Larsson é exemplo perfeito da aceitação da tradução indireta, mediada pela tradução para inglês.

A terceira categoria de normas é constituída pelas **normas operacionais** (*operational norms*), as quais dizem respeito às decisões tomadas durante o processo tradutório *per se* e afetam o modo como o material linguístico surge no texto de chegada, governando igualmente as relações entre o texto de partida e o texto de chegada, isto é, os traços que devem permanecer intactos e os que sofrem mudanças. Elas compreendem as normas matriciais e as textuais. As primeiras determinam a matriz do texto traduzido, ou seja, os acréscimos, as omissões, as alterações e as segmentações feitas com relação ao texto de partida. As segundas regem as opções linguísticas e estilísticas e afetam o nível microtextual. Estas subdividem-se em gerais, aplicáveis a qualquer tipo de tradução, ou particulares, aplicáveis apenas a tipos de texto e modos de tradução específicos (Toury, 1995, p.59).

Assim como um indivíduo que deseja ser aceite por um grupo de uma determinada comunidade é instado a adotar atitudes que lhe permitam fazer parte do todo, também o tradutor terá o seu trabalho facilitado caso consiga determinar que normas operam numa determinada comunidade e produzir, portanto, um texto que atenda às expectativas daquele grupo-alvo. Na perspectiva de Toury, a atividade tradutória desempenha um papel social e, por isso, está também sujeita a normas, sendo que serão as normas de uma dada comunidade literária que vão reger toda a atividade tradutória, desde o texto a ser traduzido até ao produto da tradução. Por isso:

The acquisition of a set of norms for determining the suitability of that kind of behavior, and for maneuvering between all the factors that may constrain it, is therefore a prerequisite for becoming a translator within a cultural environment. (Toury, 1995, p.53)

Pelas palavras de Venuti, na sua obra *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference* (1998), podemos observar como os estudos de Gideon Toury ampliaram conceitos e revolucionaram os Estudos de Tradução:

Today Toury's target emphasis is shared by any scholar or translator who would address translation in its own terms. His concepts and methods have in effect become basic guidelines (even when they aren't explicitly attributed to him) because they make translation intelligible in linguistic and cultural terms. When studying translation you can't avoid comparing the foreign and translated texts, looking for shifts, inferring norms, even when you know that all these operations are no more than interpretations constrained by the domestic culture. (Venuti, 1998, p.27)

Os Estudos Descritivos de Tradução, o conceito de polissistema de Even-Zohar e as normas de Toury lançaram as bases para o que viria a ser conhecido no campo dos estudos de tradução como a “viragem cultural”, associada ao trabalho de Susan Bassnett,

André Lefevere e, mais tarde, de Lawrence Venuti, sendo que as reflexões destes estudiosos procuram examinar as relações entre tradução, história e cultura.

Translations are not faithful or free as such, not ‘good’ or ‘bad’ forever, in all circumstances; rather, it is perfectly possible that they have to be faithful in some situations and free in others in order to work to the satisfaction of their initiators.(...) we are no longer ‘stuck to the word’, or even the text, because we have realised the importance of the context in matters of translation. (Bassnett & Lefevere, 1998, p.3)

Uma das questões observadas pelos autores prende-se com a noção de que as convenções literárias se alteram continuamente e que o texto está sujeito a diversas coerções de acordo com a época em que é escrito e o público ao qual se destina. Assim sendo, não existe *a* tradução, mas sim *as* traduções que estão inevitavelmente ligadas às forças do espaço e do contexto em que o ato tradutório ocorre. Lefevere (1992)² propõe ainda a associação da tradução aos conceitos de “manipulação” e “reescrita”:

Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices and the history of translation is also the history of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulation processes of literature as exemplified by translation, can help us towards a greater awareness of the world we live in. (Bassnett & Lefevere, 1992, p.vii)

A tradução de um texto literário implica sempre, naturalmente, alteração e recriação da obra original. O tradutor, seja mais ou seja menos visível, assume sempre uma função de sujeito interpretante, sendo o elemento que o torna mais imediatamente visível o léxico por ele utilizado e as implicações estilísticas inerentes a essas opções. O leitor terá acesso ao resultado da leitura do tradutor e da sua interpretação do texto, por isso, a tradução nunca poderá ser imparcial, carregará sempre uma marca do seu criador.

O texto literário não é meramente um invólucro de informações. Ao invés do texto não literário, onde a função referencial da linguagem assume papel primordial, no texto literário a linguagem assume uma dimensão plurissignificativa, há aspetos estéticos e estilísticos cuja reprodução fiel é inalcançável no momento de uma tradução, sendo que, por esse motivo, o tradutor não reproduz, recria, mesmo que se tente manter o mais próximo possível do texto de partida.

² Todas as referências a este autor reportam-se à obra *Translation, Rewriting and Manipulation of Literary Fame*, publicada nesta data.

O conceito de *fidelidade* na tradução do texto literário é, assim, desmistificado. Ele perde o seu significado primário de tentativa de reprodução de um texto para passar a relacionar-se com a inevitável interferência por parte do tradutor, pela sua interpretação e manipulação do texto. Essa visão da tradução como não tendo a tarefa de ser fiel a um original, mas a de pensar no próprio original como um texto dinâmico, sujeito a diferentes interpretantes e interpretações, vem destruir a noção de um original estanque e imune à ação do tempo e à interação entre culturas.

Lefevere sustenta ainda que nenhuma reescrita está isenta de certa ideologia e de certa poética. A reescrita pode introduzir novos conceitos, gêneros e recursos na cultura recetora. Dessa forma, o estudioso da tradução associa a história da tradução à história da inovação literária. No entanto, a tradução pode também reprimir as inovações e reforçar a poética vigente em dada época.

Existem, de acordo com Lefevere, dois mecanismos que controlam o sistema literário. Um deles atua de fora, e o outro, de dentro do sistema literário. Dentro do sistema literário, os agentes que exercem o controle são: os críticos, os revisores, os professores e tradutores. De fora, são pessoas ou instituições, alheias ao sistema literário, mas que detêm alguma forma de poder e que Lefevere denominou de “patronagem”. Elas podem impedir ou promover a leitura, a escrita e a reescrita da literatura e estão mais interessadas na ideologia da literatura do que na poética, portanto o patrono confere ao tradutor maior liberdade no que diz respeito à poética:

Patrons try to regulate the relationship between the literary system and the other systems, which, together, make up a society, a culture. As a rule they operate by means of institutions set up to regulate, if not the writing of literature, at least its distribution: academies, censorship bureaus, critical journals, and, by far the most important, the educational establishment. Professionals who represent the ‘reigning orthodoxy’ at any given time in the development of a literary system are close to the ideology of patrons dominating that phase in the history of the social system in which the literary system is embedded. (Lefevere, 1992, p.15)

O público-alvo que não tem acesso direto ao texto original depende totalmente da tradução para ter uma ideia da obra original e do seu autor. Segundo Lefevere, ao reescrever, o tradutor cria as imagens de um escritor, de um trabalho, de um período, de um gênero, às vezes até mesmo de toda uma literatura. A tradução é, de acordo com o teórico, a principal forma de reescrita, pois está sujeita a todo tipo de coerção e manipula a mensagem para projetar uma certa imagem ao serviço de determinados constrangimentos ideológicos.

1.4. – Lawrence Venuti e a (in)visibilidade do tradutor

Tendo como objetivo deixar transparecer no texto traduzido de Louisa M. Alcott traços que evidenciassem a sua condição de tradução e, conseqüentemente, expressassem a presença do tradutor, foram tidos em conta durante o processo tradutório alguns conceitos fundamentais preconizados por Lawrence Venuti.

Na obra *The Translator's invisibility: a history of translation* (1995), Venuti reflete sobre o estatuto da tradução fluente, que confere ao texto traduzido a ilusão de transparência e que leva os leitores a encararem a tradução de um texto como um “original”, o que torna a figura do tradutor imperceptível:

Under the regime of fluent translating, the translator works to make his or her work “invisible”, producing the illusory effect of transparency that simultaneously masks its status as an illusion: the translated text seems “natural”, i.e., not translated (Venuti, 1995, p.5).

De acordo com Venuti, a invisibilidade, termo que caracteriza a posição do tradutor no atual contexto anglo-americano, correlaciona a transparência do texto traduzido com a fluência do discurso tradutório. Segundo o teórico norte-americano:

Transparency occurs only when the translation reads fluently, when there are no awkward phrasings, unidiomatic constructions or confused meanings, when clear syntactical connections and consistent pronouns create intelligibility for the reader. (...) These formal techniques reveal that transparency is an illusionistic effect: it depends on the translator's work with language, but it hides this work, even the very presence of language, by suggesting that the author can be seen in the translation, that in it the author speaks in his or her own voice. (Venuti, 1995, p.287)

Venuti assume uma posição crítica em relação à estratégia de fluência, a qual procura apagar a intervenção do tradutor e anula a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Neste processo de reescrita, o tradutor submete-se a um ideal imperialista e domesticador, manipulando a língua para apagar não só o seu trabalho, mas para se “aniquilar” a si mesmo. Para reversão deste quadro, Venuti propõe o recurso à “fidelidade abusiva”, que implica uma rejeição da fluência que domina a tradução contemporânea em prol de uma estratégia oposta, de resistência aos valores culturais dominantes da língua de chegada, que impede o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor, contribuindo, assim, para a preservação da diferença linguística e cultural do texto de partida ao produzir traduções que demarcam os limites dos valores dominantes na cultura de chegada.

Ao colocar no palco das discussões a questão do caráter autoral da atividade tradutória, Venuti recupera dois princípios delineados por Friedrich Schleiermacher, em 1813. Schleiermacher defendia a existência de duas possibilidades para o tradutor:

Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direção a ele. Estes dois caminhos são tão diferentes que é necessário seguir exclusivamente um deles, com tanto rigor quanto possível (...). (Schleiermacher, 2003, p.61)

Schleiermacher defende o primeiro método, que promove o distanciamento entre o leitor da tradução e o autor do texto original, em detrimento do segundo, que aproxima o autor do contexto do leitor e “que pretende trazer-lhe magicamente à presença imediata o autor estrangeiro e apresentar a obra como ela seria se o próprio autor a tivesse escrito originariamente na língua do leitor” (Schleiermacher, 2003, p.105).

Venuti designou estes dois métodos como *estrangeirização* (*foreignizing translation*), referindo-se ao método de distanciamento que privilegia o contexto de partida e transporta o leitor da tradução até ao autor do texto original, e *domesticação* (*domestication*), referindo-se ao método que dá primazia aos valores culturais da língua de chegada, aproximando o autor do texto original ao leitor da tradução através da estratégia da fluência e transparência antes referidas.

O teórico reconhece que, concretamente no contexto anglo-americano, predomina a tradição da tradução domesticadora, sendo que esta funciona como um instrumento de dominação da cultura recetora, ao serviço de agendas políticas, económicas e culturais desse mesmo sistema. Essa estratégia visa facilitar o trabalho do leitor, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que lhe é familiar, para que fique “fluente” e para que contribua para a manutenção da hegemonia. De acordo com Venuti (1995), “the translator’s invisibility is symptomatic of a complacency in Anglo-American relations with cultural others, a complacency that can be described – without too much exaggeration – as imperialistic abroad and xenophobic at home” (p.17).

À semelhança de Schleiermacher, também Venuti recomenda a prática de uma tradução estrangeirizadora, reconhecendo esta forma de tradução como uma estratégia de “resistência” não só à tradição domesticadora que domina a cultura tradutória, mas também à hegemonia da cultura recetora. Para o autor:

The “foreign” in foreignizing translation is not a transparent representation of an essence that resides in the foreign text and is valuable in itself, but a strategic construction whose value is contingent on the current target-language situation.

Foreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language. In its effort to do right abroad, it must do wrong at home, deviating enough from native norms to stage an alien reading experience – choosing to translate a foreign text excluded by domestic literary canons, for instance, or using a marginal discourse to translate it. (Venuti, 1995, p.20)

Esta perspectiva do teórico norte-americano poderia ser objeto de controvérsia, sendo que Venuti parece sugerir uma estratégia de estrangeirização que poderia facilmente ser classificada como uma má tradução no que ao aspeto formal diz respeito. No entanto, na sua obra *The Scandals of Translation: towards an ethics of translation*, Venuti esclarece:

A translation project can deviate from domestic norms to signal the foreignness of the foreign text and create a readership that is more open to linguistic and cultural differences – yet not resorting to stylistic experiences that are so estranging as to be self-defeating. The key-factor is the translator’s ambivalence toward domestic norms and the institutional practices in which they are implemented, a reluctance to identify completely with them coupled with a determination to address diverse cultural constituencies, elite and popular. (Venuti, 1998, p.87)

Venuti retomou a prática da tradução sob uma nova perspectiva, uma perspectiva que toma consciência do Outro na sua alteridade e que não procura apagá-lo. O leitor é capaz de identificar certa estranheza e está consciente de que aquele texto tem origem numa cultura, língua e/ou tempo diferentes dos seus. Quanto mais se evidenciar a estrangeiridade do texto, maior a oportunidade de se desenvolver um público leitor mais aberto às diferenças linguísticas e culturais. Reconhecido pela sua oposição à hegemonia do inglês, Venuti procura expor as relações assimétricas presentes na maioria das traduções e chamar a atenção do leitor para a intervenção inevitável do tradutor, para a impossibilidade do acesso “direto” aos pensamentos e intenções do autor, e para a necessidade de reconhecer que qualquer tradução tem por base um texto pertencente a outra cultura e deve manter as marcas da sua origem, numa missão de valorização e reconhecimento do Outro.

Capítulo II- Contextualização Literária

2.1. – Produção literária norte-americana no século XIX: a ascensão do Transcendentalismo

Em meados do século XIX, assistiu-se nos Estados Unidos da América ao desenvolvimento de uma escrita autônoma que abordava temas americanos em moldes especificamente americanos: o legado da história americana, o confronto com o território e espaço americanos, a fronteira, a natureza da democracia, e um novo entendimento do lugar da América no mundo. Entre os escritores mais proeminentes desta época encontram-se Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Herman Melville e Walt Whitman, enquanto o movimento transcendentalista se configurava como o mais influente dos movimentos literários de então. O transcendentalismo foi uma filosofia idealista que começou como um protesto contra o estado em que a cultura e a sociedade se encontravam na época. Privilegiava a natureza em detrimento da estrutura religiosa formal, dava ênfase ao espiritual sobre o material, ao sentimento sobre o raciocínio, ao espírito individual em detrimento do dogma. Os transcendentalistas advogavam a existência de um ideal espiritual transcendente do físico e do empírico, e somente acessível através de uma consciência intuitiva capaz de gerar conhecimento, que é condicional ao individualismo. Os seguidores desta ideologia rejeitaram o Puritanismo conservador dos seus antecessores, atribuíram novo valor à natureza, que se tornou a sua “Bíblia” (High, 1986, p.42), e cultivaram o conceito de “autoconfiança”, reconhecendo no homem a capacidade de atingir a verdade intuitivamente e de alcançar um nível superior do conhecimento que vai além dos sentidos. Esta ideologia representava a possibilidade de anular a influência da ancestralidade e da tradição e renovar os valores morais e individuais de uma nação.

Em 1836, Emerson publicou anonimamente o seu primeiro ensaio intitulado *Nature*, através do qual emergiram os principais preceitos do transcendentalismo: a celebração do individualismo, a crença na experiência direta com Deus através da natureza, a primazia do instinto humano em detrimento da convenção social. A publicação deste ensaio e de posteriores obras de Emerson foi de extrema importância para o surgimento de uma produção literária originalmente americana, já que estas surgiram como um estímulo para que os americanos iniciassem uma produção cultural que refletisse a sua própria identidade:

OUR age is retrospective. It builds the sepulchres of the fathers. It writes biographies, histories, and criticism. The foregoing generations beheld God and nature face to face; we, through their eyes. Why should not we also enjoy an original relation to the universe? Why should not we have a poetry and philosophy of insight and not of tradition, and a religion by revelation to us, and not the history of theirs? (...) The sun shines to-day also. There is more wool and flax in the fields. There are new lands, new men, new thoughts. Let us demand our own works and laws and worship. (Emerson, 1836, pp.5-6)

Nos anos imediatamente anteriores à Guerra Civil, vários transcendentalistas foram importantes apoiantes da reforma educacional, do movimento abolicionista e do feminismo nascente que lutava contra as convenções arcaicas de uma sociedade de mulheres inferiorizadas pelo que se entendia como “a fragilidade do sexo”. Não é, por isso, surpreendente que este movimento tivesse tido grande aceitação entre as mulheres da época.

Durante o século XIX, a mulher não usufruía dos mesmos direitos do homem. Inseridas numa sociedade patriarcal e castradora, as mulheres não tinham direito ao voto, não tinham acesso a uma educação formal, eram proibidas de falar em público e até de assistir a convenções públicas (VanSpanckeren, 1994, p.42). Apesar de todos estes obstáculos, um grupo de mulheres intelectuais abriu com dificuldades as portas do que se viria a tornar uma tradição literária de autoria feminina. A despeito do ostracismo social a que muitas vezes eram condenadas, começaram a exigir reformas urgentes, tais como a abolição da escravatura e o direito ao sufrágio.

Em 1855, quando Hawthorne se encontrava em Liverpool, escreveu uma carta ao seu editor, William Ticknor, a qual incluía um comentário sobre o crescente número de figuras femininas que haviam conseguido marcar presença na literatura da época e que viria a tornar-se conhecido:

America is now wholly given over to a d___d mob of scribbling women, and I should have no chance of success while the public taste is occupied with their trash – and should be ashamed of myself if I did succeed. What is the mystery of these innumerable editions of the ‘Lamplighter’, and other books neither better nor worse? – worse they could not be, and better they need not be, when they sell by the 100,000. (Hawthorne, citado por Person, 2007, p.24)

Um dos preconceitos que as mulheres escritoras tiveram de enfrentar no século XIX foi a desqualificação dos temas abordados nas suas obras, pois, atendendo ao limitado acesso à educação disponível às mulheres, a sociedade acreditava que tudo o que saísse da sua pena seria marcado por essa “domesticidade” e por uma visão limitada

sobre a vida, o mundo e as artes. Como poderia uma mulher escrever sobre o mundo quando o seu próprio mundo era tão exíguo? Todavia, os romances escritos por mulheres proliferaram no cenário literário americano de meados do século XIX, ainda que, sistematicamente, a ficção feminina fosse excluída do seleto grupo denominado de alta literatura do clube masculino, sob acusação de ser exageradamente sentimental e pouco refinada.

Várias autoras femininas conseguiram conquistar um lugar de destaque no contexto literário. *Uncle Tom's Cabin* (1852), de Harriet Beecher Stowe, foi um sucesso imediato, vendeu mais de 50 000 cópias nos primeiros dois meses e mereceu o reconhecimento de autores consagrados como Georges Sand, em França, Heinrich Heine, na Alemanha e Ivan Turganev, na Rússia (VanSpanckeren, 1994, p. 44). Este apelo apaixonado ao fim da escravatura, uma injustiça de proporções colossais numa nação que se autodenominava democrática, inflamou o debate que levaria, quase uma década mais tarde, à Guerra Civil (1861-1865).

Muitas vozes femininas faziam-se ouvir em prol de uma sociedade justa que praticasse os princípios da igualdade. A abolicionista Lydia Maria Child, que exerceu grande influência sobre Margaret Fuller, na sua obra *History of the Condition of Women in Various Ages and Nations* (1835), Sarah Grimké em *Letters on the Equality of the Sexes* (1838), e especialmente, Margaret Fuller em *Women in the Nineteenth Century* (1845), questionaram o papel da mulher na época e deram voz aos seus ideais feministas.

2.2. – A literatura feminina e a Guerra Civil

Com o início da Guerra Civil, a nação mergulhou num mar de agitação, de lutas e sofrimento, e a literatura não podia estar de costas voltadas para os acontecimentos que viriam a mudar o rumo da história. De acordo com Daniel Aaron (1973):

The American Civil War has probably inspired more miscellaneous commentary – histories, biographies, memoirs, fiction, poetry – than all of America's other wars put together. It is indeed *the* war whose course has been most minutely traced and whose causes and consequences most exhaustively debated. (p. xvii)

Sob a emergente tendência do realismo literário, o interesse das mulheres em escrever sobre a guerra representava uma flagrante violação das normas vigentes e da função que estava reservada à condição feminina: os romances de guerra, tal como a própria guerra, eram assuntos que diziam respeito aos homens, pelo que, como refere

Elizabeth Young (1999), “male jeremiads about women’s Civil War fiction angrily and anxiously defended these boundaries” (p.7). Apesar de todas as limitações de uma sociedade onde a raça, sexo e classe social definiam de forma rígida os papéis sociais destinados a cada elemento, a Guerra Civil, enquanto momento de significativas mudanças, catalisou diversas formas de desobediência civil por parte das mulheres (Young, 1999, p.14). Tradicionalmente confinadas às margens dos acontecimentos sociais, as mulheres assumiram durante este conflito um papel sem precedentes e a sua participação ativa fez-se sentir em várias frentes: em organizações de ajuda, como enfermeiras, ativistas ou, até mesmo, como combatentes. Nomes como o de Loreta Velázquez, que lutou disfarçada de homem, ou Mary Walker, médica de profissão, que serviu durante o conflito entre os estados do Norte e Sul e foi a única mulher a receber a Medalha de Honra, atestam esta mudança no conceito de condição feminina.

Um conjunto de mulheres de temperamento independente e inconformadas com as funções que a sociedade “masculinizada” lhes reservava procurou no contexto literário a arena para a sua luta, sendo que muitas escritoras iniciaram a sua carreira durante a guerra e recorreram repetidamente a este contexto histórico-temporal durante a sua produção literária. Louisa M. Alcott, por exemplo, baseou a obra *Hospital Sketches* (1863) na sua experiência enquanto enfermeira num hospital da União e regressou ao cenário da guerra em *Little Women* (1868) e *Work* (1873). No entanto, a representação da Guerra Civil na literatura feminina não se cingia ao conflito Norte-Sul, pois que este era utilizado como símbolo cultural multivalente e como metáfora representativa de outras formas de dissidências, de rebeliões internas e contendas:

The war functions as both historical ground and literary figure in their texts, with the declared antagonism between North and South providing overarching metaphor for conflicts of gender, sexuality, and race within plots. For the women at the center of these plots, the Civil War symbolically energizes a war within and against the terms of civility. (Young, 1999, p.17)

Ao escrever sobre a Guerra Civil, as mulheres intervieram sobre as tradições e fundamentos basilares de uma nação. Será justo afirmar que a sua ficção buscou assumir uma posição ideologicamente contrária à ideologia prevalente da época, questionar os limites impostos à sua condição feminina e romper fronteiras estabelecidas de dinâmicas sociais. Indubitavelmente, elas representam uma valiosa oportunidade para refletir sobre a interdependência conceptual de género e raça neste quadro histórico específico.

2.3. – Sobre Louisa May Alcott

A mundialmente conhecida Louisa M. Alcott nasceu em Germantown, Pensilvânia, a 29 de novembro de 1832. Era a segunda de quatro filhas de Amos Bronson Alcott e Abigail May Alcott.

Apesar das suas ideias educacionais progressistas e da sua aptidão reconhecida como professor, Amos Alcott era um idealista e, definitivamente, não possuía as qualidades de um homem de negócios, pois os seus empreendimentos financeiros culminavam frequentemente em verdadeiros desastres, motivo pelo qual a família vivia em constantes dificuldades económicas. Nas palavras de Hamilton, na sua obra *Women Writers: Their Works and Ways*:

Her life, especially the earlier part of it, was a constant struggle with poverty – not the semi-genteel poverty that has to be contented with one pair of gloves a month, but poverty that has to do without new gloves at all. (Hamilton, 1893, p.269)

Apesar das debilitadas condições financeiras da família, Louisa M. Alcott teve uma infância aparentemente feliz. Cresceu nas cidades de Boston e Concord e teve o privilégio de poder conviver com alguns dos mais brilhantes intelectuais da sua época: Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Margaret Fuller e Julia Ward eram apenas alguns dos amigos intelectualmente influentes da família Alcott. Devemos frisar que, no século XIX, era incomum as mulheres terem um contacto formal com a escola. As mulheres tinham de se preparar para um bom casamento e para o exercício da maternidade. Num período em que os pais consideravam a educação formal das suas filhas algo supérfluo, podemos afirmar que Louisa M. Alcott era uma exceção à regra e, por isso, uma mulher fora dos padrões da época.

Os desaires financeiros dos Alcott levaram Louisa a cedo procurar contribuir para o bem-estar e conforto da família. É à luz deste propósito que o seu carácter e subsequente carreira podem ser compreendidos na sua plenitude. Nas suas próprias palavras: “I *will* do something by and by. Don’t care what: teach, sew, act, write, anything to help the family, and I will be rich and famous and happy before I die, see if I won’t” (Alcott, citado por Hamilton, 1893, p.279).

Primeiro Abigail Alcott, que fazia trabalho social junto dos imigrantes irlandeses, e depois Louisa, as mulheres Alcott assumiram a função de sustentar a família. Louisa M. Alcott iniciou-se no ensino e, em períodos em que as provações se faziam sentir com maior agudeza, trabalhou como governanta e fez trabalhos de costura,

mas enquanto os seus dedos manuseavam a agulha, a sua mente criava histórias que mais tarde viriam a deleitar o mundo. Começou a escrever aos dezasseis anos, convencida de que poderia aliviar a pobreza da sua família com a sua escrita. Aos vinte e dois anos estreou-se no mundo da literatura com a publicação de *Flower Fables* (1854), uma coleção de histórias que havia escrito para a filha de Emerson. Recebeu a pequena quantia de trinta e dois dólares pelo livro, mas a grande satisfação de ter sido paga pelo trabalho que tanto adorava.

Todavia, os anos que se seguiram foram anos perpassados de dificuldades e tragédia. Em outubro de 1857 escreve no seu diário:

Read Charlotte Bronte's life. A very interesting, but sad one. So full of talent; and after working long, just as success, love, and happiness come, she dies.

Wonder if I shall ever be famous enough for people to care to read my story and struggles. I can't be a C. B., but I may do a little something yet. (Cheney, 1889, p.95).

Louisa M. Alcott terá visto na trágica vida da escritora um paralelismo com a sua própria vida. A morte da sua irmã Lizzie em 1858 foi um acontecimento terrível, mas o casamento da sua irmã Anna nesse mesmo ano não foi um golpe menos duro de suportar, pois Anna havia sido sempre sua amiga e confidente, e o casamento implicava o final de uma irmandade.

Em 1862, Louisa M. Alcott tomou a ousada decisão de se voluntariar como enfermeira num hospital unionista em Georgetown. A guerra trouxera à superfície os desejos reprimidos de ação e aventura, bem como a frustração do papel feminino. No diário escreve: “I’ve often longed to see a war, and now I have my wish. I long to be a man; but as I can't fight, I will content myself with working for those who can” (Cheney, 1889, p.127). A sua experiência foi breve, pois seis semanas depois contraiu a febre tifoide, mas deu-lhe o material de que precisava para escrever o seu primeiro livro de sucesso, *Hospital Sketches* (1863), que aliava à voz humorística uma voz crítica e indignada. Nos anos que se seguiram, Louisa M. Alcott conseguiu finalmente sobreviver financeiramente com a sua ficção e teve a oportunidade de experimentar estilos literários diversos. Sob os pseudónimos de Flora Fairfield, Minerva Moody ou A. M. Barnard, Louisa M. Alcott pôde libertar a imaginação e produzir histórias sensacionalistas destinadas a um público adulto onde os enredos de sedução, incesto, adultério ou vingança violenta revelaram uma outra faceta da autora cuja produção mais conhecida tem como destinatário o público infante-juvenil. Estas obras revelam

(...) a woman very different from her celebrated image as either the kindly “Aunt Jo” who preached self-sacrifice, or the self-styled “Ancient Lu” who practiced it in endless

support of her family. Instead we see a passionate spinner of feminist plots and counterplots, a writer drawn to “earthquaky” (Cheney: 128) and volcanic themes and a sharp-tongued master of a racy and unladylike American vernacular. (Showalter, 1988, p.x)

Foi a publicação de *Little Women* (1868) que consolidou a posição de Louisa M. Alcott e que a transformou numa aclamada escritora no contexto literário da época. Esta obra foi um verdadeiro sucesso e vendeu mais de 2000 exemplares imediatamente. De facto, o país ficou tão apaixonado pela sua história que Louisa não tardou em escrever a sequência, *Good Wives*, publicada em 1869. Os anos que se seguiram foram prolíficos em publicações que mereceram a aceitação de um vasto público: *Little Men* (1871), *Work* (1873), *Eight Cousins* (1874) e *Rose in Bloom* (1876).

Louisa M. Alcott inspirou-se na sua experiência de vida para alimentar a produção literária:

Several of Alcott’s novels and stories deal with women artists, and with the conflicts between creativity and domesticity. All of these narratives draw to a considerable degree on her own life history, and rewrite her most compelling fantasy: a gifted young woman writer or painter or sculptor or musician is forced by circumstances to devote herself to her needy family. (Showalter, 1988, p. xxxvi)

Não é de admirar que os leitores frequentemente identifiquem nas personagens fictícias traços da sua própria autora. *Hospital Sketches* foi a primeira obra onde esta tendência se revelou. Baseada em cartas escritas durante a Guerra Civil enquanto servia como enfermeira num hospital em Georgetown, a história é narrada pela Enfermeira Tribulation Periwinkle, e transporta para a ficção os colegas e pacientes da enfermeira sem, contudo, perder o realismo. Também Jo March em *Little Women* é vista como representativa da sua autora e, desde sempre, esta obra representa um marco autobiográfico de Louisa M. Alcott. De acordo com Eiselein e Phillips (2001), “even now, criticism of *Little Women* is somewhat constrained by a tendency to read the novel against the ‘facts’ of LMA’s life” (p.28).

Foi o talento e a criatividade de Louisa M. Alcott que fizeram com que as suas obras sobrevivessem até aos dias de hoje, tornando-se intemporais. O seu trabalho tem encantado milhões de leitores por todo o mundo e os recentes estudos sobre a ficção sensacionalista publicada sob pseudónimos, a sua escrita satírica, os seus romances feministas revelam o quanto o trabalho desta autora que vivia muito à frente da sua época é merecedor de séria atenção e releitura. Nas palavras de Hamilton (1893):

"America has given us many famous women-writers (...) but none will leave a brighter, purer, more sunshiny memory than Louisa May Alcott" (p.296).

2.4. – Corpus da tradução

Os quatro contos escolhidos para serem traduzidos neste trabalho foram publicados entre 1863 e 1865 e são fruto do contexto que despoletou a Guerra Civil Americana e da própria experiência de Louisa M. Alcott durante esse tempo, pois foi a guerra e, especialmente, o hospital onde trabalhou como enfermeira e os soldados que conheceu que lhe deram a inspiração e o material necessário a muita da sua ficção realista. Mesmo antes da guerra, já Louisa M. Alcott possuía convicções sobre a escravatura e as suas ramificações, e desde cedo a sua vida lhe ofereceu episódios que a levaram a iniciar esta cruzada contra uma sociedade escravagista muito antes de ter sido declarada guerra entre os estados do Norte e do Sul. Apesar de não ser objetivo deste trabalho analisar em detalhe os contos de Louisa M. Alcott, cabe tecer algumas breves considerações sobre eles.

Louisa M. Alcott escreveu "M.L.", a primeira das suas histórias explicitamente antiesclavagistas, em 1860. Depois de ver a publicação do seu trabalho recusada esse ano pelo *Atlantic Monthly*, pois, como a autora escreveu, "it is antislavery and the dear South must not be offended" (Cheney, 1889, p.120), a sua história apareceu apenas em 1863 no *Commonwealth*, um jornal de Boston que defendia a causa abolicionista. Nesta história, Louisa M. Alcott aborda a questão do amor inter-racial ao criar uma heroína, Claudia, uma mulher de caráter forte e independente, que quebra todas as convenções sociais ao casar com o atraente e talentoso músico Paul Frere, apesar da revelação sobre a sua condição de ex-escravo.

Existe nesta história espaço para uma serpente, ou melhor, uma felina de nome Jessie Snowden que personifica os pecados do ciúme, da luxúria e da inveja. Vendo-se rejeitada por Paul, Jesse espia a relação entre Paul e Claudia e encontra uma carta em que Paul confessa o seu segredo. Na mão direita de Paul são visíveis as marcas "M.L.", iniciais do nome do seu antigo senhor. Paul não espera o perdão, muito menos o amor de Claudia. Não obstante, Claudia, convicta dos seus sentimentos, não abandona os planos de um casamento grande e público, previsivelmente evitado por muitos dos pretensos "amigos". Claudia utiliza a força disruptiva da revelação para criar a sua

própria identidade, fora das fronteiras do convencional. Como sustenta Sarah Elbert (1997):

Alcott's deviation from a purely conventional tale of selfhood and salvation through passive suffering is evident in her ending, a portrayal of a clearly genteel interracial marriage with children, of a circle of righteous new friends, and of Claudia: resisting the "false friends", she "only touched the little heads, looked up into her husband's face."
(p. xxxix)

"The Brothers" (1863), publicado posteriormente sob o título "My Contraband", aborda questões de gênero e raça. Esta história descreve o encontro entre Miss Dane, enfermeira num hospital de guerra, e Robert, um jovem mulato, que havia sido encontrado junto do seu falecido senhor rebelde e trazido para o hospital pelos soldados. Robert é escolhido para ajudar Miss Dane a tratar de um jovem rebelde e, no decorrer da história, o leitor descobre que os dois homens são irmãos. Obcecado com a ideia de vingança, Robert deseja matar o seu irmão Ned, que vendera a mãe de Robert para outra plantação e lhe retirara Lucy, sua mulher. Mas Miss Dane consegue demovê-lo deste desejo de vingança, fazendo um apelo à sua esperança interior de encontrar Lucy com vida. A história de Robert comove Miss Dane, que consegue compreender e partilhar o ódio por Ned, mas a sua função é mantê-lo vivo, independentemente de qualquer sentimento negativo que possa nutrir por ele. A pequena esperança que consegue reacender em Robert é o suficiente para manter Ned vivo, mas durante pouco tempo. Robert alistou-se no 54º Regimento e lutou corajosamente, arriscando-se de forma destemida, na esperança de rapidamente se juntar à sua falecida Lucy. Quis o destino que reencontrasse o seu irmão Ned na batalha de Fort Wagner, desta vez já conhecedor do triste destino da sua amada. Robert recebe um golpe mortal desferido pelo Capitão Ned, mas a vingança justa concretiza-se quando um "negro livre" mata o rebelde. Miss Dane reencontra Robert no leito da morte para ver o seu contrabando³ ir ao encontro da liberdade eterna. Ambos os irmãos morreram nesta batalha, mas a sua morte começara já muito antes com o ódio que os consumia por dentro. A atrocidade da servidão humana mostra como dois homens foram tratados de maneira tão diferente, apesar de serem filhos do mesmo pai e terem sido criados na mesma plantação. As suas vidas apanhadas pelas teias implacáveis da escravatura não poderiam ser mais diferentes.

³ Contrabando – termo utilizado para fazer referência a ex-escravos sulistas que haviam fugido para o Norte. Em 1863, depois da Proclamação da Emancipação, milhares de afro-americanos integraram o exército unionista e lutaram pela União e pela sua própria liberdade.

Neste conto, Louisa M. Alcott consegue afastar-se da narrativa ficcional para dar a conhecer o contributo dos negros para o desenlace da Guerra Civil, ao relatar a bravura dos soldados durante o calamitoso ataque a Fort Wagner. Esta perspetiva poderá parecer estranha aos leitores contemporâneos, mas os leitores do século XIX (inclusive os soldados que liam as suas histórias enquanto se recuperavam nos hospitais da União) teriam compreendido o desejo de manter viva a sua resiliência nos dias mais sombrios desta guerra.

“A Hospital Christmas” (1864) conduz-nos até uma enfermaria de um hospital de guerra e revela-nos a determinação e o esforço que são necessários para assinalar o dia de Natal de uma forma alegre e significativa numa atmosfera de dor e sofrimento. A heroína desta história é Miss Hale, uma enfermeira dedicada, que cuida dos seus pacientes com toda a atenção e que procura de todas as formas possíveis atenuar o seu sofrimento. Com o pouco que tem disponível, consegue organizar um banquete digno da comemoração, criando na enfermaria da qual é responsável um ambiente de alegria e diversão aparentemente impossíveis de alcançar. Auxiliada nesta difícil tarefa por Ben, o “anjo da guarda” da enfermaria, Miss Hale consegue afastar por momentos os pensamentos sombrios dos seus pacientes, e até o carrancudo Sam, um soldado egoísta, fica imbuído do espírito natalício, distribuindo pelos seus colegas os presentes vindos de casa. Nesta história, Louisa M. Alcott descreve com realismo um ambiente que tão bem conhece: o hospital, as enfermeiras, a comida, as condições de vida, a morte. De modo subtil, a autora sugere com este conto um modelo de “governança feminina”, sendo que Miss Hale é quem conduz o funcionamento da enfermaria, onde os homens não só são liderados por uma autoridade feminina, mas também ensinados a interiorizar as virtudes femininas de simpatia, sacrifício e autorrestrrição.

“Nelly’s Hospital” foi publicado pouco depois do final da Guerra Civil, em 1865. Nelly, inspirada pelos acontecimentos da guerra e pelos relatos do seu irmão ferido sobre as enfermeiras nos hospitais de guerra, decide criar o seu próprio hospital para pequenos animais, tratando cada criatura com carinho e atenção incomensuráveis. Esta história transmite uma mensagem dócil sobre a integração racial e a benevolência social como uma nova forma de nacionalismo. A Enfermeira Nelly e o Doutor Tony encontram uma quantidade de criaturas, grandes e pequenas, para cuidar, incluindo uma pobre mosca cujas asas ficaram presas nas teias de uma aranha. Aos olhos de Nelly, este seu paciente é como um contrabando, que estaria livre para voar quando quisesse, pois ela não tinha qualquer desejo de fazer dele um escravo. Louisa M. Alcott retrata a

guerra pelos olhos de uma criança, transportando o leitor para o encanto do mundo infantil, num texto permeado por humor e simplicidade.

Em cada um destes contos, de forma clara e surpreendentemente audaz, Louisa M. Alcott partilha o que experienciou, mas também os valores e os princípios em que acredita. A sua escrita revela a coragem e a integridade de uma mulher que caminhava muito à frente do seu tempo. Nas palavras de Jan Turnquist (2007) “Louisa May Alcott was both a product of her times and a challenge to them” (p.10). Inquestionavelmente, estas histórias entram em conflito com os temas convencionais da época: os heróis masculinos e o sistema patriarcal dão lugar, nestes contos, a narrativas de e por heroínas que, de forma inteligente, atuam para proteger e salvar os homens, sendo que Louisa M. Alcott trilha um caminho contrário às expectativas do leitor comum do século XIX.

Capítulo III - Traduções

M.L.

CAPÍTULO I

O sol pôs-se – mas não se pôs a sua esperança;
As estrelas surgiram – a sua fé despertou mais cedo.
Ele falou, e palavras mais suaves do que a chuva
Invocaram novamente a Idade do Ouro;
A sua atitude mereceu uma doce reverência
Quando ocultou a extensão do feito.

– Silêncio! Deixe-me ouvir.

Mrs. Snowden acabou com a sua animada conversa, obedecendo à ordem, e, inclinando a cabeça sobre a mão, Claudia permaneceu sentada em silêncio.

Como uma lufada de ar puro, a música flutuava pela sala, causando um prazer requintado aos poucos dotados, e agitando a natureza mais monótona com uma sensação de algo mais nobre do que conhecia. Mulheres frívolas escutavam em silêncio, homens que buscavam o prazer reconheciam o seu encanto, espíritos cansados do mundo viviam novamente os melhores momentos das suas vidas, e corações feridos encontravam nela um breve consolo para o profundo sofrimento tão zelosamente escondido. Ao seu toque mágico, caíam as máscaras de muitos rostos e uma suavidade momentânea tornava-os encantadores: os olhares cruzavam-se com sinceridade rara, os sorrisos falsos extinguíam-se, as conversas insípidas morriam de vergonha e, por um breve momento, a Música, essa feiticeira divina, afirmava a sua supremacia, cortejando ternamente como uma mulher, governando regiamente como uma rainha.

Como água no deserto, o espírito sedento de Claudia bebia nos sons prateados que alimentavam o seu ouvido e, através do silêncio, vinham até si como a recordação de uma melodia. A sua força variável balançava-a como uma varinha mágica de um feiticeiro, a sua suavidade subtil envolvia-lhe os sentidos numa calma feliz, a sua paixão emocionava-lhe os nervos como os ventos do sul cheios de um aroma ardente e doce, a sua energia agitava-lhe o sangue como uma música militar ou um discurso heroico, – pois esta voz suave parecia trazer até si o suspiro profundo dos pinheiros, o hálito ardente de lábios humanos, o grande hino do mar. Agarrava-a e, elevando-a sobre os estreitos limites do tempo e do espaço, abençoava-a com um estado de espírito mais sublime do que alguma vez conhecera, pois o calor e a luz do verão

pareciam ter nascido dela, e a sua natureza solitária ansiava por saudar o poder genial como a erva presa pela geada salta para se encontrar com o sol.

Nunca ouvira aquela canção, nem se importava em saber o que era. Para outros ouvidos poderia ser uma balada, uma barcarola, ou um miserere aos mortos, – para ela era uma melodia tão doce e piedosa como o mais santo dos cânticos, que tocara os acordes daquele eu mais divino cujas aspirações são as flores da vida, suavizara a dor secreta de um espírito orgulhoso, agitara as águas de um coração solitário, e das suas profundezas surgiu uma paciência renascida com asas cicatrizantes.

Permanecia sentada em silêncio, com uma mão sobre os olhos, a outra sobre o regaço, imóvel desde as suas últimas palavras. O cantor tinha sido esquecido na canção, mas quando a música, com um *crescendo* e *diminuendo* triunfantes, se elevou e silenciou, o feitiço quebrou-se, a onda de conversação fluiu novamente e, com um suspiro de impaciência, Claudia levantou o olhar e viu o seu sonho feliz partir.

– Quem é este homem? Disse-me mas não ouvi.

Com a avidez de um boato ainda recente, Mrs. Snowden sussurrou a história pela segunda vez aos ouvidos da sua amiga.

– Este homem (que nunca chamaria assim se o tivesse visto) é um espanhol, e de famílias nobres, tenho a certeza, embora ele o negue. Claro que é pobre, – estes exilados interessantes são sempre pobres, – ensina música e, embora seja um perfeito cavalheiro e seja tão orgulhoso como se o “sangue azul” de todos os nobres de Espanha lhe corresse nas veias, não admite pertencer a qualquer classe social. Declara firmemente que é “simplesmente Paul Frere, a tentar ganhar a vida de forma honesta, e nada mais.” Ah, gosta disso, e a única coisa que mais me desaponta transforma este homem num herói a seus olhos.

– A honestidade é uma virtude heroica, e venero-a onde quer que a encontre. Que mais, Jessie? – e Claudia parecia um pouco mais interessada do que quando a conversa começou.

– Além da sua voz encantadora, ele é um belo homem. Ao lado dele, os nossos cavalheiros de caras pálidas parecem embaraçosamente pueris e insípidos. Há uma infinidade de romances em curso, dos quais ele poderá ser o herói se quiser, mas, infelizmente para as suas encantadoras alunas, os lindos olhos do seu mestre parecem cegos a quaisquer “movimentos *tremolo*”, exeto os que estão no livro; e ouve-as cantarolar “*O mio Fernando*” na mais doce das línguas faladas tão tranquilamente como se fosse uma canção de embalar. Tem uma vida solitária, dedicada aos seus livros e à sua arte, e raramente se mistura com a sociedade, da qual o considero um belo ornamento. É tudo quanto sei sobre ele, e se alguma vez quiser descer do seu pedestal de calma indiferença, suponho que este trovador a recompensará pelo esforço. Olhe! É ele, o homem moreno com olhos melancólicos; digne-se dar a sua opinião sobre o meu “Tadeu” moderno.

Claudia olhou e, enquanto olhava, surgiu nitidamente perante os seus olhos uma imagem sobre a qual tantas vezes tinha meditado enquanto criança.

Uma pintura de uma ilha tropical, com a florescência e verdor do Sul. Um céu ardente, com o rubor do nascer do sol, cobria a cena, as palmeiras levantavam as suas cabeças coroadas no ar fêrvido, os laranjais lançavam as suas densas sombras sobre a relva onde as flores, numa exuberância ordenada, brilhavam como espirais de chama, ou cintilavam como estrelas. Pássaros de cores vivas balançavam sobre as vinhas e os ramos; gazelas elegantes levantavam os seus olhos humanos para saudar o sol, e um mar de verão parecia dirigir-se cantando baixinho para a costa em flor. Os primeiros tons róseos e a humidade da madrugada cobriam o lugar silencioso, mas, olhando mais de perto, via-se que as coroas verdes das palmeiras estavam quebradas, as vinhas pareciam ter sido destruídas por uma rajada implacável, e os ramos das laranjeiras haviam perdido metade da sua riqueza, pois frutos e flores cobriam o chão encharcado. Lá longe na orla do horizonte, uma nuvem que anunciava trovoada parecia dirigir-se para oeste, e sobre as ondas de um mar traiçoeiro balançava um sinistro navio naufragado.

Claudia viu um rosto que agradava o seu olhar tanto quanto a voz agradara o seu ouvido, e, ainda assim, não era a sua graciosidade que o tornava encantador. Os caracóis negros caíam sobre uma testa ampla, o sobrolho negro estava perfeitamente arqueado sobre olhos do sul tão cheios de suavidade como de fogo. Nenhuma cor manchava o bronze pálido da sua face, nenhuma barba escondia o contorno demarcado dos seus lábios, nenhum sorriso inexpressivo destruía a dignidade de um semblante pensativo, sobre o qual a mão da natureza colocara o selo com que marca a masculinidade que nenhuma arte consegue imitar.

Mas, enquanto o examinava mais profundamente, Claudia viu na testa linhas que raramente surgem em homens com trinta anos, nos olhos uma sombra de um desespero passado e, em torno dos lábios fechados, traços de uma natureza impetuosa domada pelo sofrimento e ensinada pelo tempo. Aqui, como na pintura, a tempestade parecia ter passado, mas, embora tivesse dado lugar a um dia gracioso, a nuvem deixara uma sombra atrás de si. Ventos doces sopravam de forma galanteadora ao largo da costa, e o mar sorria serenamente sobre o navio naufragado, mas uma vaga inquietação ainda agitava o ar, e uma insinuação de sofrimento humano sussurrava por entre o som das ondas.

“Assim devia ser Dante antes de o seu génio ter transformado a coroa de espinhos numa coroa de rosas para a mulher que amava,” pensou Claudia, que respondeu em voz alta às últimas palavras da sua amiga:

– Sim, gosto daquele rosto, não tanto pela sua beleza como pela sua força. Gosto da simplicidade austera com que se veste, aquela encantadora inconsciência de si mesmo, e, acima de tudo, gosto da cortesia com que ouve a mulher mais pobre, mais simples, menos atraente da sala. Ria se quisesse, Jessie, mas respeito-o mais pela gentileza para com a preterida Mary Low, do que se tivesse lutado por uma mulher mais bela tantas batalhas quantas São Jorge lutou. Isto

é verdadeira cortesia, e é a falta desta reverência pela condição feminina em si que faz dos nossos denominados cavalheiros aquilo que são, e lhes tira o atributo da verdadeira masculinidade.

– Deus nos acuda! Aqui está uma avalanche Alpina de elogios da nossa Diana! Vinde e dai-vos a conhecer a este Endimião antes de congelardes novamente – exclamou Jessie. As palavras de Claudia estavam cheias de energia, e nos seus olhos resplandecia um interesse que suavizava o seu brilho gelado e dava ao seu rosto o fervor que precisava para se tornar encantador. Claudia foi, e em breve desfrutava do prazer da conversa, no verdadeiro sentido da palavra. Paul Frere não lhe dirigiu as saudações triviais que os homens consideram apropriado oferecer a uma mulher, como se a sua mente fosse uma bolsinha delicada e demasiado limitada para qualquer moeda do mínimo valor, nem lhe contou os últimos mexericos divertidos que corriam pela sociedade e que, tal como uma nota novinha em folha, têm um som agradável e são aceites como um “falso pressentimento” daquele discurso de prata, que deveria unir o som ao sentido. Ele deu-lhe ouro puro, que soava verdadeiro aos seus ouvidos, e que tinha a marca da crença genuína, pois, inconscientemente, ele colocava-se nas suas próprias palavras e transformava-as naquilo que deveriam ser – intérpretes de uma natureza sincera para outra natureza sincera.

Pegou nos fantasmas pálidos que o hábito condenou a servirem como assunto de conversa entre um homem e uma mulher num lugar daqueles e, dando-lhe vitalidade e cor, estes tornaram-se os atores do seu pensamento e fizeram daquela curta hora um teatro vivo. Porém, não era um erudito polido por longos estudos ou por uma cultura generosa. A adversidade tinha sido a sua escola, a experiência a sua tutora, e a vida o livro cujas lições, severas e salutares, ele aprendera com dor paciente. A verdadeira injustiça, o sofrimento e a necessidade tinham-lhe dado o conhecimento que nenhum filósofo conseguiria ensinar, o verdadeiro perigo e sofrimento tinham-no colocado acima de medos insignificantes que tiram o heroísmo à vida quotidiana, e um batismo de fogo consagrara coração, mente e alma a um único objetivo, ao lado do qual as ambições dos outros homens pareciam pobres.

Era este o encanto secreto que ele possuía; isto dava-lhe a simplicidade que dignificava os seus modos, a sinceridade que dominava o seu discurso; isto dava provas da supremacia do carácter sobre a cultura, a opulência, a posição social, e tornava-o naquilo que ele era – um homem que inspirava respeito, confiança e amor.

Claudia viu e sentiu vagamente tudo isso durante aquele breve diálogo; mas quando terminou, desejou que regressasse, e sentiu-se como se tivesse deixado o brilho e esplendor de um palco onde ela atuara e, durante um momento, tirara a máscara para se sentar naquele círculo avermelhado de uma fogueira, em que pequenas sombras dançavam nas paredes e sons suaves tornavam divino um simples discurso.

“Amanhã já terá desaparecido este belo e fugaz prazer, e regressarei à minha velha desilusão, como sempre fiz”, suspirou para si. Porém, quando se sentou sozinha em sua casa, esta já não lhe parecia solitária e, como uma criança feliz, adormeceu cantando trechos intermitentes de uma canção que ouvira apenas uma vez.

CAPÍTULO II

Claudia estava sozinha neste mundo. Era uma mulher de caráter forte e independente, dotada de beleza, riqueza e posição social, que possuía a admiração e estima de muitos, e o carinho de poucos cujo amor valia a pena desejar. Todas estas boas dádivas lhe pertenciam, e ainda assim não estava satisfeita. Nunca tivera laços com as suas origens, o amor maternal abençoara-a apenas o tempo suficiente para tornar a sua perda mais sentida, a doce confiança fraternal nunca a reconfortara com os seus prazeres inocentes, as palavras “pai” e “irmão” eram desconhecidas para os seus lábios, pois nunca conhecera a beleza e a força do afeto mais sincero do homem.

Muitas mãos haviam batido à sua porta fechada, mas em vão, pois a dona da casa não a abria e, fiel aos seus mais nobres instintos, Claudia nunca faria um casamento mundano, nem tentaria enganar a sua fome com um banquete pintado. Ela teria tudo ou nada, e quando os amigos aconselhavam ou os apaixonados imploravam, respondia com firmeza:

– Não posso viver uma mentira, e receber quando nada tenho para dar. Se estiver destinada a conhecer a beatitude do amor, ele virá até mim, e eu posso esperar.

Finalmente, o amor recompensou a sua lealdade. No ar abafado da estufa onde vivera como uma planta solitária, sentiu-se uma nova influência, como uma brisa do oceano, revigorante e doce. Naquele momento, o passado deixou de ser uma recordação triste, pois sobre as esperanças perdidas, as glórias matinais que morreram cedo – sobre os seus desejos ardentes, as rosas que nunca floriram – sobre amizades desfeitas, os ninhos de onde partiram todos os pássaros – parecia abater-se um agradável crepúsculo, e por entre o presente sombrio chegava o arauto rosado de um futuro amanhecer. Trazia o momento mágico em que a flor pôde florescer, a mão abriu a porta, a voz encantada acordou a princesa adormecida e cantou sobre

Aquele novo mundo, que é o velho.

Claudia encontrou o seu herói e reconheceu o seu rei no “simples Paul Frere”, embora, como Robert de Bruce⁴, tivesse chegado vestido de trovador e aceitasse regimento as esmolas concedidas.

Lentamente, através das raras conversas, da linguagem rápida do olhar e das muitas artimanhas da música, Paul viu mais profundamente a vida solitária de Claudia e sentiu o encanto de uma natureza sincera brilhar por entre a discrição tímida que a ocultava da sua

⁴ N.T. Robert de Bruce (Robert I) – primeiro rei da Escócia enquanto nação independente. Comandou os escoceses durante as Guerras de Independência Escocesa contra o domínio esmagador da Inglaterra.

busca. Cantava para ela, e ao cantar observava o fogo silencioso que brilhava nos seus olhos, o contentamento que tocava os seus lábios com algo mais suave do que um sorriso, o calor que furtivamente afluía de forma tão bela ao seu rosto, derretendo o orgulho que o gelava, banindo o cansaço que o entristecia e preenchendo-o de luz, esperança e frescura, como se às suas ordens desaparecessem as mágoas de mulher e ficasse de novo uma menina feliz. Este era um poder perigoso de exercer, mas com a consciência do seu domínio veio um sentimento que reprimia o amor de um homem forte pelo poder, e deixava-o sujeito ao amor de um homem reto pela justiça.

Recusava-se a ele próprio a felicidade de proporcionar a Cláudia os frequentes festins que ela adorava, pois estava a oferecer-lhe um vinho mais subtil do que ela conhecia, um vinho cujo poder já era sentido pelo seu amigo. Raras vezes cantava exclusivamente para ela, mas a conversa era uma valiosa recompensa para esta renúncia, porquanto naquelas horas, belas e breves, encontrou um interesse que “crescia com aquilo de que se alimentava”, e depressa sentiu que se estava rapidamente a tornar mais doce receber do que dar.

Cláudia era uma estudante com a mesma sabedoria perigosa, pois também ela examinava o seu novo amigo cautelosa e profundamente. Adivinhava muitas vezes com uma percepção apurada aquilo que não se atrevia a procurar, sentia com instintos rápidos o que não conseguia ver. O seu primeiro parecer havia sido justo, o seu primeiro impulso nunca mudou. Em cada mês que crescia a amizade, crescia também o respeito e a estima.

Este homem que ganhava o seu pão, e não pedia favores onde poderia exigir muitos, que não aceitava uma posição fictícia, não ouvia um romance lisonjeiro, que carregava vestígios de um passado fatal, mas não mostrava amargura de espírito, seguindo com firmeza o seu caminho, vivendo em função de um propósito superior invisível aos olhos humanos, sustentável em si mesmo, – este homem parecia ser o amigo que Cláudia sempre desejara, pois aqui encontrara um carácter construído pelo sofrimento e pelo tempo, um intelecto ansioso que aspira à verdade, e um espírito corajoso que olha directamente para o mundo.

Para os seus ouvidos, a música da sua vida tornou-se mais bela do que qualquer canção que ele pudesse cantar, e no seu escudo o coração dela gravou os delicados versos,

*Senhor de si mesmo, embora não de terras,
E não tendo nada, contudo tem tudo.*

CAPÍTULO III

Certa noite amena, quando as primeiras flores floriam no jardim de Cláudia e o vento do oeste era o esmoler das suas doces dádivas, estava ela sentada a contemplar com olhos pensativos a quietude sombria do momento.

Miss Blank, aquela suave insignificância que fingia boas maneiras em casa de Cláudia, tinha sido absorvida na escuridão de um quarto interior, onde o sono podia descer sobre as

pálpebras cansadas sem uma violação declarada daquele decoro que era o sustento da vida de boas almas.

Paul Frere, recostado na escuridão, olhava para a cabeça inclinada sobre a qual a lua de maio deixava cair uma bênção brilhante; e, enquanto olhava, o seu rosto rejuvenescia com esperança e ardia de desejo. O silêncio caíra sobre eles, porque ao observá-la Paul esquecia-se de falar, e Cláudia arrancava pétala após pétala de uma flor que se afastara do laço que enfeitava o seu peito. Uma a uma, as pétalas carmesins esvoaçavam em direção ao chão e, enquanto as via cair, uma sombra melancólica apoderou-se do seu rosto.

– O que terá a rosa feito para que a sua vida seja tão curta? – perguntou o seu amigo enquanto a última pétala caía da sua mão.

Como se as palavras a trouxessem de volta ao presente, Cláudia olhou para o caule decapitado, dizendo pesarosamente:

– Esqueci-me da flor, e agora destruí-a sem ter a capacidade de a trazer de volta à vida. – Fez uma pausa, e depois sorriu como se sorrisse com as suas próprias fantasias, embora a cadência pesarosa permanecesse na sua voz.

– Esta é a noite do meu nascimento e, pensando no passado, a rosa deixou de ser uma rosa para mim e tornou-se num símbolo da minha vida. Cada pétala que tirei parecia ser um ano e, enquanto caíam, pensava como tinham passado tão rápida e inutilmente. Deveriam ter sido mais justos nas aspirações, mais cheios de deveres, mais ricos em boas ações, mais felizes nas esperanças que tornam doce a existência, mas agora é demasiado tarde. Pobre rosa! Pobre vida! – e dos lábios sorridentes soou um suspiro.

Paul pegou no que restava da rosa e, com um gesto tão suave como uma carícia, partiu um botãozinho que saltava do seu revestimento musgoso, dizendo com um olhar tão cheio de alegria como o dela tinha sido de desânimo:

– Minha amiga, nunca é demasiado tarde. Da vida mais solitária pode florescer uma beleza superior à que a rosa perdida conheceu. Que caíam as primeiras pétalas carmins, o seu perfume permanecerá uma memória agradável quando estiverem mortas; mas aprecie a flor mais bela que vem tão tarde, alimente-a com o sol, batize-a com o orvalho e, embora o jardim nunca mais a veja, poderá levar o verão a um lugar sombrio e abençoar uma casa com a sua beleza e frescura. Não tenho um presente com que celebrar esta noite, mas deixe-me devolver-lhe um símbolo mais feliz da vida que está para vir, e com ele a profecia de que quando tiverem passado outros vinte e seis anos, nenhum suspiro perturbará o seu sorriso enquanto olha para trás e diz “Que bela rosa! Que bela vida!”

Cláudia levantou o olhar tímido e respondeu baixinho:

– Aceito a profecia e concretizá-la-ei, se não cair a geada negra. – Depois, com um olhar pensativo e um tom persuasivo, acrescentou: – Esqueceu-se de um presente que está sempre ao seu alcance para oferecer. Ofereça-mo esta noite e anuncie os meus tempos felizes com música.

Não havia como negar tal pedido e, com uma profunda sensação de prazer, cantou como nunca havia cantado antes, porque fazia-o de corpo e alma, e todas as suas influências benignas ajudavam a embelezar este dom. O silêncio da noite recebia a melodia e enviava-a sussurrando como as ondas que quebram no mar; a luz da lua dançava como duendes sobre as notas, como que dando-lhes um toque humano com o seu poder magnético; o vento sintonizava a sua orquestra de folhas com uma leve sinfonia, e cada flor e arbusto perfumados prestava homenagem a esta hora feliz.

De olhos fechados e lábios entreabertos, Claudia escutou até que, nas ondas do som doce, o seu espírito flutuou até um reino venturoso onde as aspirações humanas são realizadas, onde os corações humanos encontram os seus ideais e renovam as crenças inocentes que tornaram a sua infância tão simples.

De repente, fez-se um silêncio que interrompeu o sonho de Claudia. Por um momento, o brilho da sala escureceu perante os seus olhos e, de seguida, uma luz rápida surgiu, e nela viu o rosto do seu amigo transfigurado pelo poder da grande paixão que o céu presenteou com juventude eterna. Por longos instantes nada se movimentou e, através do curto espaço que os separava, os dois olhavam-se com lábios silenciosos, mas com olhos cuja linguagem subtil tornava qualquer discurso disparatado.

Paul dirigia à mulher que amava um olhar mais terno do que a mais ardente oração, mais poderoso do que o mais subtil apelo, mais eloquente do que o mais fervoroso voto. Ele viu o rubor inocente desaparecer, viu a respiração acelerar e os lábios a ficarem trémulos, mas os olhos firmes nunca vacilaram, nunca se fecharam e, através daquelas janelas da alma, o seu coração de mulher olhou e respondeu-lhe.

Já não havia qualquer dúvida ou medo ou poder que os separasse e, com um gesto mais nobre do que o orgulho, Paul estendeu a sua mão a Claudia, e ela apertou-a nas suas.

Para um crente em metempsicose, teria sido tarefa fácil decidir a última forma a que Mrs. Snowden tinha dado vida, pois a fábula do “gato transformado em mulher” poderia ter sido novamente sugerida a um Esopo moderno.

De comportamento delicado, modos meigos e olhar furtivo, esta senhora felina seguia os instintos da sua natureza com a fidelidade de qualquer autêntico bichano. Com o seu ar recatado e um ronronar agradável, conseguia a admiração dos inocentes que se esqueciam que patas de veludo podem arranhar, e a amizade de almas confortáveis que adoram mimar e ser entretidas. Escolhendo delicadamente o caminho por entre os problemas desta vida, entrava discretamente em recantos acolhedores, onde os tapetes eram suaves e as fogueiras quentes, pululando deliciosamente enquanto o conforto abundava e as carícias eram graciosamente concedidas. Mexericos e escândalos eram os ratos e ratazanas que a deliciavam, as presas que exhibia com mal disfarçada alegria quando as suas buscas e ataques súbitos as traziam à luz do dia. Muitos piscos espertos se tinham deixado fascinar pelo seu poder, ou deixaram para trás as suas plumas

ao escapar; muitos ratos mansos tinham implorado clemência à sua indiscrição mas não encontraram nenhuma; muita música de grilos alegres terminou quando ela deslizava pela relva. O seu olho perspicaz caçava em cantos escuros, o pó de rumores esquecidos era perturbado pelo passo dissimulado, e os segredos eram caçados com a mais incansável paciência.

Tinha os seus inimigos, que bichano não os tem? Vários mastins honestos rosnavam quando ela entrava nos seus domínios, mas recusavam-se a molestar um inimigo mais fraco; vários cães de raça Pug ladravam corajosamente até que ela os atacasse e, com as suas garras aguçadas, depressa pusesse um fim à sua ira; vários esquilos joviais mandavam as suas piadas e provocavam, mas saltitavam agilmente para fora do seu caminho e tagarelavam num ramo que ela não pudesse alcançar. Mais do que um amigo tinha encontrado a despensa saqueada e o leite da bondade humana lambido por uma língua incansável; e, ainda assim, o rosto mais resignado não levantava os olhos pensativos na igreja, a voz mais indignada não repreendia os defeitos da sua raça, o maior mártir não lamentava a ingratidão quando as portas de casa se fechavam sobre ela e donas de casa implacáveis gritavam “sape!”.

O matrimónio e a viuvez apenas aumentaram o seu amor pela liberdade e confirmaram o seu amor pelo poder. Claudia sentia pena dela e, quando os outros a acusavam, ela defendia-a ou desculpava-a, porquanto a sua natureza generosa não conhecia a falsidade ou a pequenez de espírito. Jessie parecia a candura em pessoa e, embora superficial, tinha modos cativantes e confidências ternas que pareciam sinceras e muito agradáveis para os corações solitários. Por isso, Jessie assombrou a casa da sua amiga, passeou triunfantemente na sua carruagem, fez da sua consideração um escudo e divertiu-se à sua custa, até aparecer uma força mais forte que terminou abruptamente com o reinado da viúva.

A lua de maio brilhara durante o noivado de Claudia e a lua cheia brilharia sobre o seu casamento. Os meses passavam como se fossem um sonho feliz, e a primavera da sua vida estava no apogeu. O rebuliço e os mexericos que causara eram como um vento ocioso, pois tinha-se afastado do mundo comum e acreditava que não se importava muito com a sua censura ou elogio. Que importava se Paul era pobre – ela não era rica? Que importava se ela não conhecia o seu passado – não tinha todo o presente e o futuro para si? Que importava se as más-línguas o chamavam “caçador de fortunas” e a ela romântica? Ele possuía uma fortuna melhor do que qualquer fortuna que ela lhe pudesse dar, e era abençoada com uma história de amor que lhe dava lições mais sábias do que a realidade alguma vez lhe dera. Por isso, seguiam o seu caminho, imperturbáveis diante de qualquer vento que soprasse. Paul continuava a dar-lhe lições, ainda mantinha a sua humilde casa como se nenhuma mudança tivesse acontecido, e Claudia, com todas as suas energias alerta, andava numa agitação para “pôr a casa em ordem e preparar-se para a chegada do noivo.” Mas, ao cair da noite, desapareciam o professor paciente, a dona de casa ocupada, e encontravam-se os dois amantes. O pôr do sol fazia desaparecer as suas preocupações, e o crepúsculo lançava sobre eles uma paz mais suave do que o orvalho, pois

o Júbilo era agora o trovador, e a Paixão a anfitriã encantada dos convidados que celebravam aquela hora silenciosa.

Os meses reduziram-se a uma semana e, ao anoitecer de um dia abafado, Paul veio mais cedo ao seu encontro. Cláudia encontrava-se retida pelos convidados mais demorados e, de rosto franzido pela delonga, o seu amante andava de um lado para o outro na sala até que ela pudesse vir. Interrompendo subitamente a sua marcha impaciente, Paul tirou uma carta do peito e leu-a lentamente, como se os seus pensamentos estivessem ocupados com o seu conteúdo. Era uma carta de muitas páginas, escrita em letra firme, gasta, como se tivesse sido lida várias vezes, e, enquanto virava as páginas, o seu rosto assumia uma expressão que nunca se mostrara aos olhos de Cláudia. Com um impulso súbito, levantou a mão direita contra a luz e examinou-a de uma forma estranha. Ao longo da palma da mão estendia-se uma cicatriz roxa, a reminiscência de uma ferida há muito curada, mas não apagada pelo tempo. Uma vez, Cláudia pergantara, enquanto a acariciava, que golpe tinha deixado uma marca tão profunda, e ele respondera, com um súbito cerrar do punho, um súbito fogo no olhar:

– Cláudia, isto é uma homenagem a uma vitória que alcancei há dez anos; foi uma batalha justa, mas a sua memória é amarga. Deixe-a ficar adormecida; e acredite em mim, é uma mão honesta, ou nunca poderia olhar para o seu rosto sincero e dar-lha de novo.

Ficara satisfeita, e nunca mais tocou no passado triste com uma palavra, pois confiava plenamente naquele que amava plenamente.

Enquanto Paul olhava pensativo para a sua mão direita, a mão esquerda pendia frouxamente ao seu lado, e, entre os papéis que segurava, escapou-se uma folha que esvoaçou silenciosamente por entre os cortinados que varriam o chão. A agitação de passos que se afastavam acordou-o do seu devaneio. Com um gesto rápido, amarrotou a carta e aproximou-a da lamparina de barro que estava sempre acesa por ele. Lentamente, as páginas fatídicas enrugaram-se e ficaram pretas; em silêncio, observou-as enquanto ardiam e, quando a última chama se apagou, reuniu as cinzas e deu-as à guarda do vento. Depois, todas as sombras desapareceram do seu rosto para darem lugar à compostura anterior.

A voz de Cláudia chamou-o e, com o ímpeto de um rapaz, desceu para ir ao encontro das boas-vindas que tanto almejava.

Quando a porta se fechou atrás de si, na escuridão daquele quarto interior, Jessie Snowden roubou e agarrou o seu prémio. De ouvido apurado à escuta de quaisquer passos que se aproximassem, percorreu a página com o seu olho clínico, compreendendo o seu significado antes de ler uma dúzia de linhas. O papel farfalhava com o tremor da sua mão e, por um momento, a sala parecia girar à sua volta antes de se deixar cair numa cadeira e ficar a olhar fixamente para o ar com um rosto onde a alegria e a surpresa se misturavam estranhamente. “Pobre Cláudia”, foi o primeiro pensamento que se formou na sua mente, mas outro pensamento

mais forte usurpou o seu lugar, um brilho sinistro reluziu nos seus olhos negros, enquanto sussurrava com um sorriso malicioso:

– Devo-lhe isto, e ele terá o que lhe é devido.

Passada uma hora, Paul e Claudia estavam sentados nesse mesmo lugar, ainda insatisfeitos, pois à sua frente ainda se encontrava indolentemente recostada Jessie Snowden, que não mostrava quaisquer sinais de querer sair. O seu rosto ardia com uma cor luzidia, os seus olhos negros brilhavam com uma emoção contida, e no gesto, no olhar e no tom havia uma acuidade peculiar como se todos os sentidos estivessem invulgarmente alerta e todos os nervos invulgarmente tensos. Não era loquaz, mas parecia esperar o momento em que o discurso pudesse ter efeito; porque todos os seus instintos felinos estavam acordados, e ela tinha de torturar antes de dar o golpe final. Ela sabia que os amantes ansiavam pela sua saída, contudo, ficou sentada, vigilante e cautelosa, até chegar o momento auspicioso.

Paul estava agitado, pois o seu temperamento sulista, mais sensível a influências subtis do que naturezas mais frias, avisou-o vagamente do golpe iminente, rendeu-se com relutância ao poder ameaçador que não conseguia compreender, denunciou inconscientemente a inquietação que a presença de Jessie lhe causava e, fazendo-o, colocou na sua mão uma arma que ela não hesitou em usar. Os seus olhos seguiam-no constantemente, com um olhar que o agitava como se fosse um insulto e que, ao mesmo tempo, o prendia como se fosse um feitiço. A sua cortesia foi posta à prova, pois quer falasse ou estivesse calado, quer andasse de um lado para o outro ou se sentasse com o rosto desviado, sentia que os seus olhos estavam sempre postos nele, com um olhar de ódio misturado com pena e desprezo. Confrontou-o e fê-lo baixar; mas assim que se virou, este ergueu-se de novo e assombrou-o com o seu brilho agressivo. Fixou a sua atenção em Claudia e esqueceu-o por algum tempo, mas ele esteve sempre lá e provou não ser imaginação de um cérebro cansado.

Claudia estava cansada e ansiava pela hora silenciosa que a deixava sempre revigorada, quando não havia presenças indesejáveis que perturbassem o seu encanto. Estava indescritivelmente farta de Jessie e, se um desejo pudesse ter garantido a sua ausência, ela teria desaparecido tão rapidamente como um duende desaparece à vontade de um feiticeiro.

– É a dor do costume, Paul? Deixe-me fazer de Desdemona e atar o meu lenço à sua testa, como já fiz outras vezes – e a voz de Claudia acalmou os ouvidos com o seu amor implícito.

Paul tinha inclinado a cabeça sobre a mão, mas quando Claudia falou, levantou-a e respondeu alegremente: – Não sinto qualquer dor, é apenas algo na atmosfera que me oprime. Calculo que esteja um ar de trovoadas.

– E está mesmo – e Jessie deu uma risada que nada tinha de alegre, enquanto se sentava direita com um interesse súbito na sua voz.

Paul afastou a cortina e olhou para fora; não havia uma nuvem no céu e a estrela vespertina brilhava na linha do horizonte.

– Ah, pensa que sou uma falsa profetisa, mas aguarde uma hora e olhe de novo. Vejo uma forte tempestade a formar-se, ainda que a nuvem “não seja maior do que a mão de um homem” neste momento.

Enquanto falava, Jessie lançou um olhar à mão que Paul estendera em direção ao leque que Claudia lhe oferecia; ele não viu o olhar mas, abrindo o brinquedo tão delicadamente esculpido, respondeu calmamente enquanto o ar que abanava refrescava o calor do seu rosto:

– Não posso duvidar de si, Mrs. Snowden, porque esta noite parece verdadeiramente sibilina; mas se consegue ler o futuro com os seus olhos tão prendados, não nos poderá encontrar um futuro mais favorável do que a sua tempestade augura?

– Não sabia que nas minhas veias corria sangue cigano e que eu possuía o dom cigano de uma segunda visão? Deverei usá-lo e ler-lhe a sina como uma verdadeira bruxa? Posso, Claudia?

A amiga de Jessie olhava-a com espanto, pois o rubor acentuava-se no seu rosto, o fogo ardia nos seus olhos, e todo o seu aspeto parecia agitar-se e iluminar-se como uma cobra antes de atacar.

– Se Paul assim o desejar, gostaria de ouvir o seu ‘conselho’, e no final colocaremos prata sobre a sua mão. De facto, creio que o frenesim se abateu sobre si Jessie, pois parece uma bateria eléctrica totalmente carregada e não me atrevo sequer tocá-la para não arriscar levar um choque – disse Claudia, sorrindo com a súbita mudança.

– *Sou* uma bateria esta noite, e *pode* levar o choque quando quiser. Venha Mr. Frere, a sua soberana autoriza; venha e deixe-me tentar o meu poder – se tiver coragem.

O rosto de Paul franziu-se ligeiramente e um sorriso desdenhoso passou rapidamente pelos seus lábios, mas Claudia aguardava e ele obedeceu silenciosamente.

– Essa mão não. O destino está apenas na mão *direita*.

– Jessie, leia antes a minha. Os nossos destinos serão iguais daqui em diante! – disse Claudia, com voz ansiosa, lembrando-se da marca que Paul nunca mostrara.

Mas Jessie deu novamente uma risada metálica, clara e aguda como o tilintar de um sino; e com um gesto desafiante Paul estendeu a mão direita, enquanto o sorriso desdenhoso ainda estava desenhado nos seus lábios. Jessie não a tocou, mas inclinou-se e examinou-a avidamente, embora não houvesse nada mais para ver do que uma cicatriz ao longo da palma bem delineada.

Caiu sobre os três um silêncio mortal. Paul mantinha-se calmo e imóvel, Jessie ficou visivelmente pálida e a palpitação acelerada do seu coração tornou-se gradualmente audível, mas Claudia sentiu a dor daquele escrutínio grosseiro e, inclinando-se sobre eles, perguntou impacientemente:

– Sibila, o que vê?

Jessie inclinou-se lentamente para trás e, levantando o olhar para o rosto desafiante, respondeu com um sussurro que cortou o silêncio como uma faca.

– Vejo duas letras – M.L.

Paul não estremeceu, o seu semblante não mudou, mas o leque caiu da sua mão – o único sinal que ouvira. Claudia olhava para eles, mas não conseguia falar, e o sussurro sibilante regressou.

– Já sei tudo. Faltava *isto* para desvendar o segredo e agora detenho o poder. Olhem para aqui! – e com uma gargalhada atirou a folha aos pés de Paul.

CAPÍTULO IV

Paul olhou para a folha amarrotada e, de seguida, virou-se para ela com um olhar que a lançou tremendo em direção à porta, como uma rajada de vento varreria uma flor que se encontrasse à sua frente. Era o olhar de uma criatura perseguida e encurralada: ira, aversão e desespero agitavam o corpo forte deste homem, espreitavam pelos seus olhos desesperados, fortaleciam o seu braço poderoso e, não fosse o seu adversário uma mulher, teria caído sobre ele uma rápida resposta, pois havia o desejo de morte no seu sangue ardente.

Claudia pôs-se a seu lado e, ao toque daquelas mãos apaziguadoras, uma palidez sombria instalou-se no seu semblante, um autocontrolo duramente conquistado reprimiu a sua paixão, uma verdade amarga confrontou o seu desespero e deixou-o desolado, mas não desonrado. O seu olhar fixava Jessie, e o desespero era mais eloquente do que uma torrente de súplicas, o desprezo mais cortante do que a mais afiada censura.

– Vá – disse Paul com uma calma estranha na sua voz, – não lhe peço nada porque sei que seria implacável comigo; mas se existe alguma compaixão, algum vestígio de nobreza na sua natureza, poupará a sua amiga, lembrando-se do que ela tem sido para si. Vá e arruíne a minha reputação arduamente conquistada como lhe aprouver, não aceitarei a condenação do mundo, pois o meu juiz está *aqui*.

– Não será necessário manter o silêncio daqui a uma semana, quando chegar o dia do casamento e não houver noivo para a noiva. Previ uma tempestade, e ela chegou; que Deus a ajude a ultrapassá-la Claudia. Boa noite, bons sonhos e um futuro risonho!

Jessie Snowden tentava parecer exultante, mas os seus lábios brancos não sorriam e, embora a vitória fosse dela, afastou-se rastejando como se tivesse sofrido uma derrota.

Paul fechou a porta à sua saída e, voltando-se, olhou para Claudia com um mundo de angústia na sua expressão alterada. Ela mexeu-se, como se fosse em direção a ele, mas um gesto deteve-a e, soltando um grito, Paul bateu com a mão que tinha a cicatriz sobre a chaminé com tanta força que ficou ferida e a sangrar e, deixando cair a testa ardente sobre o mármore, ficou silencioso, lutando com uma dor que não tinha consolo.

Claudia deteve-se por um momento, pálida e silenciosa, observando a silhueta inclinada e as gotas vermelhas que caíam. Depois, dirigiu-se até ele, segurando a mão ferida como se fosse uma criança em sofrimento, encostou o seu rosto ao dele e sussurrou com ternura:

– Paul, disse-me que esta era uma mão honesta e eu ainda acredito em si. Não deve existir o mais pequeno segredo entre nós. Seja franco comigo agora e deixe-me consolá-lo.

Paul levantou o seu rosto abatido com a tristeza sem lágrimas de um homem e, aproximando a consoladora amada ao seu coração desolado, olhou demoradamente para o rosto em cuja confiança adorável não havia ainda sinais de censura. Abraçou-a por um momento, beijou-lhe os lábios e a testa vagarosamente, como se dissesse um adeus mudo e, de seguida, afastou-a delicadamente de si, dizendo-lhe, enquanto ela se afundava numa cadeira:

– Claudia, eu nunca quis sobrecarregá-la com o meu passado infeliz e acreditei que não estava a fazer nada de errado ao enterrá-lo longe do olhar humano e ao andar pelo mundo como se nunca tivesse acontecido. Reconheço o meu erro agora, e arrependo-me amargamente dele. Afaste a piedade, o preconceito e o orgulho, e veja-me como sou. Ouça-me e julgue-me, e agirei de acordo com a sua sentença.

Fez uma pausa e, em silêncio, foi buscar calma à sua força e coragem ao seu amor; depois, como se cada palavra lhe fosse arrancada por uma dor mais aguda do que alguma vez sentira, disse lentamente:

– Claudia, aquelas letras foram marcadas na minha mão; são as iniciais de um nome – ‘Maurice Lecroix’. Há dez anos ele era o meu senhor e eu o seu escravo.

Se Paul tivesse levantado o seu robusto braço direito para lhe bater, tal não a teria intimidado com tão pálida consternação ou retirado tão violentamente a força dos seus membros. Por um instante, a figura alta vacilou indistintamente perante si e o seu coração parou; então, reuniu as suas energias, pois o seu próprio sofrimento trouxe-lhe à memória o dele e, como uma verdadeira mulher, cobriu o rosto e disse-lhe:

– Continue Paul, eu consigo aguentar!

De forma solene e firme, como se fosse a sua última confissão, Paul ficou diante da mulher que amava e contou-lhe a história da sua vida.

– O meu pai – Deus lhe perdoe – era um plantador cubano, a minha mãe uma bonita mestiça, misericordiosamente cedo retirada à escravatura para uma liberdade eterna. Nunca a conheci, mas legou-me o amor do meu pai, que tive até à hora em que morreu. Durante quinze anos fui uma criança feliz, e esqueci-me de que era escravo. As tarefas leves, o tratamento amável e as poucas repressões cegaram-me para as reais dificuldades do meu destino. Tinha uma irmã, herdeira do nome e da fortuna do meu pai e, durante todos esses anos, ela foi a minha companheira de brincadeiras, partilhando comigo as suas alegrias e tristezas, o seu pouco conhecimento, os sucessos de menina e – acima de tudo – a bênção de um amor sincero. Eu era o seu orgulhoso protetor, o seu prestável serviçal e, naqueles dias enquanto crianças, éramos o que o céu fizera de nós, irmão e irmã, simples e livres.

Tinha quinze anos quando o meu pai morreu, e o flagelo caiu sobre mim do dia para a noite. Ele prometera-me várias vezes a liberdade – uma oferta estranha de um pai para um filho!

– mas, tal como outros deveres, também este tinha sido negligenciado até demasiado tarde. A morte veio de súbito, e tornei-me num órfão mais triste do que a pobre Nathalie, pois a minha herança foi uma maldição que anulou todo o amor passado ao tirar-me a liberdade.

Nathalie e eu fomos separados – ela foi levada para a proteção do seu tutor, eu para o leilão. As suas últimas palavras foram ‘Sejam gentis com o Paul’. Eles prometeram, mas quando ela partiu venderam-me para longe da minha antiga casa, e aí soube o que era ser um escravo. Oh, Claudia, treme quando digo estas palavras; repudie o homem que ousou amá-la, mas conceda alguma piedade ao rapaz desolado que nunca conheceu. Eu tinha um senhor severo, ele tinha um espírito rebelde para subjugar, pois eu não conseguia aprender a submissão e o meu sangue jovem ardia dentro de mim a cada insulto ou pancada. A bondade do meu pai provou ser a mais terrível desgraça que podia ter caído sobre mim, porque tinha sido elevado para a humanidade e, agora, era lançado às feras; tinha nascido com um coração nobre e um espírito ávido, que tinham sido acarinhados durante quinze anos e que agora eram partidos e esmagados por um destino inevitável.

Continuei a lutar, ano após ano, cada vez mais desesperado, arrastando as minhas correntes com fúria crescente a cada ano que passava e que trazia a maioria mas não o direito de a desfrutar ou de a tornar minha. Tentei fugir, mas em vão, e cada fracasso aumentava o meu desespero. Tentei receber notícias de Nathalie, mas ela tinha aprendido a olhar-me de outra perspectiva e tinha esquecido os doces laços que antes nos uniram. Tentei tornar-me uma mercadoria e ficar conformado, mas o meu pai tinha-me transmitido os seus próprios instintos livres, as suas aspirações e desejos, e eu não conseguia mudar a minha natureza ainda que fosse um escravo para sempre.

Arrastaram-se cinco anos miseráveis – contados de forma tão breve, vividos como se fossem uma eternidade. Tinha vinte anos e nenhum jovem alguma vez olhou para o mundo mais ansioso por agir, nenhum jovem alguma vez viu o futuro tão negro como aquele que me horrorizava com a sua fatalidade. Não o aceitava, e resolvi tentar pela última vez a minha liberdade e, se falhasse, poria um fim à vida que não conseguia suportar. Esperei atentamente, planeei cautelosamente, apostei desesperadamente a minha última esperança – e perdi. Fui traído, impiedosamente caçado como um lobo; mas tentei manter a minha promessa, pois quando os meus perseguidores me agarraram, desferi o golpe que deveria ter posto um termo a tudo, e o momento mais feliz da minha vida foi aquela rápida pontada em que o mundo passou por mim com o pensamento exultante ‘Finalmente sou livre!’.

Paul fez uma pausa, sem fôlego e extenuado pelo discurso rápido e emoções fortes, e no silêncio ouviu Claudia murmurar por entre uma chuva de lágrimas:

– Oh, meu amor! Meu amor! Não havia outro amigo senão a morte?

Aquele choro baixinho era um tónico mais forte para o espírito de Paul do que a mais rara uva que alguma vez existira. Olhou ansiosamente através do estreito espaço que os separava,

mas, embora o seu olhar a abençoasse pela sua piedade, ele não passaria a barreira invisível que erguera entre eles até que a mão dela a derrubasse ou a firmasse ali para sempre.

– São coisas amargas de ouvir, querido coração. Deus sabe o quão difíceis foram de suportar, mas tornaram-me mais forte e a si apaziguam-na as lágrimas. Tempos mais felizes virão. Não consegui morrer, mas saí do ‘vale da sombra’ uma alma mais resignada; embora marcado, esbofeteado, ferido, agarrei-me à vida, acreditando cegamente que a ajuda chegaria, e chegou. Um dia, passou diante dos meus olhos uma forma que parecia o anjo da libertação – era Nathalie, e era convidada do meu senhor. Furtivamente, percebi que era uma dama, que era agora senhora da sua fortuna e em breve se tornaria numa esposa feliz; e ao ouvir estas coisas, decidi dirigir-lhe um apelo no momento em que precisava tanto.

Observei-a e, uma noite abençoada, desafiando qualquer punição, esperei até que a casa estivesse em silêncio e apenas a sua luz ardesse como vira tantas vezes antes, trepei a varanda e fiquei diante dela dizendo ‘sou o Paul, ajuda-me em nome do nosso pai.’ Não reconheceu o rapaz alegre naquele homem desesperado, mas contei-lhe o meu infortúnio, implorei compaixão e ajuda, olhei para ela com o rosto do seu pai, e a natureza suplicou melhor do que as minhas orações, pois ela estendeu-me as suas mãos, dizendo, com lágrimas tão bonitas como as que neste momento brilham no seu rosto, ‘Quem te deveria ajudar se não eu? Fica tranquilo e eu expiarei esta grande negligência e injustiça. Paul, acredita em mim; não falharei.’

Claudia, amou-me em primeiro lugar pela minha reverência para com as mulheres; este é o segredo da virtude que elogia, pois quando estava mais desolado foi uma mulher que me socorreu. Desde então, em cada menina, vejo a criança que me amou enquanto rapaz, em cada jovem donzela, a Nathalie que me salvou enquanto homem, em cada mulher, nobre ou não, a aparência da minha mais verdadeira amiga, e honro-as em nome da minha irmã.

– Que os céus lhe concedam uma vida feliz! – rezou Claudia, fervorosamente, e a voz do seu amado continuou ainda mais firmemente.

– Ela manteve a sua palavra e praticou uma boa ação generosamente, pois o dinheiro fluiu como água até eu ser livre. Deu-me uma pequena quantia para as primeiras necessidades e tornou-me no homem mais rico do mundo. Deixei a ilha, e andei de um lado para o outro à procura do meu lugar na terra. Nunca contei a minha história, nunca traí o meu passado, não tenho marcas da minha raça desprezada exceto a minha tez de Espanhol e, tomando o país nativo do meu pai como o meu próprio, não encontrei qualquer obstáculo na pele morena, ou no único nome a que tinha direito. Queimei todos os vestígios da reivindicação de um senhor, e sorri enquanto a chama me torturava; porquanto a liberdade tinha colocado o seu selo sobre a minha testa, e a minha carne e o meu sangue eram *meus*.

Depois, assumi os direitos e deveres de um homem, sentindo o seu peso e o seu valor, olhando orgulhosamente para eles como uma confiança sagrada conquistada com muito sofrimento, a ser usada de forma digna e devolvida ao seu dador mais rica pela minha

intendência. Procurei à minha volta algum trabalho para fazer, pois agora trabalhava para mim, e a iniciativa era doce. Era um desconhecido numa terra desconhecida, pobre e sem amigos: mas tinha energia e esperança, dois anjos que me acompanhavam de noite e de dia.

A música sempre fora a minha paixão; agora tinha-a escolhido como o meu sustento de vida. Na Alemanha hospitaleira fiz verdadeiros amigos que me ajudaram e, fazendo qualquer trabalho honesto durante o dia, dava as minhas noites ao estudo, tentando reparar a perda de anos.

As árvores do sul crescem rapidamente, pois a sua seiva é agitada por redemoinhos e alimentada por calores ardentes. Ergui-me depressa, tateando em busca da luz que surgia mais justa à medida que eu subia; e, passados dez anos, parecia que tinha renascido. Paul, o escravo, estava morto, e a sua sepultura tornara-se verde; Paul, o homem, não fazia parte dele além de uma lembrança triste da juventude que definhou e morreu demasiado cedo. O mundo tinha sido muito injusto comigo, contudo, não pedi nenhuma expiação exceto a liberdade para me afirmar como homem, nenhum favor exceto o direito de enterrar o meu passado morto e fazer do meu futuro o que me aprouvesse. As ambições dos outros homens não eram as minhas ambições, pois haviam-me sido tirados vinte anos e eu não tinha tempo de lutar por outro prémio senão o mais elevado. Estava grato pela dádiva que o céu me enviara, e sentia que a minha função era construir uma vida honesta, cultivar a natureza que me foi dada, e aí semear uma colheita tardia, para que o meu feixe fosse digno da mão do Ceifador Sinistro. Se existe algum poder no desejo sincero, algum consolo na crença devota, – essa força, essa consolação serão minhas. A ignomínia do homem pode oprimir-me, a piedade da mulher pode abandonar-me, o sofrimento e a injustiça podem ainda perseguir-me, – porém, não estou desolado, pois quando toda a bondade humana me renunciar eu sei que um amor mais divino me acolherá.

Na voz de Paul surgia a música de uma fé ardente, nos seus olhos ardia o fogo de uma inextinguível esperança, e no seu rosto resplandecia uma serenidade pálida que o tocava com a juventude que o tempo não consegue fazer desaparecer. O passado e o presente desapareciam da sua vista, pois naquele momento o seu espírito reclamava o direito de nascer e, para além da criatura do seu amor, o seu coração contemplava a aspiração da vida.

– Claudia, nunca pensei conhecer afetos como os seus; nunca pensei que pudesse merecer tamanha bênção; mas quando chegou até mim no disfarce mais meigo, pedindo para ser acolhida, como podia fechar a porta a um visitante tão bem-vindo? Não o fiz, e o doce anjo entrou para atear na minha lareira solitária uma fogueira que nunca morrerá. Deus me ajude se este espírito protetor partir!

Paul não vacilou ao longo de toda a sua história de desespero e sofrimento, antes continuou de forma resoluta, dando ao seu sofrimento alguma ligeireza para o bem de Claudia, mas agora, quando se recordava da ternura que ela acalentava, a angústia que poderia sentir, a confiança que poderia considerar quebrada, apoderou-se dele um profundo remorso e faltou-lhe

a coragem. Imaginava perder Claudia e, com uma expressão de profunda mágoa, percorreu a sala comprida de forma agitada – parou por um momento, olhando para a quietude mágica da noite, e regressou novamente calmo.

– Quando me deu a boa dádiva que tem o direito de tirar de novo, disse que era órfão, pobre e não tinha amigos; mas não disse porque estava tão desolado, acreditando que era mais prudente deixar uma história amarga por contar. Pensava que não fizera nada de errado, mas aprendi que a paz perfeita só se encontra na verdade perfeita; e aceito a lição, pois estava demasiado orgulhoso do meu sucesso, e sou lançado para a poeira para subir novamente mais firme. Deixo-a julgar-me como um igual, revelando as minhas fraquezas, os meus desejos, as minhas paixões e crenças, como qualquer amante feliz faria. Viu uma centelha de homem, pois amou-me, e esse ato deveria ter-me tornado mais digno de tal dádiva – mas não tornou. Claudia, perdoe-me; fui fraco, mas lutei para ser forte, pois nos meses felizes que passaram, mostrou-me todo o seu coração, tornou-me mais rico com a sua confiança, e não ocultou qualquer mágoa da sua vida – por fim, esta sinceridade corajosa tornou-se para mim uma repreensão muda, pois no *meu* coração estava uma câmara secreta que nunca se abriu perante os seus olhos, porque aí jazia a minha juventude perdida, tão rígida e fria, que não me atrevi a mostrar-lhe o seu rosto morto. Mas, com o aproximar do momento em que me daria o nome que deve andar de mãos dadas com a inocência e a verdade, este vago remorso de uma injustiça silenciosa levou-me a confessar o meu passado. Escrevi tudo, por acreditar que nunca o conseguiria contar como contei esta noite, aprendendo, assim, que o amor consegue expulsar o medo. Escrevi-o, e trouxe-o muitas vezes comigo, mas nunca lho dei, porque ...oh, Claudia! Oh, meu coração! Amava-a mais do que a honra e não podia desistir de si!

Vinda do jardim adormecido e da noite calma, uma lufada de ar suspirou pela sala, tão melancólica e doce como aquelas palavras apaixonadas, mas Claudia nunca levantou o seu rosto escondido, nem se moveu para responder, pois ouvia um apelo mais divino e aconselhava-se no silêncio do seu coração.

Paul observava-a, e sobre o seu rosto desceu a sombra de um grande medo.

– Trouxe esta confissão comigo esta noite, resolvido a fazê-la e ficar satisfeito; mas não veio ao meu encontro, e, enquanto esperava, o meu amor tentou-me; o momento passou, e queimei-a, abdicando do propósito nobre por uma paz querida. Esta página, que não consigo dizer como caiu, entregou-me àquela mulher _____, e a sua malícia obrigou-me a fazer o que não tive coragem de fazer sozinho.

Agora, Claudia, está tudo dito. Agora, vendo o que fui, sabendo o que desejei tornar-me, recordando misericordiosamente o que sou, julgue o meu crime e dite a minha sentença.

Tal apelo não era necessário, pois a sentença havia sido dada muito antes da oração. O orgulho, o medo, a vergonha tinham desaparecido, deixando livre a mais pura paixão; agora, a justiça e a misericórdia levavam o amor pela mão e conduziam-no até casa. No rosto de Claudia

surgia uma luz mais bela do que qualquer sorriso; sobre a face e a testa cintilava o fervor do seu sangue generoso, nos olhos e na voz falava a coragem do seu coração firme, enquanto derrubava a barreira ao dizer simplesmente:

– É meu ainda, meu para sempre, Paul! – e com aquela terna saudação acolheu o homem injustiçado no abrigo do seu amor.

Lágrimas quentes e pesadas como a chuva de verão batizaram a recém-nascida paz, e palavras de gratidão cantaram a sua canção de embalar, enquanto aquela natureza forte a embalava com bênçãos e orações. Paul estava agora mais fraco, e Cláudia aprendeu a grandeza do medo passado através da veemência da alegria presente, enquanto estavam juntos a saborear a doçura de um momento que enriquecia as suas vidas.

– Amor, está recordada do que esta dádiva pode custar? Está recordada do que eu serei doravante aos olhos dos outros? Consegues suportar ver caras familiares tornarem-se estranhas para si, enfrentar olhares que ferem com a sua piedade, ouvir palavras que aguilhoam pela sua verdade, e ter uma sombra a cair sobre a sua vida por mim?

Enquanto falava, Paul levantou aquele rosto, “brilho claro do sol depois da chuva”, mas não se modificou, não perdeu o seu contentamento, enquanto Cláudia respondia com voz ardente:

– Recordo-me que não posso pagar demasiado por aquilo que é inestimável; que quando estava sozinha e sem amor, chegou um amigo que nunca me abandonará quando os outros faltarem; que de lugares humildes vieram poetas, filósofos e reis; e quando o mundo zombar do nome que me dá, poderei enfrentá-lo e dizer com o orgulho que me agita agora: – O *meu* marido alcançou um sucesso mais nobre do que homens de honra, ultrapassou maiores obstáculos, conquistou adversários mais implacáveis e elevou-se a um “homem honesto”.

Paul provava que ainda o era ao armá-la contra ele, ao avisá-la dos preconceitos cruéis que ele tão tristemente conhecia e temia.

– A sua natureza generosa deixa-a cega para as provações que prevejo, para as desilusões que pressagio. No seu mundo não haverá lugar para mim quando isto se souber, e eu não posso pedir-lhe que desça do seu lugar para se sentar à fogueira de um pária. Não perdi o seu amor, – esse era o golpe que temia; ao possuí-lo ainda posso renunciar a muito, e abdicar do novo título que teria em breve, se puder manter o querido e antigo de “amigo”. Não está ao nosso alcance manter este segredo escondido e com ele fortalecer o nosso sentimento, como tinha esperança. Pense sobre isto, Cláudia, mais calmamente, e pese bem o custo presente e futuro, pois está nas suas mãos construir ou arruinar a sua felicidade.

– A sua perda não será o meu ganho, e preferia nunca mais olhar para este rosto do que viver para o ver entristecido por um remorso vão de algum ato ao qual eu o tivesse oportunamente poupado por alguma dor. Considerarei, colocar-me-ei à prova antes de tomar nas

minhas mãos a sua paz, mas, Paul, sei a resposta a todas as minhas incertezas, sei que não mudarei.

Claudia falou com firmeza, pois ela conhecia-se; e quando, finalmente, o seu amor se foi, as suas últimas palavras foram:

– Acredite em mim, não mudarei.

Lentamente, a chama clara da lanterna tornou-se fraca e extinguiu-se; suavemente, a Noite cantava a sua canção de embalar para silenciar o mundo cansado, e, solenemente, o silêncio tornava-se mais profundo com o passar das horas, mas Claudia, bem desperta, caminhava de um lado para o outro, ou sentava-se como uma imagem de pensamento mudo. Não estava sozinha, pois estava cercada de espíritos bons e maus que tornavam aquela sala silenciosa num campo de batalha de um conflito invisível entre a lei do homem e o amor de mulher. Toda a sabedoria da vida que o tempo lhe ensinara a avisava agora das perdas mundanas que teria ainda de sofrer, todos os preconceitos nascidos da sua posição e reforçados pela sua educação a assaltavam agora com uma secreta perícia, todo o orgulho que crescera com ela a tentava agora a esquecer o amante naquele escravo, e o medo ameaçava-a com a opinião pública, esse sinistro fantasma que assombra os melhores e mais sábios. Mas, muito acima da voz do orgulho, do suspiro do medo e do eco da “temida gargalhada do mundo”, erguia-se o sussurro do seu coração que, intrépido e impávido, lhe gritava:

– Tinha frio e ele acalentou-me junto à sua fogueira; tinha fome e ele deu-me alimento; era um estranho e ele acolheu-me.

Lentamente, a lua subiu ao zénite e desceu no oeste, lentamente, as estrelas empalideceram uma a uma e o céu cinzento assumiu os tons avermelhados à medida que a madrugada surgia sorrindo das colinas. Lentamente, a pálida sombra de todo o mundanismo desapareceu da mente de Claudia e deixou-a pronta para o sol, lentamente, as dúvidas, os arrependimentos e os medos espectrais desvaneceram-se um a um, e do crepúsculo daquele breve eclipse surgiu a manhã de um dia mais agradável.

Tal como os jovens cavaleiros observavam as suas armas em capelas assombradas pela recordação de santos ou guerreiros e avançavam ansiosos por feitos heroicos, assim Claudia, ao amanhecer, preparou a armadura abençoada por uma noite de vigília devota e com alma corajosa dirigiu-se ao dever que a conduziria à derrota ou à vitória da sua vida.

Paul encontrou uma Claudia diferente da que deixara, porquanto uma mulher firme e forte dirigiu-lhe uma expressão tão cheia de coragem quanto de alegria quando, encontrando-se novamente perante ela, a olhou nos olhos e lhe ofereceu a sua mão como o fizera na noite de noivado. Agora, como então, ela aceitou-a e, num momento, deu um significado doce àquelas letras que eram o único vestígio do seu mal, pois, inclinando-se, tocou a mão marcada pela cicatriz com os seus lábios, e murmurou com ternura:

– Meu amor, não existe angústia nessa marca, nem humilhação nessa reivindicação, e eu aceito a escravidão do mestre que governa o mundo inteiro.

Enquanto ela falava, Paul parecia um escravo mais feliz, mais contente do que aqueles fabulosos prisioneiros de que o Sul se vangloria mas que tem tanta dificuldade em mostrar.

Claudia conduziu-o de novo ao mundo inferior ao perguntar-lhe com um suspiro:

– Paul, porque quereria Jessie Snowden magoar-me tanto? Que motivo lhe dei para tamanha aversão?

Pelo rosto do seu amante passou uma cor rápida, e um sorriso desdenhoso tocou novamente os seus lábios enquanto respondia:

– Não é algo que eu deva dizer; porém, em nome da verdade, devo fazê-lo. Jessie Snowden almejou o que a Claudia ganhou. Não tenho motivos para vaidades, mas não pude evitar ver nos seus olhos o olhar que tanto demorou a ver nestes olhos mais tímidos. Não tinha forma de retribuir, mas dei toda a minha amizade e respeito a uma pessoa por quem sentia a mais invencível repugnância. Não havia outro motivo para a sua aversão, mas acredito que ela me odiava, ou por que motivo falaria com tal prazer malicioso quando uma mulher mais generosa se teria mantido em silêncio? Não confio nela, e amanhã verei em algum rosto alterado a primeira nuvem da tempestade que ela previu. Claudia, vamos casar-nos em segredo e afastar-nos até que se cansem dos comentários e sejamos esquecidos.

Paul falou com o impulso súbito de uma natureza sensível e orgulhosa, mas a energia de Claudia estava totalmente desperta e ela respondeu algo indignada:

– Não, nada será mudado. Pedi aos meus amigos para me verem tornar-me numa esposa feliz e orgulhosa; deverei deixá-los pensar que tenho vergonha de estar perante eles com o homem que amo? Paul, se não conseguir suportar umas palavras cruéis, uns olhares gelados, alguma dor, por si, de que valerá o meu amor, de que valerá a minha força, e como provarei ser uma verdadeira amiga e companheira nos momentos de maiores cuidados e tristezas que os céus nos enviarem?

– Claudia, é a mais corajosa dos dois! Eu seria mais forte se tivesse muito para dar; mas sou tão pobre, este peso da obrigação tira-me a coragem. Sou uma alma fraca, meu amor, pois não consigo confiar, e ainda sou assombrado pelo medo de, um dia, ver um pesaroso arrependimento neste rosto, tão pálido de uma noite de vigília por minha causa.

Claudia ajoelhou-se diante dele e, levantando o seu rosto sério, disse: – Veja Paul, e não volte a duvidar. Falou uma vez em expiação, – faça-a conquistando o seu orgulho e recebendo tão livremente quanto eu dou, porque acredite em mim, é tão difícil aceitar com nobreza como é dar com generosidade. Não é pobre, pois entre nós não pode haver o meu e o teu; não é fraco, pois eu apoio-me na sua força e sei que ela não falhará; não é temeroso agora, pois olhando para mim, vê a esposa que nunca poderá arrepender-se ou conhecer a sombra de uma mudança.

Paul afastou os caracóis castanhos para trás e, enquanto olhava, sorria de novo, pois coração, olhos e lábios ternos confirmavam a verdade, e ele estava satisfeito.

Tal como Lady Macbeth, Jessie Snowden era assombrada pelo seu segredo, e tal como aquela mulher determinada, tê-lo-ia contado durante o sono, se não se tivesse acalmado ao confidenciá-lo a uma única amiga. A “querida Maria” prometeu silêncio eterno, mas a “querida Maria” era o conhecido “passarinho” que espalhava o sussurro pelo ar. O rumor semeou-o, os mexericos alimentaram-no, e Claudia colheu uma rápida colheita de desconfortos e desgostos.

Julgava-se preparada para enfrentar a “guerra das palavras”; mas as línguas das mulheres forjavam armas cujos golpes ela não conseguia evitar, e a censura ou a piedade grosseira dos homens perfurava o seu escudo e feria mais profundamente do que ela ousava dizer. Os seus “queridos quinhentos amigos” vieram todos salvá-la do suicídio social, e a sua calma sala de estar depressa se tornou numa câmara da Inquisição, onde diariamente um “Conselho dos Dez” a atormentava com avisos, súplicas – e censuras –, julgamentos mais difíceis de suportar por uma mulher dos que as antigas torturas do potro, da sede e da fogueira.

Sofreu corajosamente nestes tempos agitados, mas a sua almofada recebia lágrimas amargas, ouvia orações fervorosas e a palpitação de um coração indignado, que só se acalmava com o poder do seu amor. Paul nunca viu uma lágrima nem ouviu um suspiro, – para ele, havia um sorriso constante nos lábios, uma coragem alegre nos olhos; mas ele lia a sua dor na resignação que agora lhe embelezava o rosto e, silenciosamente, a provação aproximava-os ainda mais.

Não havia uma mãe que a apertasse contra o seu peito com bênçãos e orações quando chegou a manhã do casamento, uma irmã que pairasse de forma primaveril junto dela, com sorrisos e lágrimas, um pai que a entregasse orgulhosamente ao homem que amava, e havia poucos amigos que tornassem esta uma festa alegre; mas noiva nenhuma alguma vez esperara pela chegada do seu noivo com maior felicidade do que Claudia, enquanto olhava o resplendor do sol de um dia gracioso, e dizia para si, “o firmamento sorri-me com céus auspiciosos, e no fundo do meu coração ouço uma melodia mais doce do que qualquer sino poderia tocar, – sinto uma paz mais verdadeira do que o louvor humano pode conceder. Oh pai que nunca conheci! Oh mãe que amei completamente, ficai comigo agora e abençoai-me nesta hora feliz.”

Finalmente, Paul chegou, febril com a inquietação de muitos pensamentos agitados, e ainda perturbado com a gratidão de uma natureza generosa, que não se considerava merecedora do presente que o Destino caridoso lhe concedia. Viu uma mulher formosa coroada para ele e, lembrando-se do seu passado, olhou para ela e disse com uma voz perturbada e agitada:

– Claudia, ainda não é demasiado tarde. – Mas a figura branca esvoaçou em direção à porta e, olhando para trás, respondeu apenas:

– Vem.

A Música, o espírito benigno das suas vidas, deu umas solenes boas-vindas enquanto o par solitário caminhava em direção ao altar, por entre uma suave agitação de uma multidão revoltada. Do altar, repleto de símbolos sagrados e matizes vivos, descia a bênção dos céus numa inundação de luz, que tocava a cabeça inclinada de Paul com raios suaves e envolvia a brancura da noiva em brilho.

Silenciosamente, aquele par inconsciente, pregou o melhor sermão que alguma vez ali soara, pois apelava a princípios que nunca morrem, e fez o seu texto, “ O amor da liberdade, a liberdade do amor.”

Muitos homens esqueceram o seu mundanismo e, pensando no sucesso arduamente conseguido por Paul, admitiram que o admiravam. Muitas mulheres frívolas sentiram os seus olhos subitamente humedecidos, os seus peitos agitados por uma súbita compaixão quando o claro “Sim, aceito” de Cláudia se elevou no silêncio, e muitos corações enternecidos confessaram a beleza do feito que tinham condenado.

Na escuridão da capela tinham entrado um noivo sombrio e uma noiva pálida; um marido orgulhoso e uma esposa resplandecente, os dois transformados em um só, passaram em direção à luz do sol sobre o relvado e, percorrendo aquele caminho radioso, caminharam serenamente em direção à sua nova vida.

O interesse passageiro extinguiu-se e, Paul e Cláudia, ouvindo o murmúrio do mar, esqueceram-se que havia um mundo durante aquele mês feliz. Mas, quando regressaram e retomaram as suas posições no círculo que haviam deixado, o velho encanto tinha partido; porquanto o preconceito, um autocrata mais implacável do que o Czar de todas as Rússias, cercava-os com uma barreira invisível, que parecia excluí-los daquele convívio agradável que antes haviam desfrutado. Cláudia não aceitaria uma mão que não fosse dada de forma igualmente espontânea ao seu marido, e não havia muitas que apertassem as suas próprias tão cordialmente como antes o haviam feito. Depois, começou a aperceber-se do vazio da sua antiga vida, pois agora olhava para ela mais claramente e via que não passaria o teste que aplicara.

Esta era a lição de que precisava. Ensinou-lhe o valor da verdadeira amizade, mostrou-lhe a pobreza das antigas crenças, a amargura de antigos desejos, e fortaleceu a sua natureza orgulhosa através da dura disciplina da dor.

Paul via a solidão que a assolava quando os antigos prazeres não a satisfaziam, e começou a sentir que os seus maus prenúncios se tornariam reais. Mas isso nunca aconteceu, pois desceram até eles os bons samaritanos que socorrem a alma e a razão e que, guiando-os pela mão e através da sua veneração pelo seu marido, deram a Cláudia a suprema lição da sua vida.

Tiraram-na do mundo da riqueza, da moda e da pretensão e conduziram-na até um mundo que se situa acima deste, cheio da beleza de grandes feitos, pensamentos nobres e almas humildes, que percorrem os seus caminhos, com as virtudes que

têm um doce aroma e florescem na poeira.

Como uma criança no país encantado, olhava em seu redor, sentindo que aqui poderia ver novamente as aspirações da sua juventude e ver essas visões felizes tornar-se realidade.

Neste novo mundo, encontrou uma posição mais nobre do que qualquer outra que deixara para trás, pois homens cujas vidas justas eram o seu renome, cujas virtudes eram sua propriedade, eram os pares deste reino, cuja soberana era a Verdade, cujos ministros eram a Justiça e a Humanidade, cujos súbditos eram todos aqueles “que amavam os seus vizinhos mais do que a si mesmos.”

Encontrou um cavalheirismo mais verdadeiro do que havia conhecido antes, pois os feitos heroicos brilhavam sobre ela no mais humilde disfarce, e descobriu os cavaleiros de uma corte mais nobre do que a que Artur fundou ou Spenser cantou. São Jorges, corajosos como o de outros tempos, Sir Guyens, devotos e fortes, e eloquentes Sir Lancelots sem uma mancha, todos lutando a boa luta do amor de Deus e da justiça universal.

Encontrou uma moda tão antiga quanto a condição feminina e tão bela quanto a caridade, cujos adeptos viviam poemas que nenhuma caneta poderia escrever; corajosas Britomártis a corrigir as injustiças; dóceis Unas a socorrer os fracos, donzelas de Orléans de coração nobre, firmes nos longos martírios de trabalho para os pobres, todos seguindo alegremente os caminhos secundários do mundo e deixando-os mais verdes ao toque dos seus pés incansáveis.

Ela encontrou uma religião que acolhia toda a humanidade na sua ampla igreja e transformava em seu sacerdote o camponês da Judeia que pregava o Sermão da Montanha.

Então, vendo estas coisas, Claudia sentiu que tinha encontrado o seu lugar e, deixando de se vestir de “púrpura e linho fino”, entregou-se ao trabalho sério, que é o néctar fortalecedor da vida. Paul tinha agora amigos e uma casa, pois aqui ele encontrara uma pátria e um acolhimento à irmandade que nos torna família; e, tal como os peregrinos daquela fábula intemporal, estes “seguiram o seu caminho cheios de alegria”, deixando as margens da “Feira das Vaidades” para trás e, percorrendo o “Vale da Humilhação”, subiram as montanhas de onde vislumbravam as torres da “Cidade Celestial”.

Lentamente, tudo se endireita quando fundado na verdade. O tempo trouxe honras tardias a Paul, e os amigos falsos de Claudia acenaram-lhe para tomar o seu lugar de novo, mas ela apenas tocou as suas pequenas cabeças, olhou para o rosto do seu marido e respondeu com um sorriso de contentamento:

– Não posso deixar a substância pela sombra, não posso deixar o meu mundo pelo vosso. Dispam-se das antigas ilusões que vos deixam cegos perante a luz, subam e venham ter comigo.

Os Irmãos

Quando o Doutor Franck entrou, estava sentada a coser os rasgões de uma camisa velha, para que Tom pudesse ir bem arranjado para a sua sepultura. As camisas novas eram necessárias para os que estavam vivos, e não havia esposa ou mãe para "o vestir condignamente quando fosse ao encontro do Senhor", como disse uma mulher, descrevendo o bonito funeral que ela tanto se esforçara para dar ao seu filho.

– Miss Dane, estou num dilema – começou o Doutor, com aquela expressão no rosto que diz claramente, “Quero pedir um favor, mas gostava que me poupasse a esse trabalho.”

– Posso ajudá-lo a resolvê-lo?

– Com certeza! Não queria ter de lhe pedir, mas decerto que poderá ajudar.

– Então diga o que é, por favor.

– Sabe, é que acabaram de trazer um Rebelde em estado delirante com febre tifoide. Um caso grave em todos os sentidos; um capitão bêbedo e miserável que alguém se deu ao trabalho de capturar, mas que ninguém se quer dar ao trabalho de curar. As enfermarias estão cheias, as enfermeiras, mesmo exaustas, estão sempre prontas para cuidar dos nossos rapazes, mas pouco dispostas a arriscar as suas vidas por um Rebelde. Ora, a Miss Dane já teve a febre, gosta de pacientes invulgares, a ajudante tomará conta da sua enfermaria durante algum tempo e eu arranjo-lhe um bom assistente. Calculo que o indivíduo não dure muito tempo, mas não pode morrer sem receber qualquer tipo de cuidados. Coloquei-o no quarto andar da ala oeste, afastado dos outros. É um lugar arejado, calmo e confortável. Estou nessa enfermaria e farei o que puder para a ajudar. Então, vai?

– Claro que sim, se não por caridade, por perversidade, pois algumas destas pessoas pensam que por ser abolicionista também sou uma herege, e gostaria de lhes mostrar que, embora não consiga amar os meus inimigos, estou disposta a cuidar deles.

– Muito bem. Calculei que fosse. E por falar em abolição, lembrei-me de que o seu ajudante poderia ser um contrabando⁵, se quiser. É aquele rapaz mestiço que foi encontrado a enterrar o seu senhor rebelde depois da batalha e, como tinha um golpe grave na cabeça, foi trazido pelos nossos rapazes. Fica com ele?

– Com certeza, pois mantenho a minha posição; estes rapazes negros são muito mais fiéis e habilidosos do que alguns dos malandros brancos que me são dados para servir, em vez de serem servidos. Mas este homem já se encontra recuperado?

⁵ N.T. Termo utilizado para fazer referência a ex-escravos fugitivos, que ficavam sob a tutela dos comandantes militares unionistas. Em 1861, o General Benjamin Butler recusou a devolução de escravos foragidos aos proprietários sulistas que vinham reclamar a sua propriedade, designando-os como “contrabando de guerra”. Desse momento em diante, o termo contrabando passou a designar as centenas de milhares de fugitivos que buscaram a liberdade sob o abrigo das tropas da União.

– Para esse tipo de trabalho, sim. E acho que irá gostar dele. Deve ter sido um homem bem-parecido antes dos golpes no rosto. Não é muito mais escuro do que eu; atrevo-me a dizer que é filho do seu senhor e o sangue branco que lhe corre nas veias torna-o altivo e arrogante em algumas situações. Estava em mau estado quando chegou, mas jurou que preferia morrer nas ruas do que misturar-se com os negros lá em baixo. Por isso, coloquei-o na ala oeste, para estar afastado, e tem estado a cuidar do capitão durante a manhã inteira. Quando pode subir?

– Assim que o Tom esteja amortalhado, o Skinner mudado, o Haywood lavado, o Marble vestido, o Charley esfregado, o Downs tratado, o Upham deitado e os quarenta tenham comido.

Rimo-nos, embora o Doutor estivesse a caminho da casa mortuária e eu tivesse uma mortalha sobre o meu colo. Mas, num hospital aprende-se que a alegria é a salvação, pois, numa atmosfera de sofrimento e de morte, um coração triste depressa tornaria as mãos inúteis, se o abençoado dom do sorriso nos tivesse sido negado.

Passada uma hora, assumi o meu novo cargo e fui encontrar um rapaz moribundo, com os seus dezanove ou vinte anos, delirando no quarto solitário, sem ninguém perto dele exceto o contrabando que se encontrava no quarto contíguo. Sentindo claramente mais interesse no homem negro do que no branco, mas recordando a alusão do Doutor à sua “altivez e arrogância”, olhei furtivamente para ele enquanto espalhava cloreto de cal pelo quarto para purificar o ar e colocava as coisas à minha maneira. Já tinha visto muitos contrabandos, mas nunca um tão atraente quanto este. Todos os homens negros são chamados de “rapazes”, mesmo quando já têm cabelos brancos. Este rapaz tinha, pelo menos, vinte e cinco anos, era bem-constituído e viril, e tinha a aparência de alguém que nunca tinha sido aterrorizado pelo abuso ou desgastado com trabalho opressivo.

Estava sentado na cama sem fazer nada. Não havia um livro, um cachimbo, uma caneta, um papel à vista. No entanto, a sua atitude e expressão não eram de indolência e apatia. Sentado ereto, com uma mão sobre cada joelho, olhava fixamente para a parede nua em frente, tão concentrado em algum pensamento absorvente que nem se deu conta da minha presença, embora a porta estivesse aberta e os meus movimentos não fossem de forma alguma silenciosos. Não conseguia ver bem o rosto, mas aprovei imediatamente a opinião do Doutor, pois o perfil que via possuía todos os atributos de graciosidade própria dos mestiços.

Nas veias corria-lhe mais sangue branco do que negro. Tinha feições saxónicas, tez morena, escurecida pela exposição, lábios e face levemente rosados, cabelo ondulado e, nos olhos, a melancolia apaixonada que nestes homens parece soltar um protesto mudo contra a lei violada que os condenou à nascença. Em que estaria a pensar? O doente praguejava e delirava, eu andava para cá e para lá, as pessoas passavam à porta, os sinos tocavam e na rua ouvia-se o barulho constante dos vagões do exército, mas ele não se mexia. Já tinha visto pessoas de cor com aquilo a que chamam de “amuo negro” quando, durante dias, não sorriam, não falavam e mal comiam. Mas isto era diferente, pois o homem não estava a matutar sobre uma qualquer

ofensa; parecia ver gravado na parede um facto ou fantasia que o absorvia completamente e que, para mim, era um mistério. Perguntava-me se seria alguma mágoa profunda, mantida viva pela memória e pelo arrependimento impotente; se chorava a morte do seu senhor a quem tinha sido fiel até ao fim; ou se a liberdade que agora tinha perdia o seu encanto por saber que alguém que lhe era querido ainda definhava no inferno do qual ele fugira. Esse pensamento enternecia-me; queria saber e confortá-lo, e, seguindo o impulso do momento, entrei e toquei-lhe no ombro.

Naquele instante, o homem deu lugar ao escravo. A liberdade era uma dádiva ainda muito recente para ter feito as suas abençoadas mudanças e, quando se levantou repentinamente, com a mão na fonte e um obsequioso “Sim, Senhora”, qualquer ideia romântica em seu torno desapareceu, deixando o mais triste de todos os factos tristes vivo perante os meus olhos. Não só a virilidade pareceu extinguir-se, mas a graciosidade que me tinha atraído em primeiro lugar, pois, quando se virou, vi a ferida horrível que lhe tinha aberto a face e a testa. Parcialmente curada, já não estava protegida com ligaduras, mas era mantida fechada com tiras daquele adesivo transparente que me causava sempre um arrepio e breves recordações das cenas com as quais está associado na minha mente. Parte do seu cabelo preto tinha sido rapado e um dos olhos estava quase fechado. Aquela parte do rosto estava tão distorcida de dor e tão desfigurada pelo cruel golpe de sabre que, quando a vi, parecia que tinha visto de súbito o verso de uma medalha encantadora, que me mostrava um tipo de sofrimento humano e de injustiça muito mais impressionantes do que o prisioneiro de bronze de Miguel Ângelo. Através de um daqueles processos inexplicáveis que frequentemente nos mostram como não nos compreendemos a nós próprios, o meu propósito mudou subitamente; e, embora tivesse entrado para o confortar como amiga, dei-lhe simplesmente uma ordem como uma senhora.

– Pode abrir as janelas? Este homem precisa de ar.

Obedeceu imediatamente e, enquanto fazia força para levantar a janela desobediente, o perfil bonito estava virado para mim e, mais uma vez, fiquei tão possuída pelas minhas primeiras impressões que disse involuntariamente:

– Obrigada.

Talvez tenha sido imaginação minha, mas pareceu-me que no olhar de surpresa e de censura que me dirigiu também havia vestígios de um grato prazer. Mas disse, naquele tom de humildade submissa que estas pobres almas aprendem desde cedo:

– Não sou um homem branco, Senhora. Sou um contrabando.

– Sim eu sei; mas um contrabando é um homem livre e felicito-o sinceramente por isso.

Ele gostou; o seu rosto brilhou, endireitou os ombros, levantou a cabeça, olhou-me nos olhos e respondeu de imediato:

– Muito obrigado, Senhora. Posso fazer mais alguma coisa por si?

– O Doutor Franck achou que, como há muitos pacientes e poucas enfermeiras ou ajudantes me poderia ajudar com este homem. Já teve a febre?

– Não, Senhora.

– Deviam ter pensado nisso quando o puseram aqui; feridas e febre não deviam estar juntas. Vou pedir que o mudem.

Riu-se de súbito. Se fosse um homem branco diria que era um riso desdenhoso; mas, como era um pouco mais escuro do que eu, suponho que deve ser considerado insolente ou, pelo menos, grosseiro.

– Não importa, Senhora. Prefiro estar aqui em cima com a febre do que lá em baixo com aqueles pretos; e não há mais nenhum lugar pra mim.

Pobre coitado! Era verdade. Nenhuma enfermaria daquele hospital o aceitaria para ficar ao lado do branco mais miserável que aí estivesse. Tal como o morcego na fábula de Esopo, não pertencia a nenhuma raça. O orgulho de uma e a impotência de outra mantinham-no a flutuar sozinho no crepúsculo que um grande pecado trouxe para ensombrar o mundo.

– Então fica aqui, pois prefiro tê-lo a si como ajudante do que o meu Jack preguiçoso. Mas, está suficientemente bem?

– Acho que vou ter de servir, Senhora.

Falou com uma aceitação passiva, como se não importasse se não estivesse capaz, e ninguém se alegrasse particularmente se estivesse.

– Sim, estou certa que sim. Como devo chamá-lo?

– Bob, Senhora.

Todas as mulheres têm os seus caprichos. Um dos meus era ensinar os homens a ter autorrespeito, tratando-os com respeito. Tom, Dick e Harry serviriam, quando os rapazes se alegravam com essas abreviações familiares, mas dirigir-me dessa forma a homens muitas vezes com idade para serem meu pai, não ia ao encontro das minhas ideias antiquadas de decoro. Este "Bob" nunca serviria. Seria tão estranho chamar o capelão de "Gus" como tratar o meu contrabando de aparência dramática por um nome tão vulgar.

– Qual é o seu outro nome? – perguntei-lhe. – Gosto de tratar os meus ajudantes pelo apelido.

– Não tenho outro nome, Senhora. Temos o nome do nosso senhor, ou não temos nenhum. O meu está morto e não quero nada dele.

– Bem, chamá-lo-ei de Robert e pode encher-me este jarro, se fizer o favor.

Ele foi, mas, apesar da obediência domada que anos de servidão lhe haviam ensinado, eu conseguia perceber que o espírito orgulhoso que o seu pai lhe dera ainda não estava subjugado, pois o olhar e o gesto com que repudiou o nome do seu senhor eram uma declaração de independência mais impressionante do que qualquer orador do quatro de julho poderia ter preparado.

Passámos uma semana estranha juntos. Robert raramente saía do seu quarto, exceto para fazer os recados que lhe pedia; e eu era uma prisioneira o dia inteiro, muitas vezes a noite

inteira, junto à cama do rebelde. A febre desapareceu rapidamente, pois não havia vitalidade para a alimentar no corpo débil deste velho jovem, cuja vida, julgando pelas revelações feitas pelos seus lábios inconscientes, não tinha sido a mais honrada. Mais do que uma vez, Robert silenciou-o de forma autoritária quando eu, em vão, o tentava aquietar e as blasfêmias ou as obscenas canções de acampamento me faziam enrubescer e o rosto de Robert assumir uma expressão de repulsa. Aos olhos do mundo, o capitão era um cavalheiro, mas, aos meus olhos, o cavalheiro era o contrabando. – Eu era uma fanática, e isso explica tal gosto tão depravado, calculo eu. Nunca perguntei nada a Robert sobre a sua vida, por sentir que havia ali algures uma chaga ainda aberta que não suportaria o mínimo toque mas, pela forma de falar, pelos seus modos e inteligência, consegui perceber que a cor da sua pele lhe tinha assegurado as poucas vantagens que estão ao alcance de um escravo perspicaz e bem tratado. Silencioso, sério e pensativo, mas muito prestável, assim era o meu contrabando; satisfeito com os livros que lhe trazia, fiel na execução das tarefas que lhe atribuía, grato pela simpatia que eu não podia deixar de sentir e demonstrar. Muitas vezes desejei ardentemente perguntar-lhe que motivo tão visivelmente aprofundava a sua tristeza de dia para dia. Mas nunca me atrevi e mais ninguém tinha tempo ou vontade de se intrometer no passado deste espécime de um dos ramos das cavalheirescas Primeiras Famílias da Virginia⁶.

Na sétima noite, o Dr. Franck sugeriu que, além do vigia da enfermaria, deveria estar mais alguém com o capitão, pois esta poderia ser a sua última noite. Embora tivesse aí passado a maior parte das duas últimas noites, claro que me ofereci para ficar, — há um fascínio estranho nestas cenas que nos tornam indiferentes ao cansaço e inconscientes do medo até a crise ter passado.

– Dê-lhe água enquanto ele conseguir beber, e, se adormecer, isso poderá salvá-lo. Virei vê-lo à meia-noite, que é quando poderá haver alguma mudança na sua condição. Apenas o sono ou um milagre o poderão salvar. Boa noite.

O Doutor afastou-se e, com a boca cheia de uvas, baixei o candeeiro, molhei a testa do capitão e sentei-me num banco desconfortável para começar a minha vigia. O capitão estava deitado com o rosto pálido e febril virado para mim, enchendo o ar com a sua respiração venenosa, e debilmente murmurando, com lábios e língua tão ressequidos que até o discurso mais coerente teria sido difícil de entender. Robert estava esticado sobre a sua cama no quarto interior, com a porta entreaberta, para que a corrente de ar fresco que entrava pela sua janela aberta pudesse levar para longe as exalações de febre pela minha. Conseguia apenas vislumbrar uma figura comprida e escura, com o contorno mais claro de um rosto e, não tendo muito com que me ocupar naquele momento, mergulhei em pensamentos sobre este contrabando curioso, que claramente valorizava a sua liberdade, mas parecia não ter pressa em desfrutá-la. O Dr.

⁶ N.T. First Families of Virginia (F.F.V) - Designação atribuída às primeiras famílias de riqueza e poder na aristocracia colonial, não necessariamente os primeiros colonos.

Franck tinha-se disponibilizado para o enviar para um lugar mais seguro, mas ele disse “Não muito obrigado, senhor, ainda não,” e afastou-se para cair num dos seus estados de espírito sombrios, que começavam a incomodar-me por não ter qualquer poder para os aliviar. Enquanto estava sentada a ouvir os relógios dos campanários à nossa volta, divertia-me a fazer planos para o futuro de Robert, como fazia frequentemente para o meu, e tinha-lhe atribuído uma quantidade generosa de trunfos com os quais jogar este jogo da vida que até então tinha sido tão cruel com ele, quando uma voz áspera e sufocada chamou:

– Lucy!

Era o capitão, e algum novo terror parecia ter-lhe dado uma força momentânea.

– Sim, a Lucy está aqui –, respondi, na esperança de conseguir acalmá-lo com esta ilusão, pois tinha o rosto húmido e o corpo abalado pelos tremores nervosos que tantas vezes precedem a morte. Os seus olhos apagados ficaram fixados em mim, dilatando com um olhar perplexo de incredulidade e indignação, até gritar ferozmente:

– É mentira! Ela está morta, – e o Bob também, maldito seja!

Sem sucesso com palavras, comecei a cantar a suave melodia que tantas vezes tinha acalmado delírios como este; mas mal o verso

Vede, a paciência dócil sorrir de dor,

saíra dos meus lábios, agarrou-me pelo pulso, sussurrando como alguém com um temor mortal:

– Chiu! Ela costumava cantar assim para o Bob, mas nunca para mim. Jurei que a chicoteava até a deixar em carne viva, e assim fiz; mas antes de cortar a garganta disse que me assombraria, e cá está ela!

Apontou para trás de mim tão pálido de espanto, que, involuntariamente, olhei por cima do ombro e estremei como se tivesse visto um fantasma verdadeiro, pois, na escuridão do quarto interior, vi um rosto sombrio, com cabelo escuro à sua volta e um vislumbre de escarlate na garganta. Num instante me dei conta que era apenas Robert inclinado aos pés da cama, envolto num cobertor cinzento do exército que deixava entrever uma parte da camisa vermelha, e o longo cabelo emaranhado pelo sono. Mas que expressão estranha no seu rosto! O lado ileso do rosto estava voltado para mim, fixo e imóvel como quando o observei pela primeira vez, menos absorto agora, mas mais concentrado. O seu olhar brilhava, os lábios estavam entreabertos como alguém que ouvia com todos os sentidos, e todo o seu aspeto me fazia lembrar um cão a quem o vento trazia o cheiro de uma presa insuspeita.

– Conhece-o, Robert? Ele refere-se a si?

– Céus, não, Senhora. Todos eles têm meia dúzia de Bobs: mas acordei ao ouvir o meu nome, foi só isso.

Falou com muita naturalidade e voltou a deitar-se, enquanto eu regressei ao meu cargo pensando que este seu paroxismo seria provavelmente o último. Mas, passada uma hora, notei uma mudança de esperança, pois os tremores tinham cessado, o suor frio tinha desaparecido, a

respiração estava mais regular e o Sono, esse curandeiro, tinha chegado para o salvar ou para o levar suavemente. O Doutor Franck fez uma visita à meia-noite, mandou-me manter tudo calmo e sossegado, e pediu-me para não me esquecer de lhe administrar um certo medicamento quando o capitão acordasse. Com um sentimento de alívio, deitei a minha cabeça sobre os braços, desconfortavelmente dobrada sobre a mesinha, e imaginei que estava prestes a realizar um dos feitos que a prática torna possível, – “dormir com um olho aberto e outro fechado” – como se diz, passar pelas brasas, porque todos os sentidos dormem menos a audição; o mais pequeno murmúrio, suspiro ou movimento nos acorda e devolve a lucidez muito mais avivada pela breve permissão de ficar “à vontade”. Nesta noite, a experiência foi um fracasso, pois as vigílias anteriores, o confinamento e os muitos cuidados prestados tornavam a sesta uma indulgência perigosa. Tendo despertado várias vezes numa hora e encontrado tudo silencioso, deixei cair a minha cabeça pesada sobre os braços e, determinada em acordar passados quinze minutos, adormeci rapidamente.

O som grave de um relógio acordou-me com um sobressalto. “É uma hora”, pensei, mas para meu espanto, soaram mais duas badaladas, e com uma pressa cheia de remorso, levantei-me para ver que danos o meu esquecimento prolongado tinha causado. Uma mão forte puxou-me para o meu lugar e aí me manteve. Era Robert. No instante em que o meu olhar se encontrou com o dele, o meu coração começou a bater com mais força, e por todo o corpo sentia aquele formigueiro que pressagia um perigo que não conseguimos ver. Estava muito pálido, de semblante carregado, e nos olhos um fogo sombrio, – até o olho ferido estava aberto agora, tornando-se ainda mais sinistro com a cicatriz profunda. Mas o seu toque era firme, a sua voz calma, quando disse:

– Fique quieta, Senhora. Não a vou magoar, nem sequer assustar, se o puder evitar, mas acordou demasiado cedo.

– Largue-me, Robert! O capitão está a mexer-se. Tenho de lhe dar uma coisa.

– Não, Senhora, não pode mover-se nem um centímetro. Olhe para aqui!

Segurando-me com uma mão, levantou com a outra o copo em que eu tinha deixado o remédio e mostrou-mo vazio.

– Ele já o tomou? – perguntei, cada vez mais confusa.

– Mandei-o pela janela. Terá de passar sem ele.

– Mas porquê, Robert? Porque fez isso?

– Porque o odeio!

Era impossível duvidar daquela afirmação. O seu rosto mostrava que era verdade, enquanto falava de dentes cerrados e lançava um olhar inflamado em direção ao capitão inconsciente. Sustive a respiração e olhei fixamente para ele, perguntando-me que ato louco se seguiria. Acho que tremi e fiquei branca, como é hábito das mulheres quando se deparam com

um perigo súbito, pois Robert libertou o meu braço, sentou-se na cama mesmo à minha frente e disse, com uma quietude sinistra que me fez gelar:

– Não fique assustada, Senhora; não tente fugir porque a porta está trancada e a chave está no meu bolso; não grite porque teria de gritar durante muito tempo com a minha mão a tapar-lhe a boca antes de alguém a ouvir. Esteja quieta, e eu digo-lhe o que vou fazer.

“Deus nos acuda! Apanhou a febre de súbito e ficou fora de si. Não o posso contrariar até que alguém chegue.” Procurando seguir esta decisão, tentei dizer calmamente:

– Ficarei quieta e escutá-lo-ei, mas abra a janela. Porque é que a fechou?

– Lamento, mas não posso fazer isso, Senhora. Saltaria pela janela ou gritaria se o fizesse, e ainda não estou pronto. Fechei-a para que adormecesse, e o calor faria isso mais rápido do que qualquer outra coisa que eu pudesse fazer.

O capitão mexeu-se e murmurou debilmente – Água! – Instintivamente, levantei-me para lha dar, mas a mão pesada caiu sobre o meu ombro, e no mesmo tom decidido Robert disse:

– A água foi com o remédio. Deixe-o chamar.

– Deixe-me ir ter com ele! Morrerá se não for cuidado!

– E assim será; – não se meta por favor, Senhora.

Apesar da calma na sua voz e dos seus modos respeitosos, conseguia ver morte nos seus olhos e senti-me desfalecer com medo. Contudo, o medo entusiasmava-me e, mal me dando conta do que fiz, agarrei as mãos que me agarravam, gritando:

– Não, não, não o matará! É ignóbil fazer mal a um homem indefeso. Porque o odeia tanto? Não é o seu senhor.

– É meu irmão.

Senti aquela resposta da cabeça aos pés, e pressenti o que estava para vir com uma presciência vaga, mas inconfundível. Restava-me um apelo, e fi-lo.

– Robert, o que quer dizer? Não cometa um crime e não me torne sua cúmplice. Há outras formas de fazer justiça sem recorrer à violência. Deixe-me ajudá-lo a encontrar essa forma.

A minha voz tremia enquanto falava, e ouvia as palpitações do meu coração assustado; ele também, e se algum pequeno ato meu mereceu o seu respeito ou afeição, a sua recordação foi-me útil naquele momento. Baixou o olhar e parecia questionar-se sobre algo; fosse o que fosse, a resposta foi-me favorável, pois quando levantou os olhos, o seu olhar estava sombrio, mas não desesperado.

– Eu conto-lhe, Senhora; mas não se esqueça, isto não muda nada; o rapaz é meu. Darei ao Senhor a oportunidade de o levar primeiro; se Ele o não fizer, faço-o eu.

– Oh, não! Lembre-se de que é o seu irmão.

Um discurso imprudente. Senti-o assim que passou os meus lábios, pois o rosto de Robert ficou com um ar severo e as suas mãos fortes fecharam-se duramente. Mas não tocou na pobre

alma que ofegava atrás de si, e parecia satisfeito em deixar a lenta sufocação daquele quarto asfixiante pôr um fim à sua vida frágil.

– Não me esqueço, Senhora, não quando passei toda a semana a pensar nisso. Eu conhecia-o quando o trouxeram, e já o teria feito há muito tempo, mas queria saber onde estava Lucy. Ele sabe, – disse-o esta noite, – e agora está prestes a morrer.

– Quem é a Lucy? – Perguntei apressadamente, com a intenção de manter a sua mente ocupada com outros pensamentos que não fossem os de matar.

– A minha mulher, – ele tirou-ma.

Naquele instante, o medo foi engolido por uma indignação ardente pela injustiça, e por um perfeito sentimento de piedade para com o homem desesperado tão determinado em vingar uma ofensa para a qual não havia outro remédio senão este. Não era mais o escravo ou o contrabando, aos meus olhos não tinha uma gota de sangue negro, mas sentia uma compaixão infinita que ansiava por ajudá-lo, confortá-lo, salvá-lo. As palavras pareciam tão inúteis, que coloquei apenas a minha mão sobre a sua cabeça ferida, desprotegida, prostrada com uma dor para a qual eu não tinha a cura, e acariciei os longos cabelos negligenciados, perguntando-me onde estaria a mulher que tanto deve ter amado este homem carinhoso.

O capitão gemeu novamente e sussurrou – Ar! – mas nem me mexi. Deus me perdoe! Naquele momento odiei-o tanto como só uma mulher pode ao pensar no mal feito a outra mulher. Robert levantou o olhar. Os olhos estavam secos novamente, o rosto sombrio. Vendo isto, disse: – Conte-me mais. – E ele contou, pois a compaixão é um dom que os mais pobres podem partilhar e que os mais orgulhosos se curvam para receber.

– Sabe, Senhora, o pai dele – podia dizer o nosso pai, se não tivesse tanta vergonha dos dois –, o pai dele morreu há dois anos e deixou-nos todos ao senhor Ned – que é ele, e que tinha dezoito anos na altura. Ele sempre me odiou por ser tão parecido com o antigo senhor e ele não. Só tem a pele e os cabelos claros. O antigo senhor era bondoso connosco, comigo especialmente, e comprou Lucy da plantação ao lado, lá na Carolina do Sul, quando descobriu que eu gostava dela. Casámo-nos; fiz o que podia fazer. Não era muito, mas fomos fiéis um ao outro até o senhor Ned voltar pra casa um ano depois e tornar as nossas vidas num inferno. Mandou a minha mãe velhinha pra trabalhar nos arrozais que tinha na Georgia; encontrou-me com a minha querida Lucy e, embora a jovem senhora chorasse e eu pedisse de joelhos e Lucy fugisse, não teve misericórdia. Trouxe-a de volta e ...tomou-a para si.

– Oh! E o que fez? – perguntei, ardendo com uma cólera impotente.

O seu coração indignado fez o sangue flamejante subir-lhe ao rosto e tornou mais grave o tom da sua voz impetuosa, enquanto esticava o braço, dizendo com um gesto terrivelmente expressivo:

– Quase que o matei, e esta noite vou terminar.

– Sim, sim, mas continue. O que aconteceu a seguir?

Lançou-me um olhar que revelava que nenhum homem branco poderia sentir tamanha degradação ao recordar e confessar estes últimos atos de opressão fraternal.

– Chicotearam-me até não aguentar mais, e depois venderam-me mais para sul. Chegou a pensar que eu era um homem branco: olhe para aqui!

Com um súbito puxão, rasgou a camisa desde o pescoço até à cintura, e mostrou-me as cicatrizes profundas nos seus ombros fortes e castanhos, feridas que, embora curadas, eram para mim mais medonhas do que qualquer outra naquele edifício. Não conseguia dizer-lhe nada, e, com a dignidade patética que uma grande dor dá ao mais humilde sofredor, terminou o breve relato da sua tragédia dizendo simplesmente:

– É tudo, Senhora. Nunca mais a vi, e agora não a voltarei a ver neste mundo, talvez nem no outro.

– Mas, porque pensa que ela está morta, Robert? O capitão estava a delirar quando disse aquelas coisas; talvez dê o dito por não dito quando estiver lúcido. Não desespere; não desista ainda.

– Não, Senhora. Acho que ele tem razão. Ela era demasiado orgulhosa pra suportar aquilo por muito tempo. Seria de esperar que se matasse. Eu disse-lhe para o fazer se não houvesse outra saída. E ela sempre me ouviu. A minha pobre menina! Oh, não foi justo! Por Deus, não foi!

Com a memória desta amarga injustiça, esta dor a dobrar, a arder no seu coração ferido, saltou o diabo que se esconde no sangue de qualquer homem forte. Pôs a mão no pescoço do irmão e, olhando para o seu rosto pálido, murmurou entre os dentes:

– Estou a deixá-lo ir suavemente, sem dor; ainda não ajustámos contas. Quem me dera que me reconhecesse. Senhor Ned, sou o Bob! Onde está a Lucy?

Dos lábios do capitão saiu um suspiro longo e fraco, e apenas a palpação das pálpebras mostrava que ainda estava vivo. Um silêncio estranho encheu o quarto no momento em que o irmão mais velho tinha a vida do irmão mais novo nas suas mãos, enquanto oscilava entre uma vaga esperança e um ódio mortal. No turbilhão de pensamentos que invadia o meu cérebro, só um era suficientemente claro para agir. Tinha de evitar o crime, se pudesse, mas como? O que podia fazer ali sozinha, fechada com um homem moribundo e um lunático? – pois qualquer mente completamente rendida a um impulso malévolo é louca enquanto o impulso a governa. Não tinha força, nem muita coragem, tão-pouco tinha o tempo e a astúcia para um estratagema, e só o acaso me poderia fazer chegar ajuda antes que fosse demasiado tarde. Mas tinha uma arma, a língua, muitas vezes a melhor defesa da mulher; e a compaixão, mais forte do que o medo, dava-me forças para a usar. Só Deus sabe o que disse; mas com certeza que Deus me ajudou; as palavras ardiam nos meus lábios, as lágrimas corriam dos meus olhos, e algum anjo bom me levou a usar o único nome que tinha o poder de deter as mãos do meu ouvinte e tocar-

lhe o coração. Naquele momento, acreditava ardentemente que Lucy estava viva, e esta fé fervorosa despertou nele uma crença semelhante.

Ouviu com um olhar cabisbaixo de alguém em quem o instinto animal era soberano naquele momento, um olhar que torna vulgar o mais nobre dos semblantes. Era apenas um homem, um coitado, iletrado, marginalizado, indignado. A vida reservara-lhe poucas alegrias; o mundo não lhe oferecia nem dignidade, nem sucesso, nem um lar, nem amor. Que futuro é que este crime arruinaria? E porque é que haveria de se negar aquele sabor agri-doce da vingança? Quantos homens brancos, com toda a liberdade, cultura e cristianismo da Nova Inglaterra, não se sentiriam como ele se sentia naquele momento? Deveria tê-lo repreendido por uma angústia humana, por um desejo humano de justiça, vindos das ruínas das suas escassas esperanças? Quem lhe ensinara que o autocontrole e o autossacrifício são virtudes que tornam os homens donos do mundo e que os colocam mais próximos dos céus? Deveria ter incitado a beleza do perdão e o dever da submissão devota? Ele não tinha religião, pois não era nenhum santo “Pai Tomás”, e a sombra negra da Escravatura parecia escurecer-lhe o mundo e excluir Deus. Deveria tê-lo avisado das sanções, dos julgamentos, do poder da lei? O que saberia ele sobre a justiça, ou sobre a misericórdia que deve moderar a severidade, quando todas as leis, humanas e divinas, tinham sido quebradas no seu lar? Deveria ter tentado sensibilizá-lo apelando ao dever filial, ao amor fraternal? Qual tinha sido a resposta aos seus apelos? Que memórias tinham o seu pai e o seu irmão gravado no seu coração para apelar a cada um deles agora? Não, todas essas influências e associações teriam sido piores, mesmo que estivesse suficientemente calma para tentar. Mas não estava; o instinto, mais sutil do que a razão, mostrou-me o único caminho seguro pelo qual guiar esta alma perturbada no labirinto em que tateava e quase caía. Quando parei, sem fôlego, Robert virou-se para mim e perguntou-me, como se uma garantia humana pudesse fortalecer a sua fé na onipotência divina:

– Acredita que se eu deixar o senhor Ned viver, o Senhor me devolverá a minha Lucy?

– É tão certo como haver um Senhor. Irá encontrá-la aqui ou no além maravilhoso, onde não há negro ou branco, senhor ou escravo.

Tirou as mãos do pescoço do irmão, levantou os olhos para o céu invernal, como se estivesse à procura desse lugar abençoado, mais feliz do que o Norte feliz. Lamentavelmente, era a hora mais escura antes do amanhecer! Não havia nenhuma estrela nos céus, nenhuma luz exceto a luz pálida do candeeiro que mostrava o irmão que lhe tinha causado tanta desolação. Como um homem cego, que acredita que há um sol, mas que não o pode ver, abanou a cabeça, deixou os braços cair sobre os joelhos e ficou ali sentado, em silêncio, fazendo essa pergunta que muitas almas cuja fé é mais firme do que a sua se tinham perguntado em horas menos sombrias do que esta: – “Onde está Deus?” Percebi que a maré tinha mudado, e tentei arduamente evitar que este barco sem leme regressasse ao redemoinho onde quase se tinha perdido.

– Ouvi-o, Robert; agora ouça-me e atente ao que lhe digo, porque o meu coração enche-se de piedade por si, de esperança pelo seu futuro e de desejo em ajudá-lo neste momento. Quero que se afaste daqui, da tentação deste lugar e dos pensamentos tristes que o assombam. Já se conteve uma vez, e venero-o por isso, pois quanto mais difícil é a batalha, mais gloriosa é a vitória; mas é mais seguro se houver maior distância entre si e este homem. Escrever-lhe-ei cartas, dar-lhe-ei dinheiro e enviá-lo-ei para a velhinha Massachusetts para começar a sua nova vida como um homem livre, sim, e como um homem feliz. Quando o capitão voltar a si, eu descobrirei onde está Lucy, e moverei montanhas para a encontrar e devolver-lha. Faz isso, Robert?

Lentamente, muito lentamente, a resposta surgiu, pois era difícil renunciar numa hora à intenção de uma semana, talvez de um ano.

– Sim, Senhora. Assim farei.

– Ainda bem! É o homem que eu pensava que era. Trabalharei para si de todo o coração. Precisa de dormir, meu pobre amigo; vá e tente esquecer. O capitão ainda está vivo e livrou-se desse pecado. Não, não olhe para lá. Eu cuidarei dele. Venha, Robert, pela Lucy.

Bendita seja a imortalidade do amor! Quando todas as outras formas de salvação falharam, uma faísca deste fogo vital abrandou a vontade de ferro deste homem até a mão de uma mulher conseguir dobrá-la. Deixou-me tirar a chave, afastá-lo suavemente e conduzi-lo até à solidão, que era, neste momento, o melhor bálsamo que lhe poderia dar. Uma vez no seu pequeno quarto, caiu sobre a cama e ali ficou deitado, como que extenuado pelo maior conflito da sua vida. Fechei a porta dele, abri a minha, puxei a janela para cima, acalmei-me com uma lufada de ar e depois corri até ao Doutor Franck. Ele veio e trabalhámos juntos até de madrugada, salvando a vida de um irmão e refletindo seriamente sobre a melhor forma de assegurar a liberdade do outro. Quando o sol nasceu, tão radioso como se brilhasse apenas sobre lares felizes, o Doutor foi ter com Robert. Durante uma hora ouvi o murmurar das suas vozes; consegui distinguir o som de soluços pesados, e, durante algum tempo, uma quietude reverente, como se no silêncio aquele bom homem estivesse a proferir a alma e a razão. Quando saiu, levou Robert com ele, parando para me dizer que deveria tirá-lo dali o mais rápido possível, mas não antes de nos encontrarmos de novo.

Não os voltei a ver naquele dia. Veio outro médico para tratar do capitão e outro ajudante para preencher o lugar vago. Tentei descansar, mas não consegui, sentindo um aperto no coração ao pensar na pobre Lucy, e depressa voltei para o meu posto. Esperava ansiosamente que o meu contrabando não tivesse sido levado à pressa. Ao cair da noite ouvi bater à porta e, ao abrir, vi Robert literalmente “vestido e no seu juízo perfeito.” O Doutor tinha substituído o fato esfarrapado por roupas limpas, e não havia vestígios da noite tempestuosa exceto nas rugas mais vincadas sobre a testa e no olhar dócil de uma criança arrependida. Não passou a soleira da

porta, não me ofereceu as suas mãos, apenas tirou o boné, dizendo com uma hesitação na voz que o traía:

– Deus a abençoe, Senhora! Estou de partida.

Pus a minhas mãos nas suas e agarrei-as com firmeza.

– Adeus, Robert! Continue bondoso, e quando regressar a Massachusetts encontrar-nos-emos num lugar mais alegre do que este. Está pronto para a sua viagem?

– Sim, Senhora, sim. O Doutor arranhou tudo! Vou com um amigo dele; os papéis estão em ordem e estou tão feliz quanto poderei estar até encontrar...

Parou naquele instante. Depois continuou, lançando um olhar pelo quarto:

– Ainda bem que não o fiz, e agradeço-lhe por me ter impedido, Senhora. Agradeço-lhe de todo o coração; mas odeio-o à mesma.

É claro que o odiava. E eu também, pois estes corações imperfeitos não podem tornar-se perfeitos da noite para o dia. Precisam de gelo e fogo, vento e chuva, para amadurecerem e ficarem prontos para o grande final das colheitas. Intenta em distrair a sua mente, coloquei-lhe nas mãos a minha modesta contribuição e, relembrando a magia de um certo livrinho, dei-lhe o meu, que tinha na capa escura a imagem reluzente da Virgem Maria e do seu Filho, cuja grandiosa história era aí contada. Robert colocou o dinheiro no bolso com um murmúrio de agradecimento, e guardou o livro no peito, com um longo olhar e um trémulo:

– Nunca vi o *meu* bebé, Senhora.

Não contive as lágrimas naquele momento; e, embora os meus olhos estivessem demasiado escurecidos para ver, senti o toque dos lábios nas minhas mãos, ouvi o som de passos a afastarem-se e percebi que o meu contrabando tinha partido.

Quando sentimos uma aversão intensa, quanto menos falamos sobre o assunto melhor. Por isso, registo apenas que o capitão sobreviveu, no devido tempo foi transferido e, quem quer que fosse a outra parte estou convencida de que o Governo saiu a ganhar. Mas muito antes de isto acontecer, cumprí a promessa que fizera a Robert, pois assim que o meu paciente recuperou a memória o suficiente para tornar a sua resposta fiável, perguntei sem rodeios:

– Capitão Fairfax, onde está Lucy?

Demasiado fraco para mostrar raiva, surpresa ou fingimento, respondeu de imediato:

– Morta, Miss Dane.

– E matou-se quando vendeu o Bob?

– Como raio sabe isso? – murmurou, com uma expressão meio arrependida, meio espantada; mas eu estava satisfeita e nada mais disse.

Claro que estas notícias chegaram até Robert, que aguardava lá longe numa casa solitária, – aguardava, trabalhava, esperava pela sua Lucy. Fazer isto quase que me partiu o coração, mas adiar era fraqueza, enganar era maldade. Por isso, enviei as tristes notícias; a resposta chegou

pouco depois, três linhas apenas; mas senti que o pilar que sustinha a vida daquele homem tinha desaparecido.

– Imaginava que nunca mais a veria. Fico feliz por saber que se livrou do sofrimento. Agradeço-lhe Senhora; e, se nos deixarem, lutarei por si até morrer, o que espero que aconteça em breve.

Seis meses mais tarde, o seu desejo concretizou-se e cumpriu a sua palavra.

Toda a gente conhece a história do ataque a Fort Wagner; mas não nos devemos cansar ainda de recordar como o nosso 54º Regimento, extenuado após três noites sem dormir, um dia de jejum e uma marcha sob o sol de julho, invadiu o forte ao cair da noite, enfrentando a morte de diversas formas, seguindo os seus corajosos líderes por entre uma chuva de balas e granadas, lutando com valentia por “Deus e pelo Governador Andrew”; como, do regimento que entrou em ação, setecentos valentes saíram, e quase metade foram capturados, mortos ou feridos, deixando o seu jovem comandante para ser enterrado, como um chefe de tempos antigos, com a guarda pessoal em seu redor, fiel até à morte. Seguramente, o insulto transforma-se em honra, e a ampla sepultura não precisa de outro monumento senão o heroísmo que a consagra aos nossos olhos; seguramente, os corações que o amavam conseguem ver através das suas lágrimas uma nobre vitória na aparente lamentável derrota; e seguramente, a bênção de Deus foi-lhe concedida quando esta alma leal respondeu, no momento em que a Morte o chamava, “Senhor, aqui estou, com os irmãos que me deste!”

O futuro se encarregará de mostrar como esta luta foi bem travada, pois embora Fort Wagner ainda nos desafie, o preconceito público está enfraquecido; por entre o fumo dos canhões daquela noite sombria, a condição humana da raça negra brilha diante de muitos olhos que não viam, soa em muitos ouvidos que não ouviam, conquista muitos corações que até agora não acreditavam.

Quando chegaram as notícias de que precisavam de nós, ninguém ficou mais feliz do que eu em deixar de ensinar os contrabandos, o novo trabalho que tinha assumido, para ir tratar dos “nossos rapazes”, como o meu rebanho escuro tão orgulhosamente se referia aos feridos do 54º Regimento. Sentindo maior satisfação ao vestir o meu avental e ao arregaçar as mangas do que se me estivesse a vestir para a receção ao Presidente, comecei a trabalhar no Hospital N.º10 em Beaufort. O cenário era-me familiar, e ainda assim estranho, pois apenas rostos escuros olhavam para mim a partir dos catres tão densamente alinhados pelo chão, e sentia falta do sotaque acentuado dos meus Yankees nas vozes mais suaves e lentas que se interpelavam alegremente ou que respondiam às minhas perguntas com um firme “ Nós nunca desistiremos até que o último Rebelde esteja morto, Senhora,” ou “Se o nosso povo for livre, poderemos morrer.”

Passando de cama em cama, determinada em fazer com que o trabalho de um par de mãos valesse por três, pelo menos, lavei, alimentei, fiz os curativos à longa fila de heróis negros e, quando cheguei ao último, descobri que era o meu contrabando. Tão velho, tão desgastado, tão

mortalmente fraco e abatido, que nunca o teria reconhecido se não fosse a profunda cicatriz na face. Esse lado do rosto estava voltado para cima e chamou-me a atenção de imediato; mas mesmo então duvidei que uma mudança tão terrível se tivesse abatido sobre ele quando, ao virar-me para a etiqueta sobre a sua cabeça, vi o nome “Robert Dane”.

Senti-me descansada e comovida ao mesmo tempo, pois, ao lembrar-me de que ele não tinha nome, soube que tinha adotado o meu. Desejava ardentemente que me falasse, que me contasse o que tinha acontecido desde que o perdera de vista, e que me deixasse prestar-lhe um serviço em troca dos muitos que ele me prestara; mas parecia estar adormecido; e enquanto revivia aquela noite estranha, um rapaz esperto, que estava deitado ao lado abanando suavemente um velho leque entre as duas camas, olhou para cima e disse:

– Calculo que o conheça, Senhora?

– Sim, é verdade. E você, conhece-o?

– Tanto quanto era possível, Senhora.

– Porque é que diz “era”, como se o homem já estivesse morto?

– Acho que é por saber que ele tem de partir. Tem um golpe feio no peito e está a sangrar por dentro, diz o Doutor. Não está a sofrer, mas enfraquece a cada minuto que passa. Tenho estado a abaná-lo com isto há muito tempo, e ele falou um pouco; mas já não me conhece, por isso acho que está quase no fim.

Havia tanto carinho e tanta tristeza no rosto do rapaz que me lembrei de uma coisa e perguntei, com interesse redobrado:

– Foi você que o salvou? Falaram-me de um rapaz que quase perdeu a vida ao tentar salvar a de um companheiro.

Atrevo-me a dizer que o jovem corou, como qualquer rapaz modesto faria. Não consegui ver, mas ouvi o riso de satisfação que lhe escapou, enquanto olhava sobre o seu braço despedaçado para a figura pálida que se encontrava em frente.

– Céus, Senhora, isso não é nada; nós nunca abandonamos os nossos, e não ia deixá-lo pra continuar a ser atormentado por aqueles malditos Rebeldes. Já foi escravo, embora não se pareça nem um pouco comigo, e eu tenha nascido em Boston.

E não parecia, pois o rapaz era preto como o ás de espadas, – sendo um espécime tão robusto, o valete de paus é talvez uma representação mais apropriada –, mas o homem negro e livre olhava para o escravo branco com a expressão de compaixão e perplexidade que tantas vezes vira nos rostos dos nossos homens mais sábios quando a questão da Escravatura se apresentava, pedindo para ser terminada ou pacientemente desfeita.

– Diga-me o que sabe sobre este homem, pois, mesmo que estivesse acordado, estaria demasiado fraco para falar.

– Nunca o tinha visto antes de me juntar ao regimento, e ninguém parecia saber muito sobre ele. Era um indivíduo calado e não parecia importar-se com mais nada a não ser lutar

contra os Rebeldes. Alguns dizem que foi o primeiro de nós a alistar-se; eu sei que ele estava agitado até começarmos, e quando nos lançámos ao velho Fort Wagner, lutou como se tivesse o Diabo no corpo.

– Estava com ele quando foi ferido? Como foi que aconteceu?

– Sim, Senhora. Houve ali algo de estranho. Parecia que ele conhecia o fulano que o matou, e o fulano conhecia-o a ele. Não me atrevo a perguntar, mas suponho que um foi propriedade do outro noutros tempos, pois, quando se pegaram, o fulano gritou “Bob!” e o Dane “Senhor Ned!” – depois atiraram-se um ao outro.

Sentei-me de repente, pois no meu coração lutavam a velha raiva e compaixão, e ao mesmo tempo ansiava e temia ouvir o que se seguia.

– Sabe, quando o Coronel – Deus o guarde e o mande de volta até nós! – ainda não é certo, Senhora, mas há dois dias que o perdemos – bem, quando o Coronel gritou “Avante, rapazes, avante!”, o Dane arrancou como se fosse conquistar o forte sozinho. Eu estava ao lado dele e mantive-me próximo enquanto atravessávamos a vala e subíamos a parede. Eh lá! Se não era um precipitado! – e o rapaz levantou o braço que estava bom com um grito de guerra, como se a simples recordação daquele momento arrebatador se apoderasse dele num ataque de entusiasmo irreprimível.

– Teve medo? – perguntei, fazendo a pergunta que as mulheres tantas vezes fazem, e recebendo a resposta que raramente falham em obter.

– Não, Senhora! – com ênfase no “Senhora”. – Nunca pensei em nada a não ser nos malditos Rebeldes, que nos tiram o escalpe e nos cortam as orelhas quando nos apanham. Eu tinha que fazer entrar a luz do dia num deles pelo menos, e fiz. Espero que tenha gostado!

– É evidente que fez. Agora continue sobre o Robert, porque eu devia estar a trabalhar.

– Ele foi um dos primeiros a subir. Eu estava mesmo atrás e, embora tudo tenha acontecido num minuto, lembro-me como foi, apesar de gritar e lutar como um louco. Mesmo onde nós estávamos, um oficial brandia a espada e encorajava os seus homens. Dane viu-o com um clarão que surgiu; largou a arma, deu um salto e atirou-se àquele indivíduo como se fosse o Jeff, o Beauregard e o Lee todos num só. Rastejei atrás dele tão depressa quanto pude, mas só me conseguir erguer a tempo de o ver ser atingido pela espada e cair na vala. Não precisa de me perguntar o que fiz a seguir, Senhora, pois nem eu mesmo sei bem; tenho apenas a certeza de que, de alguma forma, consegui atirar aquele Rebelde para o forte, tão morto como Moisés, agarrar no Dane e salvá-lo. Coitado! Dizíamos que íamos para ali pra viver ou morrer; ele dizia que ia pra morrer; e foi o que fez.

Tinha observado atentamente o orador empolgado. Mas quando acrescentou pesarosamente aquelas últimas palavras, virei-me, e os olhos de Robert encontraram-se com os meus – aqueles olhos melancólicos, tão cheios de um conhecimento que era prova de que tinha escutado, recordado e refletido com aquele poder sobrenatural que muitas vezes sobrevive a

todas as outras faculdades. Reconheceu-me, mas não me cumprimentou; estava feliz por ver o rosto de uma mulher, mas não teve um sorriso para o receber; sentia que estava a morrer, mas não disse um adeus. Já estava muito longe das margens do rio para regressar ou permanecer agora. O último pensamento, a última força, o último suspiro foram utilizados num olhar de agradecimento, um murmúrio de submissão à última dor que sentiria. Os lábios moveram-se e, inclinando-me até eles, um sussurro gelou a minha face enquanto dava forma às palavras quebradas:

– Tê-lo-ia feito, mas é melhor assim, estou satisfeito.

Ah! Bem poderia estar, pois quando voltou o rosto à sombra da vida que tinha, o brilho da vida que viria tocou-o com um contentamento lindo, e, num último suspiro, o meu contrabando encontrou a esposa e o lar, a liberdade eterna e Deus.

Um Natal no Hospital

– FELIZ NATAL! FELIZ NATAL! E que viva muitos, minha senhora! – ouvia-se por todo o lado, quando Miss Hale entrou na sua enfermaria naquela madrugada cinzenta de dezembro. Não admira que as saudações fossem calorosas, que os rostos magros brilhassem, e os olhos aguardassem a chegada deste pequeno astro com mais ansiedade do que aguardavam o nascer do sol, pois ao acordar naquela manhã, cada um daqueles homens descobriu que, no silêncio da noite, uma mão amiga colocara um pequeno presente junto à sua cama. Eram presentes muito humildes, mas bem escolhidos e amavelmente oferecidos por alguém que tornava aquele alegre aniversário agradável até mesmo num hospital, e que ensinava docemente a lição do momento – Paz na terra e boa vontade entre os homens.

– Digo-lhe, minha senhora, são belíssimas. Há uma semana que sonho com elas, mas nunca pensei recebê-las – dizia um pobre coitado, ao admirar um bonito cacho de uvas com tanta satisfação como se tivesse encontrado uma fortuna.

– Muito obrigado, Miss, pelo papel e pelo prendedor. Detestava ter de estar sempre a pedir, mas não tinha dinheiro – dizia outro, olhando a sua prenda com a antecipação feliz das cartas para casa com que preencheria as generosas folhas.

– São tão suaves e bonitas, mas acho que nunca as vou romper. As minhas pernas têm feridas tão profundas que não posso andar sobre elas – sussurrou um paciente febril, olhando tristemente para os pés inchados adornados com um par de pantufas floridas, evidentemente feitas tendo em conta as suas necessidades.

– Por favor, pendure o meu cesto de flores sobre o candeeiro no meio do quarto, onde todos os rapazes o possam ver. É demasiado bonito para ser visto só por um.

– Mas depois não o consegues ver, Joe, e tu gostas mais destas coisas do que os outros – disse Miss Hale, segurando o pequeno cesto e a mão do seu paciente predileto, um rapaz de vinte anos, a morrer de tuberculose galopante.

– Por esse motivo posso dispensá-lo por algum tempo, porque sentirei as flores no quarto à mesma, e vão alegrar os rapazes. Escolha a sua preferida para eu ficar com ela e pendure as outras por aí, por favor.

Ela deu-lhe um raminho de reseda, e ele sorriu enquanto o agarrava, pois fazia-o lembrar ela no seu vestido de cor sombria, silenciosa e discreta, mas tão agradável para os corações daqueles que a rodeavam como o aroma fresco da flor para o rapaz solitário que nunca conhecera a atenção e a ternura feminina até as ter encontrado num hospital. A previsão de Joe concretizou-se, as flores alegraram os rapazes, pois todos as receberam com olhares de aprovação, e todos sentiram a sua influência purificante de forma mais ou menos intensa, desde o alegre Ben, que fez uma pausa para encher o copo com água mais fresca, ao carrancudo Sam, que parou de resmungar enquanto os seus olhos fixavam um gerânio

semelhante ao que florescia à janela da sua amada quando se separaram há um longo ano atrás.

– Como este deve ser um dia feliz, vamos começar a desfrutá-lo imediatamente. Ben, abra as janelas, e Barney, vá preparar o pequeno-almoço enquanto eu acabo de lavar uns rostos e de arranjar as camas.

Com estas indicações, a pequena mulher pôs-se a trabalhar com uma energia tão contagiante que, num quarto de hora, trinta cavalheiros de rostos e mãos limpinhas comiam com o apetite que as suas variadas condições lhes permitiam. Entretanto, nasceu o sol, que parecia maior, mais brilhante e mais alegre do que era costume, como consegue ser num dia de Natal. Nem um floco de neve arrefecia o ar que chegava tão suavemente como se o inverno tivesse abrandado e desejasse aos “rapazes” as Boas Festas no seu modo mais ameno. Enquanto um cheiro a festa impregnava o edifício, corriam rumores pelas enfermarias de que haveria peru, tarte de frutas e especiarias e ostras para o almoço. Terminado o pequeno-almoço, feitos os curativos, dadas as indicações para o dia e ultrapassados os incómodos que eram possíveis de ultrapassar, começou a diversão. Em qualquer outro lugar, aquela teria sido considerada uma manhã muito calma, mas, para os inválidos cansados presos naquele quarto, era uma agitação. À exceção de Joe, nenhum estava gravemente doente, e todos se divertiam facilmente, pois a fraqueza, a saudade e o tédio transformavam qualquer insignificância numa piada ou num acontecimento.

Ben entrou, parecendo um “Homem Verde”, carregado de abetos e azevinho. Os que conseguiam dar uma ajudinha fizeram-no e, em pouco tempo, sob as orientações de Miss Hale, havia ramos verdes à cabeceira de cada cama, pendurados em cada candeeiro e sobre a lareira, enquanto o efeito final era dado por uma cruz e uma coroa colocadas ao cimo e ao fundo do quarto. Esta façanha foi acompanhada com grande interesse, muitos percalços e frequentes gargalhadas, pois os homens feridos, quando convalescentes, são particularmente joviais. Quando “Daddy Mills”, assim foi irreverentemente batizado um venerável voluntário, dissertou de forma erudita sobre a diferença entre o “abeto, o abeto branco e o pinheiro”, todos ouviram atentamente, cada um deles recordando algum bosque familiar ainda ensombrado por memórias pueris de caçadas furtivas, apanhas de resina e ninhos roubados. Quando o calmo Hayward espantou os companheiros, ao sair-se de forma inesperada com uma história sobre um “velho senhor” que bebia chá de abeto branco e que morreu como um herói, muitos foram os elogios dados ao pagão imortal numa linguagem mais sentida do que clássica, enquanto um ramo da árvore histórica era passado entre eles como um novo estilo de recuperação, para que os curiosos pudessem satisfazer a sua curiosidade em relação ao sabor do trago Sócrático. Quando Barney, o negro incapacitado, experimentou colocar um grande ornamento sobre a porta e, confiando apenas num prego, desceu para observar o seu sucesso e exclamou orgulhosamente – Senhores, olhem só para o asseio daquele trabalho – momento em que tudo

caiu ruidosamente –, todos gritaram exceto o Ned Pneumonia que, tendo perdido a voz, podia apenas fazer demonstrações de êxtase com as pernas. Quando Barney lançou o martelo e se atirou desesperadamente ao chão, e Miss Hale, subindo a uma cadeira, bateu resolutamente no prego traiçoeiro e fez uma espécie de milagre com um pedaço de corda que segurou tudo, surgiu das camas uma explosão de aplausos. Quando o rude Dr. Bangs entrou para ver que barulho era aquele, e a mesma senhora intrépida não só explicou corajosamente, mas colocou um pedaço de azevinho na lapela e lhe desejou um Feliz Natal com um rosto tão sorridente que o velho e rabugento doutor sentiu-se a ceder rapidamente, e saiu precipitadamente, dizendo que o Natal é uma fraude e regozijando-se com os trinta eméticos que teria de prescrever no dia seguinte, quantas negações indignadas se seguiram. E quando tudo estava feito, todos concordaram com Joe quando disse:

– Acho que vamos ter um Natal com grande estilo; está tudo tão verde e bonito que parece que estou dentro de um camaranchão.

Ao fazer uma pausa para examinar o seu trabalho, Miss Hale viu Sam tão negro como uma nuvem de tempestade. Saltou sobre a cama no momento em que a viu olhar para ele, querendo evidentemente mostrar-se indiferente, mas ela aproximou-se dele e, cobrindo-o gentilmente, espreitou sobre o ombro, perguntando com uma gentileza inabalável:

– Sam, o que posso fazer por si? Quero que hoje todos os rostos da minha enfermaria estejam radiantes.

– A minha caixa não chegou. Disseram-me que a receberia há dois ou três dias atrás; porque é que ainda não a tenho? – Resmungou o Ursa Maior.

– Sabe, é uma época de muito trabalho, mas se eles prometeram há de chegar, e um pouco de paciência não a atrasará, asseguro-lhe.

– A minha paciência esgotou-se, e eles são um bando de tartarugas. Se eu usasse divisas, recebia-a depressa; mas como não uso, só a devo ver quando não puder comer o que lá vem. Já não é novidade e não quero saber disso.

– Vou ver o que posso fazer. Talvez alguém a possa ir buscar antes da azáfama do almoço.

– Nunca ninguém tem tempo aqui exceto os que dariam tudo quanto têm para poderem andar por aí. Não a pode ir buscar, eu sei; é a minha sina, por isso não se preocupe, minha senhora.

– Miss Hale não se “preocupou”, mas mexeu-se, e em pouco tempo encontrou um mensageiro a quem foi dado o dinheiro, a autorização e as indicações necessárias, e que foi enviado para procurar a caixa de Natal perdida. Depois, fez uma pausa para ver o que se seguia, não que precisasse de procurar uma tarefa, mas para decidir qual, entre tantas, era prioritária.

– Então, Turner, outra vez a chorar? O que foi agora? As tonturas ou os pés pesados?

– São os meus ossos, minha senhora. Doem-me tanto que não consigo estar deitado de maneira nenhuma, e estou tão cansado que só queria morrer para acabar com este sofrimento – soluçou o pobre fantasma de um homem outrora forte e alegre, enquanto a mão bondosa lhe limpava as lágrimas e massajava suavemente os ombros cansados.

– Não deseje tal coisa, Turner, porque o pior já passou e tudo o que precisa é recuperar a sua força. Faça um esforço para se sentar um pouco; já passou algum tempo desde que tentou a última vez. Uma mudança de postura ajudará a diminuir a dor e fará com que esta “cama terrível”, como lhe chama, pareça muito confortável quando regressar a ela.

– Não consigo, minha senhora, as minhas pernas são inúteis, e não tenho força suficiente sequer para tentar.

– E nunca terá se não tentar. Esqueça lá as pobres pernas, o Ben leva-o. Tenho o cadeirão da enfermeira-chefe pronto, e vou pô-lo muito confortável junto à lareira. É dia de Natal, sabe; porque não celebrá-lo ultrapassando o desânimo que atrasa a sua recuperação e mostrando que a doença não lhe retirou toda a pujança?

– Mas tirou. Nunca mais serei o homem que fui, e posso ficar aqui até à primavera que não servirei de nada mesmo que me consiga levantar.

Se Sam era um resmungão, este homem era um choramingas, e poucas enfermarias não têm os dois. Mas, sabendo que muito sofrimento tinha azedado um e enfraquecido de forma lastimável o outro, a sua enfermeira era paciente com eles, e ainda tinha a esperança de os convencer. Enquanto Turner choramingava o seu último discurso sombrio, lembrou-se de algo que, com o corrupio da manhã, se esquecera até agora.

– A propósito, tenho outro presente para si. O doutor achou melhor não lho dar ainda para que não ficasse muito excitado; mas acho que precisa de emoção para se esquecer de si mesmo, e quando descobrir quantas bênçãos tem para agradecer, fará um esforço por desfrutá-las.

– Bênçãos, minha senhora? Não vejo nenhuma.

– Não está a ver nenhuma? – e, retirando uma carta do bolso, segurou-a perante os seus olhos. O rosto apático iluminou-se durante um momento quando pegou nela, mas ficou novamente sombrio enquanto dizia com irritação:

– É da esposa, suponho. Gosto de receber as cartas dela, mas têm sempre tantas lamentações sobre mim que não me fazem bem.

– Ela não se lamenta nesta. Está demasiado feliz para o fazer, e você também ficará quando a ler.

– Não vejo porquê, – ei? – não me está a querer dizer...?

– Sim, estou! – gritou a pequena mulher, batendo as palmas e rindo com tanta satisfação que o Cavaleiro da Triste Figura⁷ foi traído por um largo sorriso pela primeira vez em muitas semanas. – Uma filhinha maravilhosa não é um presente para se alegrar e agradecer?

– Viva! Espere um pouco, – está tudo bem – já saio daqui a nada.

Depois desta explosão de energia, Turner desapareceu debaixo dos lençóis, com a carta e tudo. Não se sabe se, no retiro daquela gruta de algodão, leu, riu ou chorou; mas a enfermeira suspeitou que tenha feito tudo isso, porque quando reapareceu parecia que durante aquela pausa mergulhara no seu mar de problemas e repescara o seu velho eu:

– Que nome lhe devo dar? – foi a sua primeira observação, feita com tamanha vivacidade que os seus vizinhos começaram a pensar que estaria de novo a delirar.

– Como se chama a sua mulher? – perguntou Miss Hale, entrando alegremente nos assuntos familiares que estavam a produzir um efeito tão salutar.

– Chama-se Ann, mas nenhum de nós gosta do nome. Tinha escolhido George, porque queria um rapaz com o meu nome; e agora está a ver que não estou nem um pouco preparado para esta menina.– Porém, parecia muito orgulhoso da menina, e perfeitamente resignado à perda do esperado filho e herdeiro.

– Então, e porque não chamá-la de Georgiana? Combina os nomes de ambos os pais, e não é um nome mau por si só.

– Ora, é a coisa mais inteligente que ouvi na minha vida! – gritou Turner, sentado rigidamente direito com aquela emoção, ainda que há meia hora antes ele considerasse isso um feito completamente impossível. – Georgiana Butterfield Turner. É um nome excelente, minha senhora, e podemos chamá-la de Georgie à mesma. A Ann vai gostar, é tão distinto. Deus as abençoe. Quem me dera estar em casa. – E deitou-se de novo, desesperado.

– E pode estar dentro em breve, se assim o quiser. Recupere as suas forças e lá vai você. Venha, comece agora mesmo, beba o seu caldo de carne, e sente-se durante alguns minutos, apenas em honra da boa notícia.

– Assim farei, pelo George! – Não, pela Georgiana! Esta é boa, não é? E toda a enfermaria ficou eletrificada ao ouvir uma risada genuína vinda do “Saco Deprimente”.

Engoliu o detestado caldo de carne e o bebedor determinado levantou-se com muitos gemidos e uma curiosa mistura de risadas, cambaleios e repetições fragmentárias da sua primeira, última e única piada. Mas quando se encontrava razoavelmente instalado na grande cadeira de baloiço, com o seu roupão cinzento de flanela vestido, e com as pantufas novas a receberem a sua chamuscadela inaugural, Turner esqueceu-se dos ossos e balançou-se para trás e para a frente junto à fogueira, sentindo-se incrivelmente bem e parecendo um frango

⁷ N.T. Referência a *D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. D. Quixote, um fidalgo castelhano que perdeu a razão por muita leitura de romances de cavalaria, faz-se acompanhar nas suas aventuras e desventuras pelo fiel escudeiro Sancho Pança que, a certa altura do romance, apelida o seu amo de “Cavaleiro da Triste Figura”.

atado a ser assado à moda antiga. A importância lânguida do homem e a irreprimível satisfação do pai eram ridículas e comoventes, pois aquela alma feliz não conseguia guardar para si as boas novas. A enfermaria de um hospital é frequentemente uma pequena república, maravilhosamente governada pela piedade, paciência e simpatia mútua que diminui o sofrimento mútuo. Turner não era um favorito; mas mais do que um colega honesto sentiu o seu coração animar-se em relação a ele enquanto viam o seu rosto triste brilhar de orgulho paternal e ouviam o tremor da sua voz queixosa suavizar com o afeto paternal ao dizer: – A minha pequena Georgie, senhor.

– Ele agora safa-se, minha senhora; isto deu-lhe a força de que precisava, e dentro de uma semana ou duas estará fora das nossas mãos.

Big Ben fez esta observação com uma expressão radiante, e Big Ben merece um elogio, pois nunca fez um a si mesmo. Um ex-paciente, promovido à posição de assistente, que exercia tão bem a sua função que era visto como um modelo a seguir. Paciente, forte e meigo, parecia combinar as melhores características do homem e da mulher, pois, instintivamente, parecia saber onde encontrar o ponto fraco de cada coração e a melhor forma de ajudar um corpo doente e uma alma triste. Ninguém imaginaria tal coisa ao vê-lo descansar na sala durante uma das breves pausas que se permitia. Um indivíduo forte, com cerca de um metro e oitenta de altura, de camisa vermelha, calças azuis enfiadas nas botas, um boné velho com a pala sempre voltada para cima, sob a qual se via um rosto barbudo e de feições grosseiras, cuja expressão predominante era de grande gravidade e bondade, embora um brilho humorístico nos olhos por vezes traísse o homem, cujos gracejos frequentemente faziam os rapazes rir às gargalhadas. O veredicto de um observador casual teria sido o de um “ser desajeitado e afável”; mas basta vê-lo na sua enfermaria para perceber o quão errado seria esse julgamento apressado.

Ao contrário do seu antecessor, que se servia generosamente sempre que as refeições chegavam, e distribuía descuidadamente as rações aos restantes, deixando até os mais desamparados entregues a si mesmos ou à espera que ele terminasse, que se fechava na sua despensa, e aí se empanturrava, Ben, frequentemente, não guardava nada para si, ou tirava alegremente as sobras frias depois de todos os outros terem sido servidos. Alimentava pacientemente os fracos, era as mãos e os pés dos mutilados, e um agradável provedor apesar de tudo. Como um dos rapazes disse: – A comida tem outro sabor por ser o Ben a trazê-la. – Se alguém estava inquieto, Ben carregava-o nos seus braços fortes; se alguém era submetido à tortura da faca afiada do doutor, Ben segurava-o com um toque tão firme quanto suave; se alguém tinha saudades de casa, Ben escrevia-lhe cartas com manchas e traços espalhafatosos em todas as palavras carinhosas e importantes. Mais do que um pobre indivíduo leu o seu destino nos olhos compadecidos de Ben, e deu o último suspiro junto ao seu peito largo, – sempre uma almofada silenciosa até o trabalho acabar, depois suspirava com sofrimento

genuíno, enquanto a sua mão grande fechava suavemente os olhos cansados e preparava outro camarada para a última revista. A guerra mostra-nos muitos Bens, porquanto o mesmo poder da compaixão humana que torna as mulheres corajosas também torna os homens ternos, e cada um é verdadeiramente mais mulher e mais homem com estas revelações de força e compaixão desconhecidas.

Ao meio-dia, o almoço era a ideia predominante na enfermaria N.º3, e quando a porta se abria, todos os homens cheiravam os odores apetitosos que se libertavam das cozinhas e que se espalhavam pelo edifício. Ora, esta refeição de Natal tinha sido motivo de muita conversa, pois algumas pessoas caridosas e patrióticas tinham feito os possíveis para fornecer todos os hospitais de Washington com os bens necessários para este banquete tradicional. Algum erro na lista enviada ao quartel-general, alguma ordem imperdoavelmente negligenciada, ou algum roubo premeditado, levaram a que o tão aguardado almoço no Hospital _____ fosse um verdadeiro fracasso. Nunca se soube a qual destas causas se deveu, pois aquela triste transação encontrava-se envolvida no mais profundo mistério. O verdadeiro peso da profunda desilusão foi piedosamente aligeirado por premonições do golpe iminente. Barney desapareceu várias vezes, pois os assistentes deveriam jantar em grupo, depois de terem tratado dos pacientes. Por isso, um banquete rápido para estes últimos era ardentemente desejado e, provavelmente, dedicou as suas energias a incitar os cozinheiros. De vez em quando aparecia à porta, corado e sem fôlego, fazia algum anúncio emocionante, e desaparecia, deixando atrás de si um apetite, impaciência e expectativa crescentes.

O almoço deveria ser servido à uma; ao meio-dia e meio Barney declarou:

– Não há nenhuns vegetais a não ser abóbora e batatas. – Ouviu-se um murmúrio generalizado de desagrado, e muitos indignados com uma pequena ração de carne mandaram o cozinheiro faltoso para um lugar mais quente do que o clima tropical de que então desfrutava. Às vinte para a uma, Barney exaltou os ânimos ao sussurrar de forma agoirenta:

– E digo-vos, os pudins não têm boa cara.

– Atira-lhe com uma almofada e fecha-lhe a porta, Ben. – berrou um ser irascível, enquanto muitos outros que não apreciavam pudim receberam a notícia com equanimidade. Ao quarto para a uma, Barney aumentou a agonia ao acrescentar a informação amarga:

– Só há dois perus para esta enfermaria, e são pequenotes.

A ansiedade surgiu instantaneamente em cada rosto, e foram feitos cálculos complexos sobre até onde chegariam as duas aves divididas por trinta homens; também foram feitas advertências amigáveis a muitos dos cavalheiros mais débeis para não cederem facilmente, ou de maneira nenhuma, com medo de recaídas. A ave de mau agoiro regressou mais uma vez, pois às dez para a uma, Barney crocitou através do buraco da fechadura:

– Meus senhores, só chegaram metade das tartes. – Esta notícia foi a cereja no topo do bolo, pois o paladar masculino tem uma predileção por pastelaria, e a tarte de frutas e

especiarias era a âncora de salvação a que todos se tinham agarrado quando as outras esperanças se desvaneceram. Até Ben ficou desanimado; não que ele esperasse mais do que o cheiro e as sobras, mas desejara muito que este almoço fosse uma honra para a instituição e um banquete memorável para os homens, tão longe de casa, que tivesse tudo o que normalmente transforma o dia num festival entre os pobres. Tinha um ar pateticamente sério quando Turner começou a lamuriar-se, Sam começou a praguejar dissimuladamente, Hayward a suspirar, Joe a desejar que tudo terminasse e os restantes começaram a exprimir as suas emoções com uma liberdade que era tudo menos inspiradora. Naquele momento, Miss Hale entrou com um cesto de maçãs e laranjas numa mão, e muitas garrafas dignas de uma festa na outra.

– Aqui está a nossa sobremesa, rapazes! Uma amiga generosa lembrou-se de nós, e beberemos à sua saúde com o seu próprio vinho de groselha.

Um sorriso débil circulou pelo quarto, e em alguns corações confiantes renasceu a esperança. Ben esvaziou o cesto rapidamente, enquanto Miss Hale segredava a Joe:

– Sei que ficarias contente por sair da confusão da próxima hora, para apanhar um pouco de ar fresco e almoçar sossegado com Mrs. Burton aqui ao virar da esquina, não é?

– Oh, minha senhora, gostaria tanto! O barulho, os cheiros, a agitação, deixam-me doente só de pensar! Mas como posso ir? Aquela ambulância terrível quase me matou da última vez, e agora estou mais fraco.

– Meu caro rapaz, não tenho intenções de tentar isso outra vez até que as nossas ambulâncias possam ser usadas por homens fracos e feridos. A carruagem de Mrs. Burton está à porta, onde o aguarda a figura maternal, e tudo o que tem de fazer é deixar-me agasalhá-lo e deixar o Ben levá-lo até lá fora.

Com um longo suspiro de alívio, Joe submeteu-se a ambos os processos, e quando a enfermeira viu o seu rosto feliz enquanto a carruagem se afastava, sentiu-se recompensada pelo pequeno sacrifício de descanso e prazer que fizera silenciosamente, pois Mrs. Burton vinha buscá-la a ela, e não Joe.

– Agora, Ben, ajude-me a fazer este almoço infeliz correr o melhor que pudermos – sussurrou. – Em muitos aspetos, é uma sorte estes homens serem poupados à tentação de uma refeição mais generosa; peço-lhe que não lhes diga, mas tire partido disso, como tão bem sabe fazer.

– Vou tentar fazer o meu melhor, Miss Hale, mas não estou menos desapontado do que eles, pois alguns, tal como as crianças, há uma semana que sonham com esta refeição, e torna-se difícil desistir dela.

Se Ben fosse um patriarca dos velhos tempos, e os trinta rapazes os seus filhos, não teria falado com uma tristeza mais paternal, ou começado a trabalhar com tão boa vontade. Juntando várias mesas pequenas no meio do quarto, deixou Miss Hale a fazer uma exposição

criterosa de pratos, garfos e facas, enquanto ele foi buscar o banquete. Regressou então, carregando dois perus e vegetais na travessa, seguido por Barney, que olhava espantado para um pudim de Natal feito numa caçarola e seis tartes muito pequenas. Miss Hale tocou um animado sinal de recolher, enquanto a procissão se aproximava e, quando a comida estava arranjada, com a fruta vermelha e amarela lindamente empilhada no meio, parecia mesmo um almoço.

– Que riqueza! Aqui estão as iguarias da época e os confortos da vida! – disse Ben, afastando-se para examinar a mesa com tanta satisfação como se fosse o banquete do excelentíssimo senhor presidente da câmara.

– Venham, despachem-se e deem-nos o almoço, ou o que houver! – resmungou Sam.

– Rapazes – disse Ben, começando a trincar os perus, – estas nobres aves foram sacrificadas pelos defensores do seu país; chegarão até onde puderem chegar, e quando não houver mais, esforçar-nos-emos por suprir esta falta com sopa ou com presunto, tendo-se a ostras esgotado inesperadamente. Coloquem a votos. Ambos foram providenciados para esta ocasião de alegria, e uma palavra conseguirá um deles.

– Presunto! Presunto! – retumbava de todos os lados. A sopa era uma coisa diária e, por isso, repudiada com escárnio; mas o presunto, sendo uma raridade, era aceite como uma recompensa apropriada de mérito e um reconhecimento tácito das injustiças sofridas.

As “nobres aves” chegaram até onde foi possível, e foram elegantemente assistidas pelo seu companheiro mártir. O pudim não era tão apetitoso quanto seria desejável, mas, com um pouco de imaginação, os bocadinhos crocantes faziam as vezes das passas. As tartes eram pequenas, contudo, uma risada acrescentou sabor a cada um dos pequenos pedaços, pois quando Miss Hale pediu a Ben para as cortar, o homem olhou-a com um ar inquiridor enquanto dizia, no seu tom mais divertido:

– Não quero parecer estúpido, minha senhora, mas quando fala de “tartes” presumo que se refere a estas miniaturas? “Tortas” ou “pastéis” parece-me mais apropriado ao falar do terceiro prato deste luxuoso almoço. Sendo assim, cumprirei o meu dever para com eles, na esperança de que o apetite esteja à altura.

Dividindo cuidadosamente as seis tartes em vinte e nove fatias minúsculas, colocou cada uma delas no centro de um prato grande e limpo e distribuiu-as com a gravidade de um cangalheiro. O almoço tinha devolvido o bom humor a muitos; esta piada em relação às tartes deu-lhe o retoque final e, a partir daquele momento, prevaleceu uma atmosfera de alegria. Fizeram-se brindes com vinho de groselha, e as maçãs e laranjas voaram como um jogo de bola improvisado. Miss Hale cantou um cântico de Natal, e Ben dava saltos como se fosse um gigante brincalhão enquanto arrumava as coisas. Fazendo uma pausa nos seus pulinhos, Ben fez um sinal à enfermeira para que saísse e, quando ela o seguiu, entregou-lhe um prato repleto

de coisas boas vindas de uma mesa melhor do que aquela à qual se encontrava sentada neste momento.

– Da enfermeira-chefe, minha senhora. Venha e coma enquanto está quente; eles já estão a terminar na sala de jantar, e não terá nada melhor – disse Ben, indicando o caminho para a sua despensa e apontando para um lugar soalheiro junto à janela.

– Tem a certeza de que é para mim e não para si, Ben?

– Claro que sim! Ora, o que faria com isso, quando tenho estado a banquetear-me aqui mesmo?

– Não consigo ver com o que tem estado a banquetear-se – disse Miss Hale, olhando à sua volta para a despensa limpa enquanto se sentava.

– Tendo acabado de comer e lavado os pratos, é natural que não veja, minha senhora. Mas se eu tiver um ataque daqui a pouco já sabe ao que se deve – respondeu Ben, esforçando-se em vão por parecer um homem que está empanturrado.

– Uma mentirinha generosa não deve ser motivo de censura, Ben, por isso vou comer o seu almoço porque sei que se não o fizer, o atira pela janela só para provar que não o consegue comer.

– Obrigado, minha senhora. Receio que sim, pois à velocidade a que Barney vai, não estaria à altura dele – disse Ben, com uma expressão de alívio, enquanto polia a última travessa de estanho, o garfo e pendurava os panos para secar.

A emoção do almoço foi seguida por uma sesta geral, mas às três horas o público estava pronto para a diversão, e a chegada da caixa de Sam proporcionou esse momento. Estava a dormir quando a trouxeram e, silenciosamente, a colocaram aos pés da cama, pronta para o surpreender ao acordar. A chegada de uma caixa era um grande acontecimento, pois o recetor afortunado raramente falhava em “pagar a despesa”, e ainda melhor do que receber coisas vindas da própria casa era receber coisas vindas da casa de algum dos outros rapazes. Era uma caixa invulgarmente grande e estavam todos impacientes para a verem aberta, embora a extrema aspereza de Sam os impedisse de satisfazer grandes expectativas. Naquele instante acordou, e a primeira coisa que viu foi a caixa, com o seu nome escrito em grandes letras pretas. Como se fosse apenas a continuidade de um sonho, olhou estupidamente para ela por um momento, depois esfregou os olhos e sentou-se, exclamando:

– Olá! Isso é meu!

– Ah! Quem disse que não chegaria? Quem tinha a fé de um gafanhoto? E quem é não merece nem metade por ser um resmungão por natureza? – gritava Ben, dando ênfase a cada uma das questões com uma pancada na caixa, enquanto esperava de martelo na mão pela vinda do encarregado da enfermaria, cuja função era supervisionar a abertura das encomendas, para evitar que algum artigo de contrabando pudesse causar algum mal ao seu dono e aos vizinhos.

– É bem grande, não é? Abre-a já, não esperes por nada nem por ninguém! – dizia Sam, caindo da cama e batendo impacientemente sobre a tampa com a única mão que tinha.

O encarregado entrou, abriu-se a caixa e daí saiu uma coleção variada de maçãs, meias, donuts, papéis, pickles, fotografias, lenços de bolso, biscoitos de gengibre, cartas, geleia, jornais, tabaco e água-de-colónia.

– Tudo em ordem, ainda bem que chegou. Não se mate – disse o encarregado da enfermaria, enquanto fazia uma inspeção rápida e saía de novo. Ben puxou a caixa para mais perto da cama e seguiu-o, deixando Sam a meditar sobre os seus tesouros em paz.

No início, todos os outros, seguindo o exemplo de Ben, fizeram um esforço para fingir que estavam a dormir, ou absorvidos na leitura, ou completamente indiferentes ao mundo exterior. Mas depressa a curiosidade levou a melhor sobre a cortesia e, um a um, todos se viraram e ficaram a olhar. Bem o podiam ter feito desde o início, pois Sam estava perfeitamente alheado de tudo o que se passava à sua volta e, depois de ter lido as cartas, visto as fotografias, desfeito os embrulhos, virado tudo do avesso e de pernas para o ar, provado tudo o que era comestível e de ficar numa linda figura com a geleia, fez uma pausa para retomar o fôlego e tentar sair da confusão que criara. Então chamou:

– Miss Hale, pode aqui chegar e pôr as minhas coisas em ordem? – disse, enquanto as mãos femininas começavam a organizar tudo. – Não sei o que fazer com isso tudo, pois algumas coisas não se conservam por muito tempo, e será preciso comer sem parar para não as deixar estragar, isto se o apetite se mantiver.

– Como é que os outros se arranjam com as coisas deles?

– Bem sabe que eles as dão; mas diabos me levem se o fizer, porque estão sempre a insultar-me e a fazer pouco de mim. Parece-me que agora não me hão de arrancar nada.

O velho olhar mal-humorado, que tinha desaparecido ao ler as cartas e ao tocar nos presentes vindos de casa, regressou enquanto falava. Ocupada a dobrar e a organizar, Miss Hale perguntou:

– Conhece a história dos Três Bolos⁸? Qual é que vai ser: o Harry, o Peter ou o Billy?

Sam riu-se desta súbita referência ao conto infantil. E, apercebendo-se da sua vantagem, Miss Hale continuou:

– Todos sabemos o quanto sofreu, e todos o respeitamos pela coragem com que suportou o tempo que esteve isolado e a sua perda. Mas não acha que deu aos rapazes alguns motivos para fazerem pouco de si, como diz? Era um dos favoritos, e poderá sê-lo outra vez se puser de parte esse mau-humor, que se vai apoderar de si mais depressa do que pensa. Sam, mais vale perder os dois braços do que a boa disposição e a presença de espírito.

⁸ N.T. Conto infantil da autoria de Anna Letitia Barbauld (1743-1825).

Fazendo uma pausa para ver a forma como o seu sermão era recebido, viu que a parte boa de Sam estava a acordar, e acrescentou outra palavra, na esperança de ajudar uma dor mental como já fizera com tantas dores físicas. Olhando para ele com os seus olhos bondosos, disse baixinho:

– Este dia, em que a vida mais perfeita começou, é um bom dia para todos nós começarmos a preparar-nos para seguir esse exemplo divino. As dificuldades podem ajudar-nos se as aceitarmos de boa vontade, e a mais amarga pode tornar-nos mais doces para o resto das nossas vidas. Acredite e tente, Sam, e quando sair de junto de nós deixe aqueles que o amam saber que duas batalhas foram travadas e duas batalhas foram vencidas.

Sam não deu resposta, e permaneceu sentado e pensativo a depenicar o biscoito meio comido que tinha na mão. Então, lançou um olhar pelo quarto e, como se todas as ajudas o aguardassem, o seu olhar cruzou-se com o de Joe. Do seu canto solitário junto à lareira e à cama que não voltaria a deixar até que fosse levado para a sua sepultura, o rapaz devolveu-lhe um sorriso tão sincero, tão feliz, que Sam sentiu um súbito calor no coração ao olhar para os rostos da mãe, da irmã, da amada, espalhados à volta dele, e recordou-se de quão pobre o seu camarada era em todos esses laços de ternura e, todavia, quão rico naquele lindo contentamento, que “ não tendo nada, contudo tem tudo”. O homem não tinha palavras para exprimir este sentimento, mas tocou-o e fez-lhe bem, como provou à sua maneira.

– Miss Hale – disse um pouco acanhado, – gostava que escolhesse o que acha que cada um gostaria e que desse aos rapazes.

A resposta foi um sorriso que o levou a refugiar-se no seu biscoito, pois os lábios tremiam-lhe, e sentia-se meio orgulhoso e meio envergonhado por ter merecido uma aprovação tão encorajadora.

– O Ben ajuda-o – ele sabe melhor do que eu. Mas tem de ser você mesmo a dar; isso vai surpreender e agradar os rapazes. E amanhã escreveremos uma belíssima carta para casa a contar a festa que fizemos com a caixa que enviaram.

Esta proposta fez com que Sam quase se arrependesse. Mas, enquanto Ben subia pesadamente em resposta ao chamamento de Miss Hale, agarrou-se à sua nova resolução como se fosse uma espécie de ablução em que ele determinaria quando finalizar o batismo. Dividindo o seu bem mais querido, que (infelizmente para a história!) era o tabaco, embrulhou a parte maior num papel e segredou a Miss Hale:

– O Ben não se parece com um anjo da guarda, mas à sua maneira quase que é um, por isso vou começar por ele.

– O “anjo da guarda” chegou, com uma camisa de flanela vermelha e botas de couro; e Sam enfiou o pequeno embrulho no bolso dele, dizendo, enquanto começava a remexer furiosamente na caixa:

– Agora cala-te e dá-me uma mãozinha com estas coisas.

Esta atitude surpreendeu Ben de tal maneira que ficou espantado a olhá-lo, até que um sinal de Miss Hale o esclareceu; e, pegando na sua deixa, fez o seu papel tão bem quanto seria de esperar com um aviso tão em cima da hora. Dando uma palmadinha sobre o ombro de Sam – não no ombro ferido, pois Ben tinha sempre em atenção essas coisas – exclamou entusiasticamente:

– Eu sempre disse que voltaria a si assim que este seu braço começasse a recuperar, e aqui está, mais alegre do que nunca. Dar uma mãozinha! Dou pois, um par delas. O que há para fazer? Voltar a empacotar estas tralhas.

– Não; quero que me digas o que *tu farias* com elas se fossem tuas. À vontade – como se realmente fossem.

Ben agarrou-se à caixa por um minuto, como se esta segunda surpresa lhe roubasse a força das pernas; mas um outro olhar da causadora desta resolução manteve-o firme, e começou a trabalhar como se fosse habitual o Sam estar “à vontade”.

– Ora vejamos. Acho que punha as roupas nesta caixa mais pequena onde vêm as garrafas e deixava-a à mão, debaixo da mesa. Aqui também há jornais com imagens! Eu transformava-os numa biblioteca itinerante; vão ser um regalo. Os pickles – bem, acho que os deixava aqui à janela para servir de petisco à hora do almoço, ou para ir dando aos rapazes, desde que seja para eles. Água-de-colónia – é um frasco mesmo bonito, não é? – Isto seria excelente para dar a alguém que apreciasse esta prenda, – uma espécie de atenção especial, se por acaso encontrar tal pessoa em algum lugar.

Ben acenou com a cabeça em direção a Miss Hale, que estava absorvida a dobrar lenços de bolso. Sam pestanejou expressivamente e bateu levemente no frasco como que congratulando-se por ser tão bonito e por saber o que fazer com ele. A pantomima não era elegante, mas foi feita com tanta emoção e respeito como se tivesse feito um discurso preparado, e exibiu o presente sobre os joelhos.

– Provavelmente manteria as cartas e as fotografias debaixo da minha almofada durante algum tempo; dava a geleia a Miss Hale, para a dar aos doentes; os bolos e o frasco de compota, dava-os para o lanche, já que o almoço não foi bem aquilo que desejávamos. Guardava as maçãs para comer e para mandar ao Joe quando ele tivesse vergonha de pedir uma, e o *tabaco*, eu não o esbanjava com gente que não tem nada que andar a desfrutar de luxos quando há tantos pobres que estão a morrer de fome até Charlestown. Ora, aí está! Isso é o que *eu faria* se alguém tivesse a esperteza de me mandar uma caixa tão boa como esta.

Por esta altura, Sam desfrutava inteiramente do brilho da sua ablução. À medida que Ben mencionava os diversos artigos, ele separava-os; e, quando o inventário terminou, pôs-se em marcha com a sua primeira entrega: as maçãs maiores e mais vermelhas e todos os jornais com imagens foram para Joe. Os pickles não são normalmente vistos como um sinal de estima, mas enquanto Sam os distribuía, um a um, – porque ele não deixava ninguém ajudá-lo, e a única

mão que tinha, sendo a esquerda, tinha tanto de desajeitada como de prestável – os rostos dos rapazes iluminavam-se, pois a palavra amiga que acompanhava cada um, tornava os pequenos pepinos amargos tão bem-vindos como se fossem guloseimas. O ânimo do benfeitor aumentava com cada viagem que fazia, pois Ben circulava livremente nos intervalos e, graças a ele, nem uma única referência ao passado manchou a satisfação do presente. Compota, biscoitos e bolo foram aquisições tão valiosas na ementa habitual, que, quando a ceia terminou, foi feito um discurso de agradecimento. E, sendo verdadeiros Americanos, a paixão dominante expressou-se no comum “compatriotas” e em alusões ao hino nacional. Depois disto, Sam acalmou, sentindo-se um benfeitor público e um homem importante.

Um dia totalmente agradável era quase uma impossibilidade em qualquer hospital, e este não era exceção à regra. À hora do costume, o Dr. Bangs fez as suas rondas, deixando atrás de si a dose habitual de desconforto, descontentamento e desânimo. Era um médico competente e um homem excelente, mas não era um indivíduo otimista nem conciliatório. As muitas preocupações e tormentos levaram-no a ver o mundo como se fosse um hospital em ponto grande, e as pessoas como pacientes mais ou menos gravemente feridos. Tinha uma visão muito negra da vida, e parecia pensar que quanto mais depressa as pessoas desistissem, melhor para elas. Cumpria o seu dever junto dos homens, mas se recuperavam parecia ficar meio desiludido e congratulava-os com alegres profecias de que haveria de chegar a hora em que desejariam não ter recuperado. Se algum morria, parecia ficar aliviado, e examinava-o com uma satisfação pensativa, dizendo de todo o coração:

– A pobre alma está agora confortável, e longe deste mundo miserável, graças a Deus!

Se não fosse Ben, as influências saudáveis da enfermaria do doutor teriam sido mínimas, e as sombrias palavras de Dante podiam estar escritas à entrada da porta:

Abandone toda a esperança aquele que aqui entrar.

Ben e o doutor entendiam-se na perfeição e gostavam um do outro, mas estavam sempre em desacordo e entravam sempre em conflito por causa dos rapazes, como se a jovialidade corajosa e o desespero médico estivessem numa luta pelo corpo e alma de cada um deles.

– Bem – começou o doutor, olhando para o braço de Sam, ou melhor, para o que restava dele depois de duas amputações, – temos de estar preparados para outro corte nisto dentro de um ou dois dias se não sarar depressa. Às vezes, o tétano surge nestes casos; mas isso passa depressa, e não ponho de parte a hipótese de aparecer numa das suas variantes. O rosto esperançoso de Sam desapareceu, e cerrou os dentes como se sentisse já os sintomas fatais.

– Se algum tipo de tétano fosse comum, não seria uma má notícia para alguns rapazes que podia nomear – comentou Ben ao cobrir o coto bem curado com tanto cuidado como se fosse um bebé adormecido; e acrescentou, enquanto o doutor se afastava – Aí está um velho cirurgião sanguinário. Ora, Sam, abençoado seja, está a sair-se muito bem, e ele continua assim porque não há hipótese de lhe dar outro corte! Agora está a deitar o Turner abaixo, logo

agora que lhe tínhamos dado algum ânimo. Se alguma vez nasceu algum extintor, foi o Dr. Bangs!

Ben foi em seu auxílio, e chegou mesmo a tempo, pois Turner – que agora fazia um esforço na ilusão de que a sua recuperação dependia unicamente do facto de sair da cama de quinze em quinze minutos, estava sentado junto à lareira, olhando para o doutor, que o observava agradavelmente, enquanto lhe sentia o pulso:

– Com que então está a preparar-se para outra febre? Bem, já nos afeiçoámos a si, e mantê-lo-emos aqui mais seis semanas se assim o desejar.

Turner parecia nervoso, pois as piadas do doutor eram sempre de mau gosto, mas Ben pegou-lhe na outra mão e balançou ligeiramente a cadeira enquanto respondia, com grande delicadeza:

– Este nosso robusto convalescente ficaria feliz em fazer-lhe a vontade, senhor, mas tem um compromisso urgente em Jersey na próxima semana, e não pode adiá-lo por motivo algum. Sabe, é que a Miss Turner precisa de uma ama atenciosa para a pequena Georgie, e ele vai aceitar o cargo.

Sentindo-se prestes a dar uma gargalhada, enquanto Turner esboçava um sorriso ridículo que era um misto de orgulho pela sua bebé e de receio por si próprio, o Dr. Bangs afirmou, olhando para Ben com uma seriedade invulgar:

– Assume a responsabilidade desta decisão, não assume? Muito bem: lavo as minhas mãos do Turner; mas, se esta cama estiver vazia daqui a uma semana, não ponha as culpas em cima de mim.

– Nada me levará a fazê-lo – respondeu Ben energicamente. – Vamos, deita-te meu rapaz, e dorme descansado, pois eu não desapontaria o mais alegre dos homens nem pelo ordenado de um mês; e isso é ser generoso, já que é provável que não o receba.

– Como é que está este jovem depois da agitação imprudente deste dia? – perguntou o doutor, parando junto à cama do canto, depois de ter avançado rapidamente pelo quarto, seguido de perto por Ben.

– Estou ótimo, senhor – arfou Joe, que dizia sempre o mesmo, apesar de estar mais fraco a cada dia que passava. Todos eram amáveis com Joe, até mesmo o rude doutor, cujas maneiras suavizavam, e que se via obrigado a fazer má cara para esconder o olhar piedoso.

– Como vai a tosse?

– Melhor, senhor. Como estou mais fraco, já não consigo lutar contra ela como dantes, por isso vem mais facilmente.

– Dormiu alguma coisa a noite passada?

– Não muito; mas é agradável estar aqui deitado quando o quarto está silencioso e não há qualquer luz exceto a da lareira. O Ben mantém-na acesa; e quando estou inquieto, conversa comigo e o tempo corre com ele a contar histórias até ficar tão sonolento que mal consegue

falar. Meu velho e caro Ben! Espero que tenha alguém tão bondoso para ele quando precisar tanto quanto eu preciso neste momento.

– Ele terá o que merece no final, pode ter a certeza disso – disse o doutor gravemente, como se Ben merecesse condenação eterna.

Enquanto Joe falava, caiu uma lágrima sobre a lareira; mas Ben pisou-a e voltou-se como que a desafiar alguém a dizer que a tinha derramado.

– De todas as mulheres teimosas e imprudentes que conheci ao longo de quarenta anos de profissão, esta é a mais teimosa e imprudente de todas – disse o doutor, dirigindo-se abruptamente a Miss Hale, que surgira naquele momento, trazendo de volta o cesto de flores de Joe. – Vai obedecer-me, sentando-se nesta cadeira durante vinte minutos de braços cruzados. O relógio dará então as nove horas e você irá diretamente para a cama.

Miss Hale sentou-se com um ar sério, e o doutor afastou-se lentamente, suspirando pesarosamente enquanto atravessava o quarto, com se estivesse desiludido pelo facto de aqueles trinta homens não estarem todos às portas da morte. Mas, à saída, virou-se e exclamou:

– Boa noite, rapazes! Deus vos abençoe! – e desapareceu tão rapidamente como se tivesse sido engolido por um alçapão.

Miss Hale era uma mulher teimosa em algumas coisas, pois em vez de cruzar os braços cansados, tirou um livro com uma capa gasta que estava sobre a lareira e, sentada junto à cama de Joe, começou a ler em voz alta. Pouco a pouco, fez-se silêncio; pouco a pouco, os homens prepararam-se para ouvir; e pouco a pouco, as palavras da velha e doce história de Natal chegaram até eles, enquanto a voz calma da mulher continuava a ler. Se algum espírito ferido precisava de bálsamo, se algum coração faminto pedia comida, se algum propósito honesto, aspiração recente ou arrependimento sincero vacilavam por falta de força humana, todos encontraram ajuda, esperança e consolo no lindo e abençoado poder do livro, da leitora e da hora.

Bateram as nove horas, as luzes apagaram-se, o dia de trabalho chegara ao fim; mas Miss Hale permanecia junto à cama de Joe, cujo rosto tinha um ar melancólico e que parecia relutante em deixá-la ir.

– O que é, querido? – disse. – O que posso fazer antes de te deixar entregue aos cuidados de Ben?

Ele aproximou-a de si, e sussurrou com gravidade:

– É algo que eu sei que fará por mim, porque não posso ser eu mesmo a fazê-lo, não do modo como quero, e você pode. Estou a morrer, minha senhora; e quando estiver outra pessoa no meu lugar, quero que diga aos rapazes, – a todos eles, desde o Ben ao Barney –, o quanto lhes agradei, o quanto os amei, e o prazer que foi tê-los conhecido, ainda que por tão pouco tempo.

– Sim, Joe, direi a todos. Que mais posso fazer, meu rapaz?

– Deixe-me somente dizer-lhe o que ninguém poderá dizer por mim. Quero apenas viver para tentar fazer algo à minha maneira que mostre o quanto lhe estou agradecido, minha senhora. Não é o que me disse, ou o que fez por mim que me deixa grato. São as coisas que me ensinou sem se dar conta, que me mostraram a pessoa que eu deveria ter sido antes, como se tivesse tido alguém que me disse e que tornou este lugar tão feliz e acolhedor, que terei pena quando tiver de partir.

Pobre Joe. Aqueles vinte anos devem ter sido duros com ele, se um hospital lhe parecia acolhedor e um pouco de compreensão e atenção o deixavam tão sinceramente grato. Parou por um momento para colocar a sua face sobre a mão que segurava entre as suas, e depois apressou-se, como se sentisse o seu fôlego a chegar ao fim.

– Atrevo-me a dizer que muitos rapazes lhe disseram isto, melhor do que eu, pois não digo metade daquilo que sinto; mas sei que nenhum deles alguma vez lhe agradeceu tanto quanto eu lhe agradeço de todo o meu coração, ou que alguma vez a amou tanto quanto eu a amarei até ao fim da minha vida. Sou tão pobre que hoje não tive um presente para lhe dar; mas queria dizer-lhe estas palavras no último Natal que alguma vez verei.

Deu-lhe um beijo muito humilde na mão; mas o fervor de um primeiro amor aqueceu-o e a sinceridade de uma enorme gratidão transformou-o num presente simultaneamente precioso e patético para alguém que, quase inconscientemente, tornara esta vida tão breve e vazia tão rica e feliz no seu final. O rosto de Miss Hale, sempre meigo e ternurento, estava agora ainda mais, quando se inclinou sobre ele e sussurrou:

– Agora recebi o meu presente. Boa noite, Joe.

O Hospital de Nelly

Nelly preparava parches de linho sentada ao lado da mãe. Mas, enquanto os seus dedos esvoaçavam, os olhos fixavam melancolicamente o prado, dourado com botões-de-ouro e brilhante sob a luz do sol. Naquele momento disse, com alguma timidez, mas com muita seriedade:

– Mãezinha, quero contar-lhe um pequeno plano que fiz, por favor não se ria.

– Acho que posso prometer isso, minha querida – disse a mãe, pondo de lado o seu trabalho para que a pudesse ouvir com todo o respeito.

Nelly parecia satisfeita e continuou confiante.

– Desde que Will chegou coxo a casa e eu a ajudei a cuidar dele, ouvi falar muito sobre hospitais e gostei muito do que ouvi. Hoje disse que queria ser enfermeira, como a tia Mercy; mas Will riu-se e disse-me que seria melhor começar por cuidar de passarinhos e borboletas e gatinhos doentes antes de tentar cuidar de homens. Não gostei nada de ser motivo de troça, mas tenho estado a pensar que seria muito agradável ser enfermeira no meu próprio pequeno hospital, porque, se me esforçasse, tantas criaturas lindas poderiam ser curadas, talvez. Posso, mãezinha?

Perante tal ideia, a mãe teve vontade de sorrir, mas não o fez, pois Nelly olhou com o coração e os olhos tão cheios de terna compaixão, tanto para com os homens desconhecidos por quem as suas pequenas mãos tinham feito o seu melhor, como para com os pequenos doentes mais próximos de casa, que acariciou os seus cabelos brilhantes e respondeu prontamente:

– Sim, Nelly, será uma instituição digna de uma jovem samaritana como tu, e poderás aprender muito se levares esta tarefa a sério. Deves estudar a forma de alimentar e de cuidar dos teus pequenos pacientes, caso contrário a tua piedade não lhes servirá de nada e o hospital tornar-se-á uma prisão. Vou ajudar-te, e Tony será o teu médico.

– Oh mãezinha, como é tão boa para mim! Estou verdadeiramente determinada. Aprenderei e serei generosa. Posso ir e começar já?

– Podes, mas diz-me primeiro onde será o teu hospital?

– No meu quarto, mãezinha. É tão confortável e soalheiro, e eu nunca me esqueceria dele aí – disse Nelly.

– Não te poderás esquecer dele em lado algum. Creio que esse plano não resultará. Gostavas de encontrar lagartas a rastejar na tua cama, ouvir gatinhos doentes a miar durante a noite, ter escaravelhos agarrados à tua roupa, ou ver ratos, insetos e pássaros a caírem pela escada sempre que a porta estivesse aberta? – disse a mãe.

Por uns momentos, Nelly riu-se com essa ideia e, de seguida, bateu palmas e gritou:

– Vamos ocupar a velha casa de verão! As minhas pombas ocupam apenas a parte superior, e seria assim como Frank no livro de contos. Por favor, diga que sim outra vez, mãezinha.

A mãe disse mesmo que sim e, agarrando o chapéu, Nelly correu à procura de Tony, o filho do jardineiro, um simpático rapaz de doze anos, que era o companheiro de brincadeiras favorito de Nelly. Tony declarou que o plano era "divertido" e, deixando o trabalho, seguiu a sua jovem senhora até à casa de verão, pois ela não podia esperar um minuto.

– O que devemos fazer primeiro? – perguntou ela, enquanto olhavam para o espaço escuro e empoeirado, cheio de ferramentas de jardinagem, sacos de sementes, vasos velhos e regadores.

– Limpar o lixo, menina – respondeu Tony.

– Aqui vai, então – e Nelly começou a livrar-se de tudo com tanta pressa que partiu dois vasos, espalhou as sementes de abóbora por todo o lado e derrubou uma pilha de ancinhos e sacholas que caíram ruidosamente no chão.

– Espere um pouco e deixe-me assumir a liderança, menina. Dê-me as coisas, que eu empilho-as no carrinho de mão e levo-as para o celeiro. Isso vai poupar-nos tempo e terminamos as limpezas num instantinho.

Nelly seguiu o seu conselho e, passado pouco tempo, não havia nada a não ser pó.

– E agora? O que se segue? – perguntou ela, sem fazer a mínima ideia.

– Vou varrer enquanto a menina vai ver se a Polly pode vir e esfregar o chão. Isso devia ser feito antes de a menina estar aqui, quanto mais os pacientes.

– Pois devia – disse Nelly, parecendo muito sábia de repente. – O Will diz que as enfermarias – isso quer dizer os quartos, Tony – são lavadas todos os dias ou de dois em dois dias e mantidas muito limpas e bem venti– qualquer coisa – não consigo dizer a palavra, mas significa deixar entrar muito ar. Posso limpar as janelas enquanto a Polly lava o chão e terminamos num instante.

Saiu a correr, sentindo-se muito ocupada e importante. Polly veio e, pouco tempo depois, a divisão parecia outro lugar. As quatro janelas gradeadas estavam bem abertas, para deixar entrar a luz do sol que dançava por entre as videiras que cresciam lá fora, e rosas curiosas espreitavam para ver que agitação era aquela. As paredes brilhavam de brancura novamente, pois nem uma aranha ousava aí ficar, o banco em volta da divisão não tinha um grão de pó agora, o chão estava tão imaculado quanto era possível, e o vento do sul levava para longe todos os odores bolorentos com o seu hálito perfumado.

– Que bonito está! – gritou Nelly, dançando à soleira da porta, para não deixar pegadas no chão ainda molhado.

– Quase que gostava de adoecer só para ficar aqui – disse Tony, com admiração. – Agora, que tipo de camas é que vai ter aqui, menina?

– Acho que não dá para pôr borboletas e sapos e minhocas em camas como as dos verdadeiros soldados onde Will esteve? – respondeu Nelly, parecendo ansiosa.

Tony quase não conteve um grito perante ideia tão disparatada, mas, em vez de perturbar a sua jovem senhora, disse muito sobriamente:

– Julgo que não se deitariam facilmente, já que não estão acostumados a isso. Aconchegar uma borboleta era matá-la, as minhocas teriam tendência a perder-se entre os lençóis e os sapos espalhavam-se logo à primeira.

– Terei de perguntar à mãezinha sobre isso. O que vais fazer enquanto eu não estiver aqui? – perguntou Nelly, não querendo que um único momento fosse desperdiçado.

– Vou fazer caixilhos para pormos redes nas janelas, senão as pombas ainda voam por aí dentro e comem os doentes.

– Acho que elas saberão que é um hospital e terão a gentileza de não magoar ou assustar os seus vizinhos – começou Nelly. Mas, enquanto falava, uma pomba branca bem gordinha entrou, olhou em volta com os olhos rodeados por um anel vermelho, e, tranquilamente, engoliu um inseto minúsculo que tinha acabado de se aventurar a sair da fenda onde se refugiara quando o dilúvio veio.

– Sim, temos de arranjar as redes. Vou pedir umas rendas à mãezinha – disse Nelly, quando viu aquilo. Levando a sua pomba de estimação sobre o ombro, contou-lhe sobre o seu hospital enquanto se dirigia para casa, pois por amar todas as pequenas criaturas como ela amava, sofria quando algo de mal acontecia mesmo à mais pequena ou simples delas. Na sua doce imaginação de criança, os companheiros de brincadeira compreendiam-na tão bem quanto ela os compreendia a eles, e os pássaros, as flores, os animais e insetos sentiam por ela o mesmo carinho que ela sentia por eles. O amor faz sempre amigos, e nenhuma criatura parecia temer esta criança dócil; antes a acolhiam como um pequeno sol que brilhava de modo igual sobre todos e nunca perdia a sua luz.

Ausentou-se por algum tempo, e quando regressou a sua mente estava cheia de novos planos, uma mão cheia de juncos, a outra cheia de livros, enquanto sobre a cabeça flutuava a renda e do braço pendia uma fita verde brilhante.

– A mãezinha diz que as melhores camas serão pequenos cestos, caixas, gaiolas e qualquer tipo de coisa que se adapte aos pacientes, pois cada um vai precisar de cuidados, comida e remédios diferentes. Não tenho cestos suficientes. Por isso, como não posso ter caminhas brancas, vou fazer bonitos ninhos verdes para os meus pacientes, e, enquanto faço isso, a mãezinha achou por bem leres-me as páginas que ela marcou, para que possamos começar da melhor maneira.

– Sim, menina; agrada-me a ideia. Mas para que é essa fita? – perguntou Tony.

– Oh, é para ti. O Will diz que, se vais ser um médico militar, tens de usar uma fita verde no braço. Por isso arranjei esta fita para pores quando brincarmos aos hospitais.

Tony deixou-a decorar a manga do seu casaco cinzento e, quando as redes ficaram prontas, abriram e apreciaram os livros de boas-vindas. Foi um momento feliz, sentados ao sol, com as folhas agitando-se agradavelmente sobre eles, as pombas arrulhando lá no alto e as flores conversando docemente entre si naquela tarde de verão. Nelly tecia os seus juncos suaves e verdes. Tony debruçava-se sobre as suas páginas, e ambos encontraram nas histórias de família de insetos, pássaros e feras algo melhor do que contos de fadas. Deparam-se com todos os tipos de maravilhas, e todas lhes foram explicadas, até Nelly sentir que lhe havia sido dado um novo mundo tão cheio de beleza, prazer e interesse, que ela nunca poderia cansar-se de o estudar. Muitas destas coisas não eram desconhecidas para Tony, porque, nascido entre as plantas, ele havia crescido com elas como se fossem irmãos e irmãs, e o rapaz robusto e moreno tinha aprendido muitas lições que nenhum poeta ou filósofo poderia jamais ter-lhe ensinado, a menos que se tivesse tornado tão infantil como ele próprio, e estudado pelo mesmo grande livro.

Quando os cestos ficaram prontos, as páginas marcadas foram lidas e o sol começou a desenhar em seu torno as cortinas rosadas antes de sorrir "Boa noite", Nelly alinhou as camas verdes, Tony colocou as cortinas, e o hospital estava pronto. A pequena enfermeira estava tão entusiasmada que mal conseguiu jantar e, assim que terminou, subiu apressadamente para contar a Will o sucesso da primeira parte do seu projeto. Agora, o irmão Will era um jovem oficial corajoso, que havia lutado corajosamente e cumprido o seu dever como homem. Mas quando se encontrava em casa, debilitado e ferido, a alegre coragem que o conduziu com segurança por muitos perigos parecia tê-lo abandonado e, muitas vezes, estava melancólico, triste ou rabugento, porque desejava regressar ao seu posto e o tempo passava lentamente, muito lentamente. Isto perturbava a mãe, e Nelly não compreendia porque é que estar deitado num quarto agradável era muito mais difícil do que travar batalhas ou fazer marchas cansativas. Tudo o que o pudesse interessar ou divertir era muito bem-vindo, e quando Nelly, trepando pelo braço do sofá, contou os seus planos, contratempos e sucessos, ele riu com mais vontade do que rira havia muitos dias, e o seu rosto magro brilhou de alegria, como era hábito há muito tempo atrás. Nelly sentia-se feliz, e falou sem parar como uma pequena tagarela, até Will ficar realmente interessado, pois quando se está doente, as pequenas coisas servem de distração.

– Vais esperar que os teus doentes venham ter contigo? – perguntou.

– Não, irei à procura deles. Muitas vezes vejo pobres criaturas a sofrer no jardim, no bosque e sinto sempre que eles deviam ser tratados, tal como as pessoas são.

– Não vais gostar de carregar nas mãos insetos loucos, sapos coxos e gatinhos com convulsões, e também não ficariam numa maca mesmo que tivesses uma. Devias ter uma ambulância e ser uma agência da Comissão Sanitária – disse Will.

Nelly ouvira muitas vezes estas palavras, mas não compreendia muito bem o que queriam dizer. Então, Will falou-lhe dessa grandiosa e infalível organização, à qual milhares de pessoas devem as suas vidas, e a criança ouviu com os lábios entreabertos, de olhos arregalados, e tanto

amor e admiração no coração que mal conseguia encontrar palavras que pudessem expressar o seu sentimento. Quando o irmão fez uma pausa, disse com toda a sinceridade:

– Sim, vou ser uma Sanitária. Este meu carrinho será a minha ambulância, e nunca vou deixar os meus barris de água ficar vazios, nem conduzir rápido demais, ou ser rude com os meus pobres passageiros, como alguns dos homens de quem falas. Isto parece-se com uma ambulância, Will?

– Nem um pouco, mas vai parecer-se, se tu e a mãezinha me quiserem ajudar. Quero quatro canas compridas, um quadrado de pano branco, alguns pedaços de madeira fina e o frasco da cola – disse Will, sentando-se para examinar o carrinho e sentindo-se novamente como um menino enquanto tirava a faca e começava a talhar.

Nelly correu para cima e para baixo até reunir todos os materiais necessários e, quase sem fôlego, observou o irmão a arquear as canas sobre o carrinho, cobri-las com o pano e encaixar uma prateleira superior de pequenos compartimentos forrados com algodão, que serviriam como cama para os insetos feridos, para que não se magoassem ou empurrassem uns aos outros. A parte inferior ficou desocupada para quaisquer criaturas maiores que Nelly pudesse encontrar. Entre os seus brinquedos encontrou um pequeno barril que só precisava de uma cavilha para ser totalmente estanque. Encheram e ajustaram o barril à frente, porque, como os pequenos pacientes não precisavam de assentos, não havia lugar para ele atrás, e, como Nelly seria simultaneamente o cavalo e o condutor, era mais conveniente ficar à frente. Em cada lado havia uma caixa de provisões. Uma tinha ligaduras, algumas garrafas por encher e um pequenino boião de boneca com creme, porque Nelly não podia sentir que o seu conjunto estaria completo sem uma caixa de medicamentos. A outra caixa estava cheia de migalhas, pedaços de açúcar, sementes de pássaro e grãos de trigo e milho, para que nenhum estranho faminto morresse por falta de alimento antes que ela o fizesse chegar a casa. Depois, a mãezinha pintou "Com. San. E.U" em letras brilhantes sobre o pano, e Nelly recebeu o seu brinquedo de beneficência com um longo suspiro de satisfação.

– Já são nove horas. Credo, como passou a correr este serão! – exclamou Will, enquanto Nelly lhe dava um beijo de boa-noite.

– E foi um serão muito divertido – respondeu ela. – Muito, muito obrigada, querido Will. Só queria que a minha pequena ambulância fosse suficientemente grande para tu poderes entrar nela – gostava tanto que fosses o primeiro a experimentá-la.

– Nada me agradaria mais, se fosse possível, embora eu tenha alguns preconceitos em relação a ambulâncias em geral. Mas, visto que não posso ir de ambulância, amanhã vou tentar dar um pulo até ao teu hospital e ver como te estás a sair. – Fazer tal afirmação era um grande passo para o Capitão Will, pois há alguns dias que estava demasiado apático para abandonar o seu sofá.

Com aquela promessa, Nelly foi feliz para o quarto, parando apenas para espreitar pela janela para ver se faria bom tempo no dia seguinte e contar os seus planos a Tony enquanto ele passava por baixo.

– Onde vai à procura do primeiro carregamento de doentes, menina? – perguntou ele.

– Primeiro procuro pelo jardim, depois pelo bosque e no caminho de volta passo pelo ribeiro. Achas que consigo encontrar alguns pacientes assim? – perguntou Nelly.

– Tenho a certeza que sim. Boa noite, menina. – E Tony afastou-se com uma expressão de alegria estampada no rosto que Nelly não teria compreendido se tivesse visto.

O sol nasceu radioso e a Enfermeira Nelly levantou-se quase tão cedo e tão radiosa quanto o sol. Tomou o pequeno-almoço apressadamente e, antes que o orvalho pudesse desaparecer da relva, já esta agência da C.S estava em movimento. Pai, mãe, irmão mais velho, irmã mais nova, serviçais, todos quiseram ver o momento da partida da pequena ambulância, e em lugar algum havia naqueles campos de verão criança mais feliz do que Nelly, enquanto descia sorridente pelo caminho do jardim, onde todas as flores a beijavam quando passava e todas as aves pareciam cantar alegremente “Boa viagem!”

– O que será que vou encontrar em primeiro lugar? – pensava ela, olhando atentamente para todos os lados. Os grilos cantavam, os gafanhotos saltavam, as formigas estavam atarefadas nas suas casas subterrâneas, as aranhas teciam teias brilhantes de ramo em ramo, as abelhas procuravam os seus sacos de ouro e as borboletas tinham agora mesmo começado as suas férias. Uma grande borboleta branca pousou sobre a ambulância, caminhou sobre a inscrição, como se estivesse a soletrar as palavras, e depois voou graciosamente de flor em flor, como se levasse consigo a boa notícia.

– Agora todos saberão sobre o hospital e ficarão contentes por me verem chegar – pensou Nelly. E, de facto, assim parecia, pois, naquele instante, um melro que se encontrava pousado no muro do jardim começou a cantar alegremente, o gatinho de Nelly veio a correr para observar o carrinho e roçar-se nele, um sapo de olhos brilhantes espreitava a partir dos seus aposentos por entre as folhas de lírios e, naquele momento, Nelly encontrou o seu primeiro paciente. Numa das teias de aranha ainda cobertas de orvalho que pendiam de um arbusto ali perto, estava uma enorme aranha preta e amarela, que observava uma mosca cujas delicadas asas tinham ficado presas na rede. A pobre mosca zumbia penosamente e lutava tão tenazmente para se libertar que a toda a teia balançava. Mas quanto mais lutava, mais se emaranhava, e a aranha feroz preparava-se para descer e tecer uma mortalha sobre a sua presa, quando um pequeno dedo quebrou os fios e levantou a mosca com segurança na palma da mão, onde esta ficou debilmente zumbindo os seus agradecimentos.

Nelly ouvira falar muito sobre os contrabandos⁹, sabia quem eles eram e estava muito interessada neles. Por isso, quando libertou a pobre mosca negra, fingiu que era o seu contrabando e sentiu-se feliz pelo facto de o primeiro paciente ser um que tanto precisava de ajuda. Cuidadosamente afastando a teia, deixou o pequeno Pompeu – este foi o nome que lhe deu – libertar as suas próprias pernas, não fossem os seus dedos desajeitados magoá-lo. Depois, deitou-o sobre uma das camas macias, com um grão ou dois de açúcar para o caso de precisar de recuperar forças, e pediu-lhe para descansar e refazer-se do susto, lembrando-o de que era livre de voar para longe quando quisesse, pois não tinha qualquer desejo de torná-lo seu escravo.

Sentindo-se muito feliz com esta nova amizade, Nelly continuou o seu caminho cantando baixinho e, de repente, encontrou uma bonita lagarta vestida de pelo castanho, embora estivesse um dia quente. Estava tão quieta que Nelly pensou que estaria morta, até se enrolar numa bola quando a tocou.

– Acho que estás fraco com o calor deste teu pelo espesso ou então vais transformar-te num casulo, Sr. Peludo – disse Nelly.

– Agora quero ver-te transformares-te em borboleta e, se ficares bom outra vez, deixo-te ir. Vou fazer de conta que ficaste exausto durante uma marcha, como às vezes os soldados ficam, e foste deixado para trás para receber os cuidados das pessoas da Comissão Sanitária.

Lá foi o carrancudo Sr. Peludo para dentro, e lá continuou a ambulância o seu caminho até Nelly encontrar um besouro verde metálico, deitado de costas e esperneando como se estivesse a ter um ataque.

– Valha-me Deus, o que devo fazer por ele? – pensou Nelly. – Parece a bebé quando esteve tão doente que a mãezinha teve de lhe dar um banho quente. Mas não tenho a minha pequena banheira aqui, nem água quente, e acho que o besouro também não iria gostar mesmo que tivesse. Talvez tenha dores de barriga. Vou virá-lo e dar-lhe umas palmadinhas nas costas como a ama faz à bebé quando chora com dores de barriga.

Virou o besouro e fez o possível para confortá-lo, mas ele estava claramente em grande sofrimento, pois não conseguia andar e, em vez de levantar o casaco cor de esmeralda e abrir as asas que estavam por baixo, virou-se de novo e esperneou ainda de forma mais violenta do que antes. Sem saber o que fazer, Nelly pô-lo num dos seus leitos macios para que Tony o curasse se possível. Não encontrou mais pacientes no jardim, exceto uma abelha morta, que enrolou numa folha e levou para casa para enterrar. Quando chegou ao bosque, estava tão verde e fresco que só lhe apetecia sentar-se e ouvir o murmurar dos pinheiros e ver as pinhas ondular ao vento. Mas, lembrando-se da sua missão de beneficência, seguiu ao longo do agradável caminho até

⁹ N.T. Termo utilizado para fazer referência a ex-escravos fugitivos, que ficavam sob a tutela dos comandantes militares unionistas. Em 1861, o General Benjamin Butler recusou a devolução de escravos foragidos aos proprietários sulistas que vinham reclamar a sua propriedade, designando-os como “contrabando de guerra”. Desse momento em diante, o termo contrabando passou a designar as centenas de milhares de fugitivos que buscaram a liberdade sob o abrigo das tropas da União.

encontrar outro paciente, junto do qual esteve vários minutos a considerar se seria melhor levá-lo até ao hospital, pois era uma pequena cobra cinzenta com a cauda ferida. Nelly sabia que a cobra não lhe faria mal, ainda assim tinha medo dela. Achava-a linda, mas não conseguia gostar dela, lamentava a sua dor, contudo vacilou em ajudá-la, pois com os seus olhos assustadoramente brilhantes e a língua em constante movimento, parecia ansiosa por morder.

– É um rebelde. Será que o devo ajudar? – pensou Nelly, enquanto via o réptil contorcer-se com dores. – Will disse que havia rebeldes doentes no seu hospital e um foi muito gentil com ele. O meu livrinho também diz “Ama os teus inimigos”. Acho que as cobras são minhas inimigas, mas vou tentar gostar dela porque Deus a criou. Algum rapaz a matará se a deixar aqui e, depois, a mãe dela ficará muito triste. Vem, pobre verme, quero ajudar-te. Por isso, sê paciente e não me assustes.

Então Nelly pôs o seu pequeno lenço no chão, com um pau levantou gentilmente a cobra ferida, pousou-a sobre ele, dobrou as extremidades, e colocou-a na ambulância. Ficou muito pensativa depois disso, e estava tão ocupada com pensamentos confusos sobre o dever de amar aqueles que nos odeiam e ser gentil com aqueles que são desagradáveis ou cruéis, que atravessou o bosque completamente esquecida do seu trabalho. Um suave “piu-piu!” fê-la levantar o olhar e ouvir atentamente. O som vinha de um tufo de erva, e, afastando-o cuidadosamente, encontrou um pássaro ainda jovem, com uma asa a arrastar no chão e olhos fracos de dor ou de fome.

– Oh, minha coisinha amorosa, caíste do ninho e magoaste a asa? – exclamou Nelly, olhando para a única árvore que estava perto. Não conseguia ver nenhum ninho, nem progenitores a pairar no ar, e o pequeno Robin conseguia apenas contar os seus problemas com aquele triste “piu, piu, piu!”

Nelly apressou-se em trazer ambas as caixas e, sentando-se junto ao passarinho, tentou alimentá-lo. Para grande alegria sua, comeu migalha atrás de migalha, como se estivesse faminto e, pouco depois, esvoaçou para mais perto dela com uma intrepidez confiante que a deixou muito orgulhosa. Dentro em pouco o bebé Robin parecia bastante confortável, os seus olhos brilhavam, já não piava e, não fora a asa descaída, teria recuperado a sua forma. Com uma das ligaduras, Nelly ligou ambas as asas junto ao corpo com receio de que ele pudesse magoar-se ao tentar voar e, embora parecesse admirado com o seu procedimento, portou-se muito bem, olhando apenas para ela e despenteando as suas poucas penas de forma tão engraçada que a fez rir. Depois, Nelly teve de pensar numa maneira de conseguir acomodar os seus dois pacientes de maior porte para que nenhum deles magoasse ou assustasse o outro. Teve uma ideia brilhante depois de muito ponderar. Levantando cuidadosamente o lenço, prendeu as duas pontas à cobertura do carrinho e a pequena Língua-de-Garfo ficou ali a balouçar enquanto Rob ficava calmamente por baixo.

Por esta altura, Nelly começava a questionar-se porque teria encontrado naquele dia, mais do que nunca, tantas criaturas feridas. Mas, na sua inocência, nunca pensaria que Tony havia percorrido o bosque e o prado antes que ela tivesse acordado e colocado a maior parte destas criaturas no seu caminho para que ela não ficasse desapontada. Ainda acreditava em fadas e, por isso, imaginava que também elas pertenciam à sua irmandade e, naquele momento, parecia impossível duvidar do trabalho desses seres benevolentes.

Ao chegar à ponte que atravessava o ribeiro, Nelly parou um momento para observar a água a ondular sobre os seixos brilhantes, os fetos a inclinarem-se para beber e os girinos engraçados a brincar em recantos silenciosos, onde o sol brilhava e as libélulas balançavam entre os juncos. Quando Nelly se virou para continuar, arregalou os seus olhos azuis e o puxador da ambulância caiu de forma tão ruidosa que um sapo gordo saltou apressadamente para dentro de água. No meio da ponte havia uma bonita tenda verde, feita de duas folhas compridas de bardana. Os caules estavam agarrados às fendas entre as placas, as folhas estavam presas com um espinho, e um enorme botão-de-ouro tombava à porta como uma sentinela sonolenta. Nelly olhou e sorriu, escutou e lançou um olhar em volta. Via apenas o prado tranquilo e o bosque sombrio, e ouvia apenas o murmúrio do ribeiro e a música alegre dos rouxinóis.

– Sim – sussurrou Nelly, – aquela é uma tenda encantada e lá dentro pode estar um duende bebé com tosse convulsa ou escarlatina. Como seria maravilhoso se eu pudesse cuidar de uma coisinha tão delicada.

Inclinando-se ansiosamente, espreitou sobre a cabeça sonolenta do botão-de-ouro e viu o que parecia ser um pequeno monte de feno. Não teve tempo de ficar desapontada, pois viu o feno a mexer e, olhando mais de perto, viu duas criaturinhas prateadas, abanando as pequenas caudas e espreguiçando-se como se tivessem acabado de acordar. Nelly sabia que eram pequenos ratos do campo e ficou extasiada, sentindo-se bastante aliviada por nenhuma fada ter aparecido, embora ainda acreditasse que elas tinham alguma coisa a ver com o assunto.

– Vou chamar-lhes Hansel e Gretel, por estarem perdidos – disse Nelly, enquanto os deitava na caminha mais confortável, onde se aninharam bem juntinhos e adormeceram novamente.

Ansiosa por chegar a casa para contar as suas aventuras e provar o quão necessária era uma Comissão Sanitária naquela área, Nelly marchou orgulhosamente pela alameda e, depois de ter exibido o seu carregamento, apressou-se em direção ao hospital, onde outro candidato aos seus cuidados a aguardava. No degrau junto à porta estava uma tartaruga grande com uma unha arrancada e um papel colado à carapaça com o seu nome – Comodoro Waddle, Marinha dos E.U. Nelly sabia que se tratava de uma partida de Will, mas deu as boas-vindas ao antigo marinheiro e chamou Tony para a ajudar a levá-lo para dentro.

Durante toda a manhã estiveram muito ocupados a instalar os recém-chegados e tiveram de consultar várias pessoas e livros antes de decidirem qual a melhor dieta e tratamento para cada um deles. O pequeno contrabando com asas levou à letra as palavras de Nelly e voou durante o caminho até casa. O pequeno Rob foi colocado numa gaiola grande onde pudesse usar as suas perninhas mas não magoar a asa ferida. A Língua-de-Garfo ficou sob uma cobertura de arame, deitada em ramos de funcho, pois o jardineiro disse que as cobras gostavam disso. Hansel e Gretel foram colocados num dos cestos de verga, sob uma colcha de algodão. Verdinho, o besouro, encontrou alívio para as suas dores desconhecidas num botão de rosa, onde apanhava sol durante todo o dia. O Comodoro estava felicíssimo numa banheira com água, erva e pedras, e o Sr. Peludo foi colocado numa caixa de vidro bem ventilada para se decidir se se transformaria num casulo ou não.

Tony não estivera desocupado enquanto a sua jovem senhora se ausentou e mostrou-lhe o jardim do hospital que tinha arranjado ali perto, onde havia couves, urtigas e resedas para as borboletas, ervas de floração para as abelhas, morrião e cânhamo para os pássaros, nêveda para os gatos e muito espaço livre para o que quer que outros pacientes pudessem precisar. Durante a tarde, enquanto Nelly preparava parches de linho, conversando com Will enquanto trabalhava, e interessando-o nos seus assuntos, Tony limpou um local bonito no bosque para que servisse de cemitério, e preparou alguns pedaços de ardósia onde pudesse escrever os nomes daqueles que sucumbissem. Mal tinha terminado quando foram precisas duas pequenas sepulturas, e a Enfermeira Nelly derramou lágrimas de ternura pelas suas primeiras perdas enquanto colocava os ratinhos órfãos num buraco liso e o rebelde de casaco cinzento noutra. Já tinha aprendido a cuidar dele e, quando o encontrou morto, sentiu-se muito feliz por ter sido gentil para com ele, esperando que ele se tivesse apercebido e morrido mais feliz no seu hospital do que sozinho no bosque sombrio.

Os restantes pacientes de Nelly prosperaram e, dos muitos que surgiram depois, poucos sucumbiram, graças ao tratamento competente de Tony e aos seus próprios cuidados fiéis. Todas as manhãs, quando o dia estava ameno, a ambulância saía na sua missão de beneficência; todas as tardes Nelly trabalhava para os sofredores humanos que ela tanto amava; e todas as noites o irmão Will lia-lhe livros úteis, mostrava-lhe maravilhas com o seu microscópio, ou receitava remédios aos pacientes, que ele rapidamente conhecia pelo nome e pelos quais mostrava muito interesse. Assim foram as férias de Nelly. Embora não tenha estudado as lições da escola, aprendeu muito e, inconscientemente, fez da sua bonita brincadeira um exemplo e uma lição para os outros.

No início, parecia uma brincadeira de crianças e as pessoas riam-se. Mas havia algo de familiar nas palavras “sanitária”, “hospital” e “ambulância” que as tornavam agradáveis ao ouvido. À medida que as notícias sobre o trabalho de Nelly se espalhavam pela vizinhança, outras crianças começaram a imitá-la. Rapazes rudes sentiam-se envergonhados quando viam na

enfermaria do hospital criaturas inofensivas que tinham sido feridas por eles e, ao sair, diziam entre eles: – Não voltaremos a mandar pedras aos pássaros, nem a perseguir borboletas, nem a afogar os gatinhos das meninas, embora não lhes digamos isso. – E a maioria dos rapazes manteve-se tão fiel à sua palavra que as pessoas diziam que nunca antes houvera tantos pássaros nos campos e na floresta como naquele verão. Companheiros de brincadeira traziam os seus animais de estimação para serem curados; até os pais atarefados tinham uma palavra amiga para com a pequena instituição de caridade, que lhes trazia uma doce recordação daquela que nunca seria esquecida; mães solitárias, por vezes, observavam com lágrimas nos olhos a pequena ambulância que passava, recordando pensamentos ou filhos ausentes que se poderiam encontrar dolorosamente a caminho de um hospital distante, onde mulheres corajosas os aguardavam para cuidar deles com o mesmo desvelo e ternura que aquela criança tão dócil dedicava à sua missão.

Em casa o encanto também resultou. Não houve mais dias ociosos para Nelly, nem dias aborrecidos para Will, pois a irmãzinha mais nova não descurava as criaturas indefesas que tanto precisavam dela, e o irmão mais velho tinha vergonha de se queixar depois de ver a paciência destes pequenos sofredores, afirmando alegremente que tentaria suportar a sua dor tão silenciosa e corajosamente como o “Comodoro” suportava a sua. Nelly nunca se apercebeu do bem que fez ao Capitão Will até ele se ir novamente embora no início do outono. Então, ele agradeceu-lhe e, embora ela chorasse de alegria e de tristeza, nunca se esqueceu, pois ele deixou para trás algo que lhe trazia recordações agradáveis do duplo sucesso do seu pequeno hospital.

Quando Will partiu e ela terminou as suas preces ardentes para que Deus o mantivesse em segurança e o trouxesse de volta a casa, enxugou as lágrimas e foi encontrar conforto no lugar onde tinham passado tantas horas felizes. Ela não tinha estado lá antes nesse dia e, quando chegou à porta, ficou muito quieta e com vontade de chorar novamente, pois algo maravilhoso tinha acontecido. Pedira várias vezes a Will um lema para o hospital, e ele prometera encontrar-lhe um. Pensou que ele se tinha esquecido, mas mesmo na azáfama daquele dia agitado encontrara tempo para fazer mais do que manter a sua palavra, enquanto Nelly estava dentro de casa, carinhosamente polindo os botões manchados do casaco azul que tinha visto tantas batalhas.

No telhado, onde as pombas arrulhavam ao sol, erguia-se agora uma bandeira branca com as iniciais “C.S” brilhando sobre ela enquanto o vento a agitava. Abaixo, no painel liso da porta, um lápis hábil tinha desenhado dois fetos arqueados, em cuja sombra suave, sobre um cogumelo, estava uma pequena imagem da Enfermeira Nelly e, por baixo, outra do Dr. Tony a colocar medicamentos em frascos, com uns óculos sobre o nariz. Ambas as mãos da Nelly em miniatura estavam estendidas, como se estivessem acenando a um comboio de insetos, pássaros e demais animais, tão comprido que não só dava a volta à parte inferior deste desenho tão bem feito, como diminuía na distância até ficar reduzido a meros pontos e linhas. E que conceitos felizes se encontravam ali! Um rato a trazer a cauda que tinha perdido em alguma armadilha cruel, um escaravelho com uma sombra sobre os olhos, uma borboleta inválida transportada

numa maca minúscula por aranhas de pernas longas, um sapo gordo, com artrites, pulando apoiado em muletas, Jenny Wren soluçando sobre um lenço bonito, enquanto trazia o seu querido Cock Robin¹⁰ para que lhe fosse devolvida a vida. Coelhos, cordeiros, gatos, bezerros e tartarugas, marchavam em grupo para serem curados pela benevolente menina que os acolhia tão calorosamente.

Nelly riu-se destas criaturinhas até chorar, e pensou que nunca se cansaria de olhar para elas. Mas, naquele momento, viu quatro linhas escritas por baixo da sua imagem e o seu rosto infantil tornou-se sério enquanto lia as palavras de um grande poeta que Will tinha elogiado e transformado em lema:

Somente ora melhor quem sabe amar melhor
A tudo, grande e miúdo;
Pois o bondoso Deus, que tem amor por nós,
Ele fez e ama tudo.¹¹

¹⁰ N. T. Referência às rimas infantis “Courtship and Marriage of Cock Robin and Jenny Wren” e “Death and Burial of Poor Cock Robin”, de autor desconhecido, pertencentes ao folclore norte-americano.

¹¹ N.T. Excerto de *The Rime of the Ancient Mariner*, poema na forma de balada tradicional inglesa, da autoria de Samuel Taylor Coleridge, traduzido por Paulo Vizioli (1995).

Capítulo IV- Opções tomadas no processo tradutório: reflexões e comentários

A qualquer tradução literária subjaz sempre a luta entre *fidelidade e liberdade*, conceitos relativos que não podem ser vistos isoladamente dos contextos que os abrigam. É disso que falam os diferentes autores ao analisarem diferentes teorias e correntes de estudos de tradução. E podemos aqui apontar algumas perguntas feitas, ao longo dos tempos, pelos teóricos da tradução: deve uma tradução ler-se como uma obra original, ou ostensivamente como uma obra traduzida? Deve uma tradução reproduzir o estilo do seu autor, ou deixar transparecer o estilo do seu tradutor? Deve uma tradução dar a impressão de ser uma obra da época do seu autor, ou da época do seu tradutor?

Não obstante o arsenal teórico de que dispomos, perguntamo-nos, com certa angústia, qual ou quais os caminhos a seguir no processo tradutório, a fim de obter os melhores resultados, o que nos leva a concluir que a teoria não dita, de forma absoluta, a prática, nem o processo ocorre no sentido inverso. De qualquer modo, o tradutor é instado a decidir sobre os procedimentos a utilizar, uma vez que não existe uma prática geral e invariável: os mecanismos definem-se em função do texto a traduzir e das suas especificidades.

Apresentam-se de seguida alguns comentários sobre a tradução dos contos selecionados, em que revelamos as dificuldades sentidas ao longo do processo tradutório e justificamos as opções tomadas, tentando demonstrar de que modo as teorias e procedimentos apresentados na secção anterior foram postos em prática.

4.1. – Questões lexicais e sintáticas

As assimetrias entre as línguas envolvidas no processo tradutório impossibilitam a correspondência total de palavras, expressões ou construções frásicas entre as mesmas, pois, como sustenta George Steiner (2002), “cada uma das línguas humanas traça do mundo um mapa diferente”(p.18). Assim, traduzir não se trata de “verter” diretamente para a língua de chegada um texto escrito numa outra língua, pois frequentemente o tradutor depara-se com termos que não estão inscritos no inventário lexical da língua de chegada, com significantes que têm um significado diferente no universo linguístico-cultural do destinatário, e com as idiosincrasias morfossintáticas e discursivas das

línguas envolvidas. Partimos, assim, do princípio de que a tradução literária não deve ser um trabalho de mero decalque, mas sim um trabalho de procura de correspondências e de ajustamentos, substituindo estruturas lexicais e sintáticas de modo a, não desvirtuando o texto de partida, ter em conta as convenções do sistema de chegada.

Ao longo deste processo tradutório procurámos evitar uma tradução demasiado literal, a chamada tradução “palavra por palavra”, buscando equivalentes que não ferissem o contexto nem o sentido expresso pela autora, e tendo sempre presentes as palavras de Horácio em *Ars Poetica*, um dos textos fundadores do discurso da tradução, no qual privilegia o sentido em detrimento da tradução literal: “Do not worry about rendering word for word, faithful translator, but render sense for sense.” (Lefevere, 1992a, p.15).

Foram frequentes os casos em que tivemos de recorrer à técnica da *transposição*, de acordo com os pressupostos de Vinay e Darbelnet, obrigatória muitas vezes devido à estrutura morfossintática da língua de chegada. Atentemos aos seguintes exemplos:

TP	TC
Nelly looked pleased and went on confidingly . (Nelly’s Hospital, Vol. II, p.65)	Nelly parecia satisfeita e continuou confiante . (p.94)
The sun set on all their cares , and twilight shed a peace upon them softer than the dew (...). (M.L., Vol. II, p.10)	O pôr do sol fazia desaparecer as suas preocupações , e o crepúsculo lançava sobre eles uma paz mais suave do que o orvalho (...). (p.44)

Ambos os exemplos denotam a necessidade de mudança de categorias gramaticais. No primeiro caso, o advérbio “confidingly” dá lugar a um adjetivo, pois a tradução literal “continuou confiantemente” não teria um resultado sonoro agradável na língua de chegada. Deste modo, optámos por associar o termo não à ação (“went on”), mas ao sujeito (Nelly), mantendo a mesma função intentada pelo texto original. No segundo exemplo, uma estrutura verbal no texto de partida é traduzida por um nome. A tradução literal teria um efeito de estranheza sobre o leitor, pois “O sol punha-se sobre todas as suas preocupações” não conseguiria transmitir o valor imagético do texto original e, ademais, traria alguma ambiguidade à informação que se pretende transmitir.

Resultante das divergências entre as formas de exprimir uma mesma ideia nas duas línguas envolvidas, o recurso à *modulação* pode ser exemplificado através das seguintes passagens:

TP	TC
Miss Hale did not “worry”, but worked, and in time a messenger was found , provided with the necessary money, pass and directions (...). (A Hospital Christmas, Vol. II, p.49)	Miss Hale não se “preocupou”, mas mexeu-se, e em pouco tempo encontrou um mensageiro a quem foi dado o dinheiro, a autorização e as indicações necessárias (...). (p.79)
Ben and the doctor perfectly understood and liked each other, but never agreed (...). (A Hospital Christmas, Vol. II, p.61)	Ben e o doutor entendiam-se na perfeição e gostavam um do outro, mas estavam sempre em desacordo (...). (p.90)

A utilização da voz passiva obedece a convenções distintas no inglês e no português, ocorrendo muito mais frequentemente naquela. No caso em discussão, a modulação surge na passagem de uma voz passiva para uma voz ativa, sendo que no contexto de chegada a ênfase recai sobre o sujeito da ação.

Na segunda passagem acima apresentada, a alteração frásica decorre da modulação e da transposição que levaram a traduzir “never” como “sempre” e a transformar o verbo “agreed” num nome, “desacordo”, uma categoria morfológica distinta da que se encontra no texto original. Estas transformações visam manter a harmonia do discurso e recriar um texto que se aproprie das convenções linguísticas aceites pelo contexto recetor.

Em outros momentos considerámos necessário submeter o texto original a um processo de naturalização e aplicámos a estratégia da *adaptação*, segundo os conceitos de Vinay e Darbelnet. Veja-se o original e respetiva tradução:

TP	TC
“You will oblige me, ma’am, by sitting in this chair with your hands folded for twenty minutes;” (A Hospital Christmas, Vol. II, p.63)	– Vai obedecer-me, sentando-se nesta cadeira durante vinte minutos de braços cruzados . (p.92)

Neste contexto, o apelo feito a Miss Hale é para que ela dê por terminada a sua tarefa e para que desfrute de alguns momentos de “ócio”. Ora, a imagem que o leitor do contexto de chegada associa a inatividade não é a mesma que é expressa pelo texto original, mas sim a imagem da personagem sentada de braços cruzados.

A utilização de idiomatismos que permitem à autora jogar com o significado atribuível ao todo e com o significado individual dos seus constituintes foi também motivo de profunda reflexão na procura de uma formulação que conseguisse o difícil equilíbrio entre o dizível e a manutenção do sentido transmitido pela autora.

TP	TC
He bounced over on his bed, the moment he caught her eye, but she followed him up, and gently covering the cold shoulder he evidently meant to show her , peeped over it, asking with unabated gentleness, (...). (A Hospital Christmas, Vol. II, pp.48-49)	Saltou sobre a cama no momento em que a viu a olhar para ele, querendo evidentemente mostrar-se indiferente , mas ela aproximou-se dele, e, cobrindo-o gentilmente, espreitou sobre o ombro , perguntando com uma gentileza inabalável (...). (p.79)

A tradução literal da expressão “cold shoulder” perderia, no contexto de chegada, todo o seu valor semântico, pois sendo esta uma expressão idiomática, o seu significado não pode ser deduzido do significado das suas partes. No entanto, a dificuldade agudiza-se pelo facto de a autora jogar simultaneamente com o sentido literal da palavra “shoulder”. Assim, foi necessário proceder a uma alteração na estrutura sintática no sentido de conseguir transmitir, da forma mais fiel possível, a imagem que a autora cria no texto original. É evidente que “cold shoulder” é utilizado aqui não apenas para criar no leitor a imagem da enfermeira atenta que cobre o ombro do paciente, mas também para sugerir a indiferença que o mesmo paciente se esforça por demonstrar. Este é um jogo linguístico que se perde inevitavelmente no texto de chegada. O facto é que não existe um método universal e único que permita ao tradutor enfrentar o problema de perda na tradução, como é o caso. Nesta, como em outras situações ao longo da obra, poder-se-á afirmar que:

[t]ranslation never communicates in an untroubled fashion because the translator negotiates the linguistic and cultural differences of the foreign text by reducing them and supplying another set of differences, basically domestic, drawn from the receiving language and culture to enable the foreign to be received there. (Venuti, 2000, p.468).

A hábil utilização das palavras pela autora é também visível pelo uso de termos dialetais que conferem ao texto original o coloquialismo e a vivacidade características do seu estilo.

TP	TC
Unlike his predecessor (...) shut himself into his pantry, and there, – to borrow a hospital phrase – gormed , Ben often left nothing for himself (...). (A Hospital Christmas, Vol. II, p.52)	Ao contrário do seu antecessor (...) que se fechava na sua despensa e aí se empanturrava , Ben, frequentemente, não guardava nada para si (...). (p.82)
“Dere ain’t no vegetables but squash and pitaters .” (A Hospital Christmas, Vol. II, p.53)	– Não há nenhuns vegetais a não ser abóbora e batatas . (p.83)
“Fling a piller at him and shut the door, Ben.”	– Atira-lhe com uma almofada e fecha-lhe a

(A Hospital Christmas, Vol. II, p.53)	porta, Ben. (p.83)
“Dere isn’t but two turkeys for dis ward, and they’s little fellers .” (A Hospital Christmas, Vol. II, p.53)	– Só há dois perus para esta enfermaria, e são pequenotes . (p.83)

A utilização do termo “gormed”, uma variante de “gaum”, e que segundo o *Collins Dictionary* significa “to smear (a sticky substance) on an object”, permite à autora jogar com o significado da palavra. Na tradução para português perdeu-se qualquer semelhança com qualquer termo utilizado em meio hospitalar, pelo que se omitiu essa referência, mas tentámos manter-nos fiéis ao sentido transmitido pela autora e procurámos encontrar na língua de chegada um registo que se aproximasse do utilizado no texto original. Assim, numa tentativa de manter a carga conotativa e de não desvirtuar o sentido do texto original, o termo “empanturrava” afigurou-se como o mais apropriado para o contexto e para a manutenção da imagem visual que se pretende recriar no leitor.

Já a conjugação não normativa “ain’t” e “isn’t”, a utilização dos termos “pitaters”, “pillers” e “fellers”, são apenas alguns dos imensos exemplos que refletem a sensibilidade da autora para a variedade linguística e a tentativa de recriar no seu texto o sotaque, a cadência dos diferentes linguajares regionais e dialetos, num estilo em que todas as convenções do inglês padrão são jogadas aos quatro ventos. Os problemas tradutórios daí resultantes tornam-se ainda mais prementes na tradução do inglês não-padrão afro-americano, que adiante será alvo de reflexão e justificação alargada. No entanto, inevitavelmente, perdemos no processo tradutório a forma como a autora empregou a heterogeneidade linguística a favor da caracterização das personagens, pois não existe no contexto de chegada uma variação linguística equivalente. Optámos, assim, por utilizar no texto de chegada um registo informal através do emprego de elementos lexicais e gramaticais da linguagem coloquial como forma de representação da oralidade.

Encontrar um equivalente na língua de chegada para um item lexical da língua de partida não é uma prática trivial. No caso do termo “quadroon” deparamo-nos com a inexistência de uma equivalência lexical. De acordo com a definição proposta pelo *Oxford Advanced Learner’s Dictionary*, “quadroon” é um termo que designa “a person who is one-quarter black by descent.” O conceito evocado pelo termo é representativo da alteridade cultural, sendo que aquilo que é simples e óbvio para os leitores do texto de partida se torna complexo e insólito para o leitor do contexto de chegada. Estamos,

assim, perante um conceito culturalmente determinado, o que corrobora a forte relação que existe entre língua e identidade cultural, pelo que compete ao tradutor decifrar o sentido do termo utilizado e torná-lo perceptível ao leitor do contexto de chegada. No caso em apreço, essa impossibilidade de tradução linguística levou-nos a fazer uso de uma paráfrase inteligível ao leitor português:

TP	TC
He was more quadroon than mulatto. (The Brothers, Vol. II, p.29)	Nas veias corria-lhe mais sangue branco do que negro. (p.61)

Esta opção não priva irremediavelmente o leitor deste elemento fundamental da caracterização da personagem, indo ao encontro da intenção do texto original. Registe-se que as palavras não podem ser dissociadas do contexto em que surgem e, por isso, no processo tradutório, a mesma palavra poderá levar o tradutor a optar por soluções distintas. No contexto que a seguir se apresenta, a palavra “quadroon” foi traduzida por “mestiça”, pois no discurso de Paul Frere não é primordial o leitor entender que a sua mãe tem um quarto de sangue negro, mas sim dar conta da relação inter-racial de que é fruto:

TP	TC
“My father – God forgive him – was a Cuban planter, my mother a beautiful Quadroon (...)” (M.L., Vol. II, p.15)	– O meu pai – Deus lhe perdoe – era um plantador cubano, a minha mãe uma bonita mestiça (...). (p.49)

Já na expressão que a seguir se apresenta, traduzir literalmente produziria um efeito não intentado pelo texto original:

TP	TC
I swore I’d whip the devil out of her , and I did; (The Brothers, Vol. II, p.33)	Jurei que a chicoteava até a deixar em carne viva , e assim fiz; (p.65)

Consideramos que é necessário, neste caso, abandonar a literalidade lexical e sintática em prol de uma adequação ao contexto de chegada. Na realidade, esta infidelidade traduz-se num ato de fidelidade, na medida em que a língua portuguesa oferece possibilidades equivalentes para a expressão em apreço que permitem manter a imagem de violência intentada no texto de partida sem repetir exatamente a mesma expressão.

4.2. – Questão dialetal: African American English

No conto “The Brothers” confrontamo-nos com a utilização de um registo bastante peculiar, que apresenta marcas de uma determinada comunidade. Nele, temos o uso do *Ebonics*, também conhecido como *African American*, o que representa um grande desafio para o tradutor. Como traduzir? O que fazer com os desvios das regras do *Standard English*? O impasse está em como resolver essa questão na língua de chegada, sabendo que o *African American English* é um fenómeno bastante localizado na sociedade americana, e que não existe um correspondente direto no português ou um dialeto comparável culturalmente com todas as funções ou conotações do afro-americano. Atentemos aos seguintes exemplos:

TP	TC
“I isn’t a white man, Missis. I’s a contraband.” (Vol. II, p.30)	– Não sou um homem branco, Senhora. Sou um contrabando. (p.62)
“It don’t matter, Missis. I’d rather be up here with the fever than down with those niggers ; and there isn’t no other place fer me.” (Vol. II, p.30)	– Não importa , Senhora. Prefiro estar aqui em cima com a febre do que lá em baixo com aqueles pretos ; e não há mais nenhum lugar pra mim. (p.63)
“Lord, Missis, that’s nothing; (...) and I warn’t goin’ to leave him to be tormented by them cussed Rebs. (Vol. II, p.43)	– Céus, Senhora, isso não é nada; (...) e não ia deixá-lo pra continuar a ser atormentado por aqueles malditos Rebeldes. (p.74)

A utilização da dupla negativa, o pronome “them” usado em lugar do pronome demonstrativo “those” da norma culta, o uso da conjugação “is” ou “warn’t” do verbo *to be* após pronomes ou nomes que, segundo a norma culta, exigiriam a forma verbal “are” ou “weren’t”, são elementos marcantes de uma variação do inglês padrão. Quando este envolve estruturas gramaticais distintivas, foi utilizado no texto traduzido o padrão da língua portuguesa formal, pela impossibilidade de encontrar na cultura de chegada um registo que expresse as peculiaridades linguísticas do texto de partida. Estamos aqui, de acordo com a terminologia proposta por Toury, no polo da *aceitabilidade*, por não haver no sistema sociolinguístico português uma tão flagrante identificação entre estrato social/racial e realização linguística gramaticalmente incorreta como existe no sistema inglês. No entanto, sempre que possível, foram adotadas expressões coloquiais ou informais de modo a aproximar mais o texto de chegada ao texto de partida, como, por exemplo, no excerto “não há mais nenhum lugar”, em que se manteve a dupla negativa,

ou na utilização da preposição “pra”, forma contraída de “para”, com o intuito de dar ao texto de chegada o tom coloquial que caracteriza o texto de partida.

4.3. – Referências culturais e de época

O tradutor nunca pode dissociar o elemento linguístico do cultural, pois “uma língua não pode existir se não estiver inserida no contexto de uma cultura e uma cultura não pode existir se não tiver no seu centro a estrutura de uma língua natural” (Lotman & Uspensky, citado por Bassnett, 2003, p.36). Hoje em dia, língua e cultura são vistas como intrinsecamente ligadas, o que levanta questões sobre o posicionamento que o tradutor deve tomar: fiel ao texto de partida ou próximo do público-alvo?

A tradução de aspetos culturais é de extrema complexidade, pois das escolhas que o tradutor faz depende não só a significação dada ao elemento cultural pelo leitor do texto de chegada, mas também a transmissão adequada da mensagem intencionada pelo autor. Perante uma referência cultural, o tradutor terá duas possibilidades diante de si: conservar o aspeto estrangeiro ou encontrar na cultura de chegada uma referência que possa substituir o elemento da cultura de partida. Cabe ao tradutor lidar com as assimetrias culturais, com esses “espaços intersticiais”, procurando encontrar uma posição de equilíbrio no seu papel de mediador linguístico e cultural.

Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos ilustrativos das dificuldades apresentadas na tradução de referências culturais presentes no *corpus* selecionado. Iniciamos esta análise com a referência a “The Babes in the Wood”, uma balada inglesa publicada por Thomas Millington em 1595, no conto “Nelly’s Hospital”. Esta balada conta a história de duas crianças que ficam órfãs e são adotadas por um tio avaro que, para se livrar delas, ordena a dois bandidos que as levem para a floresta, onde deverão assassiná-las. Um dos malfeitores deixa-se levar pela piedade, mata o companheiro e abandona as crianças na floresta, mas estas, incapazes de se alimentar, acabam por morrer de fome e de frio. Os piscos-de-peito-ruivo cobrem de folhas os seus corpos. Este conto infantil, amplamente conhecido no mundo anglófono, contém alusões implícitas para o leitor do texto de partida que não pertencem ao âmbito do conhecimento compartilhado pelo leitor do texto de chegada. Manter esta referência significaria manter o seu significado desconhecido ou obscuro para o leitor do texto de chegada, o que nos levou a tentar encontrar um equivalente cultural que permitisse transmitir o sentido referencial que “The Babes in the Wood” encerra. Deste modo,

optou-se por fazer referência a “Hansel e Gretel”, um conto de fadas compilado pelos irmãos Grimm e amplamente conhecido no mundo inteiro, que contém elementos comuns ao conto referido no texto de partida: a dupla irmão-irmã e o abandono na floresta.

Como lembra Venuti (1998), a *estrangeirização* por completo dos aspetos culturais pode impedir a compreensão por parte do leitor do texto de chegada, o que acabaria por ser ainda uma perda maior dos elementos culturais. Mas as traduções também podem refletir os estrangeirismos sem se tornarem inteiramente *domésticas*, isto é, sem apagarem as referências culturais estrangeiras, garantindo o estranhamento do texto. Exemplo desta opção é a manutenção no conto “Nelly’s Hospital” da referência às rimas infantis “Courtship and Marriage of Cock Robin and Jenny Wren” e “Death and Burial of Poor Cock Robin”, de autor desconhecido, pertencentes ao folclore norte-americano. O primeiro poema conta a história do casamento entre o galante Cock Robin e Jenny Wren, que terminou tragicamente com a morte do noivo; o segundo poema, de estrutura elegíaca, versa sobre quem irá ocupar os papéis no cortejo fúnebre, no qual os vários animais ocupam os seus postos. A alusão a Jenny Wren e Cock Robin no conto em questão, além de evidenciar o seu caráter infanto-juvenil, transporta o leitor para o mundo das tradições do contexto de partida, sendo que não existe no contexto cultural de chegada um correspondente com a mesma carga simbólica. Neste caso, decorrente das condicionantes do contexto de chegada, o *empréstimo*, na aceção de Vinay e Darbelnet, é praticamente inevitável já que não existe no mesmo um equivalente.

Ainda no conto “Nelly’s Hospital”, a tradução do termo “bobolink” mereceu uma atenção especial. Este termo designa uma espécie de aves nativa da América do Norte e inexistente no território português. Conquanto exista um termo equivalente em língua portuguesa, “triste-pia”, pois esta espécie migra até sul para países como o Brasil, Paraguai e Argentina, para o recetor português estamos a falar de uma realidade distante, que dificilmente seria descodificada sem uma pesquisa extratextual. Tendo o texto de partida sido escrito num contexto espacial distinto daquele do recetor do texto de chegada, é natural que contenha referências que remetem para o contexto de partida e que são naturalmente identificadas e descodificadas pelo leitor desse texto. Cabe ao tradutor estar atento à presença destes dados e compete-lhe gerir a diferença de conhecimentos entre o leitor do texto de partida e o leitor do texto de chegada. Confirmada a inexistência da ave canora referida no texto de partida no contexto de

chegada, cumpre-nos encontrar uma solução que não desvirtue a mensagem do texto de partida, mas que seja acessível ao leitor do texto de chegada. A referência ao melodioso canto do rouxinol, tantas vezes evocado na literatura mundial, surgiu então como a solução tradutória mais viável, adaptando-se, assim, ao contexto cultural do leitor do texto de chegada:

TP	TC
(...) nothing was heard but the babble of the brook and the cheery music of the bobolinks . (Nelly's Hospital, Vol. II, p.74)	(...) e ouvia apenas o murmúrio do ribeiro e a música alegre dos rouxinóis . (p.102)

As questões surgidas no momento de traduzir o termo “dinner” são um exemplo inequívoco de que a língua e cultura não existem dissociadas. Um olhar isolado sobre esta palavra levar-nos-ia a encontrar na língua de chegada o equivalente direto no termo “jantar”. No entanto, como referido anteriormente, as palavras não podem ser retiradas do contexto sociolinguístico e temporal em que são utilizadas. Na época em que o texto original foi escrito, os horários das refeições eram distintos dos atuais: chamava-se “dinner” à refeição servida entre o meio-dia e a uma da tarde e “supper” à refeição ligeira que era servida ao início da noite. O avanço progressivo dos horários primordiais arrastou consigo as denominações registadas em épocas anteriores. Deste modo, o almoço passou a ter lugar entre o meio-dia e a uma hora da tarde, o jantar aproximou-se das oito, atirou a ceia para horas tardias e ditou que a mesma se tornasse facultativa.

Quando o tradutor se atém, em demasia, ao texto original, especialmente quando há uma distância espaço-temporal tão evidente quanto a que existe entre o texto em questão e a respetiva tradução, poderá incorrer no risco de não transmitir ao leitor a informação que seja para este perceptível. O leitor atual consideraria estranha a denominação de “jantar” para uma refeição cuja designação usual na sua época é de “almoço”. Assim, sentiu-se a necessidade recorrer ao procedimento cunhado por Vinay e Darbelnet como *adaptação*, numa tentativa de lidar com diferenças específicas entre os contextos do texto de partida e do texto de chegada, traduzindo “dinner” como “almoço” ao longo do conto “A Hospital Christmas”, e procurando uma adequação do texto à situação de chegada. A adaptação realizada, de cariz cultural, visa alcançar a naturalidade entre o texto de chegada e o seu leitor.

Como é do conhecimento geral, existem diferenças entre os sistemas de unidade europeus e dos Estados Unidos, já que os primeiros utilizam o sistema métrico internacional e os segundos empregam as unidades imperiais. Assim, quando nos

deparamos com a confrontação de padrões diferentes de medidas, a opção mais natural é a sua conversão, de modo a que o texto traduzido se aproxime tanto quanto possível da realidade linguística e cultural dos leitores de chegada. Atente-se aos seguintes exemplos, em que a medida “feet” foi convertida em “metros”, e “inch” em “centímetros”:

TP	TC
A brawny, six-foot fellow(...). (A Hospital Christmas, Vol. II, p.52)	Um indivíduo forte, com cerca de um metro e oitenta de altura (...). (p.82)
“No, Missis, yer can’t stir an inch . Look here!” (The Brothers, Vol. II, p.34)	– Não, Senhora, não pode mover-se nem um centímetro . Olhe para aqui! (p.66)

A gastronomia é um dos elementos centrais na caracterização de um povo. Existem comidas típicas que são conhecidas no mundo inteiro como específicas de uma determinada cultura e como elemento característico da sua identidade cultural. No processo tradutório apresenta-se o desafio para os tradutores, obrigados a lidar com especificidades e inequivalências, quando existem barreiras culturais entre os contextos de partida e de chegada.

A tradução de “mince-pie” no conto “A Hospital Christmas” levantou muitas questões e suscitou alguma reflexão em torno das várias hipóteses de tradução. Sendo este um aspeto culinário específico do contexto de partida, haveria a possibilidade de optar pelo empréstimo do termo no texto de chegada, mas uma problemática se levantava de imediato: a associação usual do termo “mince” a carne picada poderia conduzir o leitor a uma perceção errada e a uma imagem distorcida da iguaria em questão. Poderia ainda ter-se optado pelo empréstimo e uma explicitação em nota de rodapé sobre os ingredientes utilizados. No entanto, houve um esforço em evitar a utilização de vários empréstimos que exigissem a sua explicitação a fim de permitir uma leitura mais fluída na língua de chegada. Visto não se tratar da tradução de um livro de culinária, consideramos irrelevante detalhar os ingredientes desta especialidade gastronómica, sendo que se optou por adaptar o termo “mince-pie” ao contexto de chegada através da sua tradução para “tarte de frutas e especiarias”. Pese embora se tenham perdido características específicas da iguaria em questão, o seu valor funcional no texto mantém-se, sendo esta tradução naturalmente aceite pelo leitor do contexto de chegada.

Os exemplos acima descritos vêm atestar a complexidade da tradução de aspetos culturais, sendo que a indissociabilidade entre o elemento linguístico e o cultural

obrigam o tradutor a caminhar por essas duas faces. A tradução não se limita à significação como a encontramos no dicionário, antes tem de descodificar os sentidos culturalmente construídos.

4.4. – Nomes Próprios e formas de tratamento

Uma questão com que frequentemente o tradutor se debate no decurso do processo tradutório prende-se com a manutenção, ou não, dos nomes das personagens, optando pela estratégia da *domesticação* ou *estrangeirização* do texto traduzido (cf. Venuti, 1995). Assim, o tradutor pode manter o nome original no texto de chegada, colocando ênfase no texto de partida e “estrangeirizando” a tradução, ou utilizar o nome equivalente na língua de chegada, “domesticando” o texto de partida e integrando o mesmo na cultura de chegada.

Nos contos aqui traduzidos, optou-se pela manutenção dos nomes próprios na sua forma original, pois, atendendo ao facto de que a ação é enquadrada num contexto geográfico, histórico e cultural específico, eles servem o propósito claro de identificação de uma nacionalidade. De facto, trata-se de transferir para a tradução a ambiência e o tom do original de que, naturalmente, fazem parte os nomes das personagens, sendo que nos dissociamos aqui, claramente, de uma tendência de “aculturação”, pois o texto traduzido procura manter clara a sua qualidade de tradução, sem pretender dissimular a presença de elementos culturais externos. A mesma justificação aplica-se aos topónimos, que nesta tradução foram mantidos inalterados face ao texto de partida.

No conto “Nelly’s Hospital” optou-se, no entanto, por um certo hibridismo no que respeita à tradução de nomes. Nelly atribui aos seus pacientes nomes que refletem uma característica dominante que marca a sua personalidade ou aspeto físico. Considerando tal especificidade, optou-se por traduzir o significado subjacente ao nome, sendo que “Pompey” foi traduzido por “Pompeu”, “Mr. Fuzz”, “Greenback” e “Forked tongue”, nomes que claramente são designativos de certos traços físicos dos pacientes encontrados por Nelly, foram traduzidos respetivamente como “Sr. Peludo”, “Verdinho” e “Língua-de-Garfo”. Tendo presentes os conceitos de *aceitabilidade* e *adequação*, cunhados por Toury, ou de *domesticação* e *estrangeirização*, de acordo com a nomenclatura de Venuti, a proposta de tradução aqui apresentada jogou com o valor referencial dos nomes utilizados no texto de partida, sendo que optámos por uma combinação de procedimentos.

Ressalva-se aqui que também as fórmulas de cortesia “Mr.”, “Mrs.” e “Miss” presentes no texto original foram mantidas no texto traduzido, sendo que, estando, na sua maioria, imediatamente antepostas ao nome da personagem, a tradução das mesmas traria alguma dissonância quando associadas ao nome. Desta forma, numa tentativa de não desunir os axiônimos dos nomes próprios, foram mantidas as designações de Miss Dane, Miss Hale, Mrs. Snowden, Mrs. Burton, entre outras. Ademais, estas são formas de tratamento sobejamente entendíveis pelo público-alvo.

No conto “Nelly’s Hospital”, Tony dirige-se frequentemente a Nelly utilizando o termo “miss” que, na ausência do nome próprio, assume a função de tratamento de deferência. Nesta circunstância, em que duas crianças têm claramente uma posição social distinta, optou-se pela tradução por “menina”. Veja-se a seguinte passagem:

TP	TC
“Just wait a bit and let me take the lead, miss. ” (Nelly’s Hospital, Vol. II, p.66)	– Espere um pouco e deixe-me assumir a liderança, menina. (p.95)

Também as expressões “Missis” e “ma’am”, utilizadas como forma de tratamento de deferência, foram traduzidas por “Senhora” e “minha senhora” respetivamente. A título de exemplo, no conto “The Brothers”, Robert dirige-se a Miss Dane utilizando sempre a expressão “Missis”, o mesmo acontecendo com o soldado que se encontra ao lado de Robert quando este se encontra mortalmente ferido:

TP	TC
“Laws, no, Missis ; they all own half-a-dozen Bobs (...).” (The Brothers, Vol. II, p.33)	– Céus, não, Senhora. Todos eles têm meia dúzia de Bobs (...). (p.65)
“I guess you know him, Missis? ” (The Brothers, Vol. II, p.43)	– Calculo que o conheça, Senhora? (p.74)

Esta forma de tratamento, que reflete o registo do escravo perante o seu senhor, encontrou equivalente no texto de chegada no termo “Senhora”, o que mantém o distanciamento sugerido no texto original.

No conto “A Hospital Christmas”, também os pacientes se dirigem frequentemente a Miss Hale utilizando a expressão “ma’am”, tendo-se mantido no texto traduzido um termo que expressa um tratamento respeitoso:

TP	TC
“It’s my bones, ma’am. They ache so I can’t lay easy any way (...).” (A Hospital Christmas, Vol. II, p.49)	– São os meus ossos, minha senhora. Doem-me tanto que não consigo estar deitado de maneira nenhuma (...). (p.80)

Outra questão que se coloca no processo tradutório está relacionada com o pronome “you”, que em inglês pode ser utilizado quer num contexto formal, quer informal. Nem o pronome, nem a forma verbal conjugada que lhe segue permitem distinguir os contextos, podendo corresponder em português à forma familiar da segunda pessoa do singular (tu), a uma forma de cortesia (você, o Sr., etc.), seguido do verbo conjugado na terceira pessoa do singular, à forma “vós”, seguido do verbo conjugado na segunda pessoa do plural, ou ainda à forma “vocês”, seguido do verbo conjugado na terceira pessoa do plural. O tradutor deve, então, discernir os contextos em que cada uma das formas se afigura a mais adequada, tendo em conta o contexto situacional e as normas sociolinguísticas que esses contextos implicam no contexto de chegada. A título de exemplo, nas passagens que a seguir se transcrevem, podemos verificar situações distintas em que a tradução do pronome pretendeu vincar uma relação de proximidade ou de distanciamento e conferir aos diálogos uma caráter verosímil e concordante com o contexto histórico, social e cultural da época:

TP	TC
“ You may, but tell me first where will you have your hospital?” (Nelly’s Hospital, Vol. II, p.66)	- Podes , mas diz-me primeiro onde será o teu hospital? (p.94)
Ah, you think I am a false prophet, but wait an hour and look again. (M.L., Vol. II, p.12)	- Ah, pensa que sou uma falsa profetisa, mas aguarde uma hora e olhe de novo. (p.47)

Assim, no que diz respeito às formas de tratamento entre personagens, alternou-se entre o tratamento formal e informal, conforme os casos e as relações que se estabeleciam entre as mesmas. Os diálogos estabelecidos entre Paul e Claudia mereceram especial atenção no que a este aspeto diz respeito. De facto, a relação que se desenvolve entre eles levar-nos-ia, numa primeira instância, a optar por uma forma de tratamento informal, sendo o pronome “tu” empregado como forma própria de intimidade. No entanto, vinculando o texto à época em que foi produzido, a opção recaiu sobre a utilização de um registo de tratamento mais formal (recorrendo ao sujeito nulo subentendido ou à explicitação do nome), comum na sociedade oitocentista, em estratos mais cultos:

TP	TC
“Now, Claudia (...) try my crime and adjudge my punishment.” (M.L., Vol. II, p.19)	- Agora, Claudia (...) julgue o meu crime e dite a minha sentença. (p.53)

I have not lost your love, – that was the blow I feared; (M.L., Vol. II, p.20)	Não perdi o seu amor, – esse era o golpe que temia; (p.54)
---	---

4.5. – Questão pronominal

Uma das questões recorrentes aquando da tradução para língua portuguesa é a possibilidade de se omitir o sujeito pronominal devido a uma flexão verbal rica presente na gramática portuguesa. Tal não acontece na língua inglesa, onde a flexão verbal é quase inexistente. Assim sendo, tendo apenas em atenção o texto original, o tradutor terminaria o seu trabalho de tradução com uma quantidade imensa de pronomes pessoais e possessivos que seriam, por norma, omitidos em português. Veja-se os seguintes exemplos:

TP	TC
“Claudia, you are the braver of the two! I should be stronger if I had much to give; but I am so poor, this weight of obligation robs me of my courage.” (M.L., Vol. II, p.22)	– Claudia, é a mais corajosa dos dois! Eu seria mais forte se tivesse muito para dar; mas sou tão pobre que este peso da obrigação tira- me a coragem. (p.56)
He pointed behind me with an aspect of such pale dismay, that I involuntarily glanced over my shoulder and started as if I had seen a veritable ghost; (The Brothers, Vol. II, p.33)	Apontou para trás de mim tão pálido de espanto, que, involuntariamente, olhei por cima do ombro e estremei como se tivesse visto um fantasma verdadeiro; (p.65)

De facto, o uso continuado de pronomes pessoais e de determinantes/ pronomes possessivos em inglês torna-se perfeitamente dispensável em português. Torna o texto desnecessariamente repetitivo e esteticamente desagradável.

4.6. – Expressões idiomáticas e metafóricas

Um outro desafio enfrentado prende-se com as expressões idiomáticas que pontuam os contos, e como revela Mona Baker (1992):

[t]he main problems that idiomatic and fixed expressions pose in translation relate to two main areas: the ability to recognize and interpret an idiom correctly; and the difficulties involved in rendering the various aspects of meaning that an idiom or a fixed expression conveys into the target language. (p.65)

De facto, a descodificação do significado destas expressões, analisando individual e literalmente os elementos que as constituem, é muitas vezes impossível, pois este não resulta do somatório dos significados das suas partes. As expressões idiomáticas são expressões cristalizadas, associadas a fatores extralinguísticos, de tradição cultural, e compete ao tradutor fazer passar para a língua de chegada o seu caráter metafórico.

Nos contos em questão existem expressões que, pela sua “opacidade”, se revelaram de mais difícil tradução. No entanto, outras expressões, por se encontrarem mais próximas de um correspondente direto na língua de chegada, foram de mais fácil descodificação.

TP	TC
“Only jes half ob the pies has come, gen’l’men.” That capped the climax (...). (A Hospital Christmas, Vol. II, p.53)	– Meus senhores, só chegaram metade das tartes. – Esta notícia foi a cereja no topo do bolo (...). (p.83)
“You know they give’em away; but I’ll be hanged if I do (...).”(A Hospital Christmas, Vol. II, p.57)	– Bem sabe que eles as dão; mas diabos me levem se o fizer (...). (p.87)
“He saw life through the bluest of blue spectacles (...).”(A Hospital Christmas, Vol. II, p.61)	Tinha uma visão muito negra da vida (...). (p.90)
(...) I will learn where Lucy is, and move heaven and earth to find her and give her back to you. (The Brothers, Vol. II, p.39)	(...) eu descobrirei onde está Lucy, e moverei montanhas para a encontrar e devolver-lha. (p.71)

Também a transferência de imagens metafóricas exigiu transformações no texto de chegada para que o valor semântico permanecesse inalterado e o leitor pudesse reconhecer nas expressões utilizadas o significado intencionado pela autora.

TP	TC
“(...) and if you ever care to descend from your Mont Blanc of cool indifference, I fancy this minstrel will repay you for the effort” (M.L., Vol. II, p.3)	– (...) e se alguma vez quiser descer do seu pedestal de calma indiferença, suponho que este trovador a recompensará pelo esforço. (p.37)

No exemplo acima apresentado, “Mont Blanc” tem claramente um sentido figurativo, sendo que não podemos aqui dissociar o signo linguístico do universo cultural. Mont Blanc é a mais alta montanha dos Alpes, mas é também o nome do famoso poema escrito por Percy Shelley, em 1816. Imprimindo ao discurso um registo erudito, Louisa M. Alcott pretende aqui transmitir a ideia de sentimento de superioridade da protagonista. A tradução literal seria estranha para o leitor e não

permitiria manter o sentido pretendido pela autora. Deste modo, a utilização do termo “pedestal” não alterou o valor figurativo do texto original, sendo que nos mantivemos fieis ao sentido transmitido pelo mesmo.

TP	TC
“My patience is used up, and they are a mean set of slow coaches. ” (A Hospital Christmas, Vol. II, p.49)	– A minha paciência esgotou-se, e eles são um bando de tartarugas. (p.79)

Nesta situação, com a tradução literal perder-se-ia o registo coloquial da língua e o texto de chegada causaria alguma estranheza ao leitor. “Slow coach” corresponde ao uso figurativo da expressão literal que se refere a uma carruagem lenta, sendo que corresponderá à utilização atual do termo “slowpoke”. Então, procurando manter a nuance do coloquialismo e imprimir a ideia de lentidão, utilizou-se a expressão “bando de tartarugas” no texto traduzido.

O eixo mais viável para a tradução, nestes casos, é, de acordo com Vinay e Darbelnet, o da tradução oblíqua, ou seja, aquela que utiliza recursos lexicais ou sintáticos diferentes dos utilizados no texto original. A *equivalência* constituiu-se, aqui, o procedimento mais adequado, uma vez que não se reproduzem literalmente as expressões utilizadas na língua de partida, mas utilizam-se outras que são funcionalmente equivalentes.

4.7. – Interjeições

As interjeições atuam como uma das formas de expressão da cultura do falante. Estas palavras ou locuções que exprimem atos ilocutórios expressivos diferem entre a língua de partida e a língua de chegada, sendo que na tarefa tradutória é importante, então, identificar o sentido da interjeição da língua de partida, para depois encontrar a sua correspondência na língua de chegada. De facto, as interjeições também podem ter um valor polissémico, pelo que a sua interpretação deve decorrer da análise do contexto em que ocorrem. Assim, a interjeição “hush!”, utilizada para impor silêncio, foi traduzida por “chiu!”; “Laws” encontrou correspondente semântico na interjeição “Céus”, para expressar espanto; “scat!”, utilizada para afugentar gatos foi traduzida como “sape”, expressão usualmente utilizada no contexto de chegada para esse efeito; “Hullo!”, expressão que representa surpresa, foi traduzida como “Olá!”; “hooray!”, utilizada como expressão de alegria, foi traduzida como “viva!”; a locução interjetiva

“damn him” foi traduzida por “maldito seja”; “Dear me”, como forma de expressão de aflição, encontrou o seu correspondente na expressão “Valha-me Deus!”.

Estes são alguns dos exemplos que espelham a necessidade de atentar ao sentido destas palavras ou expressões que conseguem condensar sentimentos e emoções, que conferem ao texto de Louisa M. Alcott o tom inconfundível de coloquialidade e que, não raras vezes, servem o propósito de indicar traços pessoais das personagens.

4.8. – Marcas gráficas do discurso direto

Os textos de Louisa M. Alcott são marcados pelo recurso frequente ao discurso direto, como forma de imprimir a vivacidade e naturalidade típicas da oralidade. No texto de partida deparamo-nos com o uso de aspas para marcar graficamente este discurso. No entanto, a construção dos diálogos na tradução foi realizada de acordo com as regras gramaticais da língua portuguesa, com a utilização do travessão e a mudança de parágrafo como marcas de introdução do discurso direto, sendo que houve necessidade de modificar a mancha gráfica do texto e reconstruir os parágrafos do texto original:

TP	TC
“What must we do first?” she asked, as they stood looking in the dim, dusty room, full of garden tools, bags of seeds old flower-pots, and watering cans. (Nelly’s Hospital, Vol. II, p.66)	– O que devemos fazer primeiro? – perguntou ela, enquanto olhavam para o espaço escuro e empoeirado, cheio de ferramentas de jardinagem, sacos de sementes, vasos velhos e regadores. (p.95)

Estes são apenas alguns exemplos da amplitude dos desafios que o texto de Louisa M. Alcott pode colocar ao tradutor. Haveria, por certo, outros parâmetros a considerar neste balanço de lucros e perdas na transposição de um texto de partida para outra língua. No entanto, optámos por apresentar uma seleção dos problemas que causaram maiores dificuldades à nossa tradução.

Esta árdua tarefa de “transportar” de uma língua para a outra um texto literário vem comprovar que as palavras podem estar definidas no dicionário, e até mesmo traduzidas, porém nunca ocorrem num vazio contextual e é tarefa do tradutor analisar as suas opções, “revisitar” obras de outros autores da época, confrontar contextos em que ocorreram, enfim, realizar todo um trabalho de pesquisa e estudo que lhe permitam ir ao

encontro das intenções do autor e dar a conhecer ao leitor um Outro cultural diferente do seu. Como Umberto Eco explica:

Traduzir significa sempre «limar» algumas das consequências que o termo original implicava. Neste sentido, ao traduzir, nunca se diz a mesma coisa. A interpretação que antecede todas as traduções tem de estabelecer quantas e quais das possíveis consequências ilativas que o termo sugere poderão ser limadas. Sem nunca se ter completamente a certeza de não ter perdido um reflexo ultravioleta, ou uma ilusão infravermelha. (Eco, 2005, p.95)

Considerações Finais

Translation serves to remind us that there is no absolute meaning, no uncontested original. The act of translating is dynamic, bringing texts together in a play of multiple meanings. (Bassnett, 1996, p.11).

Na fase final deste projeto, após meses de leitura e de reflexão, estas palavras corroboram a certeza incontornável do caráter sempre inacabado de uma tradução. Podemos afirmar que para um texto não há *uma tradução*, mas sim uma multiplicidade de projetos de tradução, todos potencialmente adequados. Concebemos, pois, que a tradução é uma tarefa sem fim, porque a tradução ideal jamais é alcançada. Como reconhecia Ricoeur (2006), traduzir é abandonar o sonho de perfeição para explorar a arte do possível e a “construção do comparável”.

A proposta de tradução aqui contida encontrou uma forma, o que não significa, porém, que seja essa a única forma que se entendeu como possível. Na realidade, o projeto de tradução viu-se permanentemente confrontado com a variedade de possibilidades, com permanentes hesitações, sendo que as sucessivas reescritas a cada nova leitura do texto traduzido, demonstram o caráter esquivo daquela formulação exata que uma e outra vez se procura. O processo tradutório é, intrinsecamente, uma torrente de questões e opções a cada momento: a procura do registo, a busca incessante pelo termo que mais se adequa ao valor semântico do termo utilizado no texto original, a reestruturação de frases, a tentativa de interpretar o “eu” subjetivo do autor do texto original, de transpor obstáculos linguísticos, culturais, temporais... problematizam ainda mais esta demanda. Tornou-se evidente, ao longo deste processo tradutório que, pese embora tenhamos recorrido a teorias preconizadas por diversos autores, a leitura e interpretação do tradutor imprimem, inevitavelmente, um cunho individualizante ao texto traduzido.

De facto, definir uma teoria de tradução que seja aceite como universalmente correta é um desafio que, até aos dias de hoje, nenhum teórico conseguiu resolver. Talvez essa resposta nunca venha a ser encontrada, tendo em conta o caráter relativo e dinâmico das palavras, das diferentes línguas e culturas. A relatividade e transitoriedade do labor tradutório são, pois, características que o tradutor nunca deverá olvidar.

Tornou-se também claro que, na complexa tarefa de traduzir, o tradutor, na função de mediador, dialoga obrigatoriamente com duas partes, o autor e o leitor, buscando compreender e interpretar o *génio* do primeiro e transportá-lo de forma inteligível para o

mundo do segundo. Compete, pois, ao tradutor decodificar a construção na língua de partida e tentar fazer com que esta tenha sentido para quem fala, vive e pensa na língua de chegada. Na tradução de textos que, como os apresentados no presente projeto, distam no tempo e no espaço, afigurou-se indispensável fazer um recorte da sua periodicidade. Para conseguir a proposta de tradução aqui apresentada foi fundamental fazer leituras e releituras cujo olhar se voltou não só para uma reflexão sobre a estrutura linguística e estilística do texto de partida, mas também para a busca de conhecimento sobre a vida da autora e do contexto em que escreveu a sua obra, sendo evidente que é possível estabelecer um paralelismo entre o plano ficcional e o trajeto pessoal e ideológico da escritora.

Um ponto nevrálgico que nos interessou particularmente neste trabalho de tradução foi: como transpor a realidade extralinguística que transparece no texto a ser traduzido para um leitor que não vive nessa realidade? Foi opção deste trabalho evitar uma tomada de posição extrema, pretendendo-se um texto fluente que, contudo, não subtraísse ao texto referências à cultura de partida. Neste aspeto, a tradução não se manteve totalmente subordinada à cultura de partida (o que poderia pôr em causa a eficácia comunicativa), mas, por outro lado, também não se prostrou perante a cultura de chegada, retirando toda e qualquer marca de alteridade ao texto. Procurámos, assim, um equilíbrio entre os conceitos de *aceitabilidade/adequação*, *domesticação/estrangeirização*.

Percebemos, com esta tomada de decisões, que o tradutor não realiza, jamais, um trabalho puramente técnico. A tradução, por sua vez, exerce o papel de ferramenta intercultural, possibilitando aproximação entre culturas e tornando o Outro inteligível. Como defende Venuti (1998), “translation, like any writing, is usually practiced in solitary conditions. But it links multitudes, often in the most unexpected groupings” (p.4). Especialmente no campo da tradução literária, o tradutor medeia uma negociação entre línguas e culturas distintas e cabe-lhe encontrar a posição de equilíbrio: se, por um lado, é inevitável fazer alterações decorrentes das restrições da língua e do contexto de chegada, por outro lado tais alterações não implicam que o texto traduzido se torne, aos olhos do leitor, uma expressão da *sua* própria cultura. De facto, consideramos que, pese embora o tradutor utilize as convenções da língua de chegada, para tornar o texto compreensível ao leitor, a tradução deve decorrer sem apagar a alteridade, a qualidade de estrangeiro do texto de partida. Neste sentido, idealmente, o tradutor deverá penetrar profundamente no texto a traduzir, analisá-lo, conhecer o estilo do autor e do mundo em

que o mesmo criou esse texto para, tendo absorvido esse conhecimento, poder representar na língua de chegada a sua leitura e interpretação de um texto produzido numa língua diferente. Podemos dizer que o tradutor que não se envolve com a cultura (de partida e de chegada) verá dificultada a realização do seu trabalho.

Ademais, além das diferenças linguístico-culturais, deveremos ainda considerar o fator cronológico, porquanto, como sustenta Steiner (2002), “toda a leitura profunda de um texto que nos chega do passado de uma língua ou de uma literatura é um ato de interpretação multimodo”(p.44). A tradução de textos escritos há mais de um século e meio, como é o caso do presente projeto, exige por parte do tradutor um olhar ainda mais atento, uma procura ainda mais intensiva de possíveis significados, atentando sempre à ação do tempo sobre a língua. O tradutor é, pois, uma presença ativa na tradução por se inserir num contexto social, cultural e histórico e por tomar decisões a partir da sua compreensão da mensagem do texto de partida. Corroboramos, portanto, a ideia de que, em diferentes épocas históricas, poderão resultar leituras diferentes do texto original, pois a reescritura do texto é moldada de acordo com propósitos possíveis, mediante forças, constrangimentos e expectativas de um complexo polissistema cultural de chegada. Essa forma de conceber a tradução justifica o facto de, em diferentes épocas, surgirem novas traduções de grandes obras, pois ainda que o original permaneça, o sentido atribuído ao mesmo não é imutável e a-histórico. Poderíamos aqui adentrar a tão debatida dicotomia *fidelidade e liberdade*, sendo que as polissemias próprias do texto literário e a impossibilidade de resgatar totalmente as intenções originais do autor nos impedem de falar de uma fidelidade inabalável. Relativamente a este aspeto, evocamos Umberto Eco com as reflexões que encerram a sua obra já citada:

A conclamada «fidelidade» das traduções não é um critério que leve à única tradução aceitável (...). A fidelidade é antes a tendência para crer que a tradução é sempre possível se o texto-fonte tiver sido interpretado com apaixonada cumplicidade, é um empenho em identificar o que para nós é o sentido profundo do texto, e a capacidade de negociar a cada instante a solução que nos parecer mais certa.

Se consultarem qualquer dicionário verão que entre os sinónimos de fidelidade não está a palavra exactidão. Em vez dela estão *lealdade, honestidade, respeito, piedade*. (Eco, 2005, p.376).

Conquanto conscientes da relevância de fatores culturais para compreendermos o texto de partida e para o expressarmos numa língua diferente, não podemos descurar reflexões de viés mais linguístico. O texto verbaliza pensamentos, concepções do mundo e, no trabalho de tradução, a comparação sistemática das línguas envolvidas, a

identificação de pontos de convergência e de divergência, são fulcrais. Recorremos, por isso, aos subsídios teóricos de Vinay e Darbelnet para resolver algumas questões que foram surgindo ao longo do processo tradutório, para observar os mecanismos linguísticos que se manifestam em todo e qualquer ato tradutório e para delimitar e explicar a forma como se chegou a um termo ou construção considerados como mais adequados no contexto de chegada, tendo, contudo, a certeza de não ser essa a única interpretação válida ou possível. Entre os casos que apresentaram maior dificuldade destacam-se aqueles em que não se encontrou termo equivalente no contexto de chegada. Isso poderia conduzir-nos a uma reflexão sobre o caso específico da palavra “saudade”, uma palavra “tão nossa”. Se existe apenas em língua portuguesa, será que os falantes de outras línguas não têm esse sentimento? Muitas vezes paira sobre o processo tradutório este estigma da impossibilidade de dizer tudo, o que não significa que essa realidade não exista no outro contexto, mas antes que a sua percepção difere e, por isso, também a forma como a verbalizamos. No contexto deste projeto, podemos exemplificar esta situação com o termo “quadroon”. Este termo, profundamente enraizado numa dimensão histórica e cultural do contexto de partida, inexistente na língua de chegada (ainda que faça parte do léxico do português do Brasil), foi objeto de reflexão cuidada e atenta. Pese embora não tenhamos encontrado um equivalente exato, cremos que não houve prejuízo para o leitor do texto traduzido, uma vez que a ideia de alguém que descende de uma relação inter-racial prevalece, ainda que, no texto português, a expressão “matemática” do termo se perca (alguém com um quarto de sangue negro).

Diante do que foi exposto, e à guisa de conclusão, podemos afirmar que neste empreendimento de tradução, procurámos ir ao encontro da interpretação mais eficaz, numa tentativa de preservar o núcleo expressivo do texto de partida, apesar das constantes negociações entre perdas e ganhos advindos das necessárias manipulações do texto. Sustentando a nossa prática nas potencialidades de diversas perspectivas teóricas, encetámos este projeto com o objetivo de criar uma tradução que se coadunasse com o “espírito” do texto original.

A proposta de tradução dos contos de Louisa M. Alcott que aqui se oferece, ainda que modesta no seu alcance, pretende constituir uma tentativa de desofuscar uma parte da criação literária da autora até ao momento desconhecida no contexto português. Na aceção de Walter Benjamin (2000), procurámos possibilitar uma passagem de um texto entre duas línguas e duas épocas, numa tentativa de lhe atribuir uma *sobrevida*.

Referências Bibliográficas

1. *Corpus de Tradução*

Alcott, L. M. (2007). *Louisa May Alcott's Civil War*. Roseville, Minnesota: Edinborough Press.

Elbert, S. (Ed.). (1997). *Louisa May Alcott on race, sex, and slavery*. Boston: Northeastern University Press.

2. *Bibliografia Secundária*

Aaron, D. (1973). *The Unwritten War: American Writers and the Civil War*. New York: Knopf

Baker, M. (1992). *In Other Words. A coursebook on translation*. London /New York: Routledge

Baker, M. (1998). *The Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/ New York: Routledge.

Bassnett, S. (1996). The Meek or the Mighty: Reappraising the Role of the Translator. In R. Álvarez, & M. C. Vidal (Eds.), *Translation, Power, Subversion* (pp.10-23). Clevedon, Philadelphia, Adelaide: Multilingual Matters LTD.

Bassnett, S. (2003). *Estudos de Tradução* (V. de Campos Figueiredo, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Bassnett, S. & Lefevere. A. (Eds.). (1998). *Constructing Cultures. Essays on Literary Translation*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

Benjamin, W. (2000). The Task of the Translator (Harry Zohn, Trad.). In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp.15-25). London / New York: Routledge.

Cheney, E. (Ed.). (1889). *Louisa May Alcott: Her Life, Letters, and Journals*. Boston: Roberts Brothers. Acedido em 10 de abril de 2013. Disponível em: <http://archive.org/details/louisamayalcoth00alcouoft>.

- Eco, U. (2005). *Dizer Quase a Mesma Coisa sobre a Tradução* (José Colaço Barreiros, Trad). Algés: Difel.
- Eiselein, G., & Phillips. A. K. (Eds.). (2001). *The Louisa May Alcott Encyclopedia*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Emerson, R. W. (1836). *Nature*. Boston: James Munroe and Company. Acedido em 11 de maio de 2013. Disponível em: <http://ia700204.us.archive.org/22/items/naturemunroe00emerrich/naturemunroe00emerrich.pdf>
- Even-Zohar, I. (1990). Polysystem Studies. *Poetics Today*, 11(1). Acedido em 7 de março de 2013. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf>
- Even-Zohar, I. (2000). The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp.221-232) London/ New York: Routledge.
- Flor, João A. (1988). Traduzir — Algumas linhas para reflexão. *Revista ICALP*, 11, 16-23. Acedido em 10 de setembro de 2013. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/traduzir.pdf>
- Gentzler, E. (2001). *Contemporary Translation Theories* (rev. 2nd ed.). Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- Hamilton, C. J. (1893). *Women Writers: Their Works and Ways*. London: Ward, Lock & Bowden. Acedido em 8 de abril de 2013. Disponível em: http://archive.org/details/women_writers_their_works_and_ways/02hamiuoft
- High, P. (1986). *An Outline of American Literature*. London/ New York: Longman.
- Holmes, J. S. (2005) On Matching and Making Maps: from a Translator's Notebook. In J. S. Holmes, *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (3rd ed.). (pp.53-64). Amsterdam: Rodopi. Acedido em 5 de maio de 2013. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=f6mTvPXluf4C&pg=PA23&lpg=PA23&dq=Translated!+Papers+on+Literary+Translation+and+Translation+Studies.&source=bl&ots=g5gNzMB1Wx&sig=idC5wt6kVIY4R5w>
- Holmes, J. S. (2000). The Name and Nature of Translation Studies. In L. Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp.172-185). London/New York: Routledge.

- Landers, C. E. (2001) *Literary Translation. A Practical Guide*. Clevedon, Buffalo, Toronto, Sidney: Multilingual Matters Ltd.
- Lefevere, A. (1992). *Translation Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge.
- Lefevere, A. (Ed.) (1992a). *Translation/History/Culture: A Sourcebook*. London/ New York: Routledge.
- Person, L. S. (2007). *The Cambridge Introduction to Nathaniel Hawthorne*. Cambridge/ New York: Cambridge University Press.
- Ricoeur, P. (2006). *On Translation* (Eileen Brennan, Trad.). New York: Routledge.
- Schleiermacher, F. (2003). Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir [Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens]. Edição Bilingue (José M. Miranda Justo, Trad.). Porto: Porto Editora.
- Showalter, E. (Ed.). (1988). *Alternative Alcott*. New Brunswick/ New Jersey/ London: Rutgers University Press.
- Steiner, G. (2002). *Depois de Babel – Aspectos da Linguagem e Tradução* (Miguel Serras Pereira, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Toury, G. (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins B.V.
- Turnquist J. (2007). Introduction. In L. M. Alcott, *Louisa May Alcott's Civil War*. (pp.1-12). Roseville, Minnesota: Edinborough Press.
- VanSpanckeren, K. (1994). *Outline of American Literature*. Acedido em 11 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.america.gov/publications/books/outline-of-american-literature.html>
- Venuti, L. (1995). *The Translator's Invisibility: a history of translation*. London/ New York: Routledge.
- Venuti, L. (1998). *The Scandals of Translation: towards an ethics of difference*. London/ New York: Routledge.
- Venuti, L. (2000). Translation, Community, Utopia. In L. Venuti (Ed.). *The Translation Studies Reader* (pp.468-488). New York: Routledge.

Vinay, J.P., & Darbelnet, J. (1975): *Stylistique comparée du français et de l'anglais. Methode du Traduction* (éd. rev. et cor.). Paris: Didier.

Young, E. (1999). *Disarming the Nation: Women's Writings and the American Civil War*. Chicago: The University of Chicago Press.

3. Dicionários e Gramáticas

Collins English Dictionary. (2009).(10th ed.). Glasgow: Harper Collins

Cunha, C., & Lindley, C. (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (17.^a ed.). Lisboa: Edições João Sá da Costa.

Dicionário Inglês- Português. (2009). (5.^a ed.). Porto: Porto Editora

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/>

Merriam-Webster Online Dictionary. Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/>

Oxford Advanced Learner's Dictionary. (2005). (7th ed.). Oxford: Oxford University Press